

Portugal, o primeiro aviso de Mensagem: 106 documentos inéditos

Nicolás Barbosa*, Jerónimo Pizarro**, Carlos Pittella*** & Rui Sousa****

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Poesia, Portugal, Encoberto, *Mensagem*, Camões, *Os Lusíadas*, Épico.

Resumo

Quando julgamos conhecer Fernando Pessoa, volta a surgir uma surpresa: desta vez relacionada com a génese de *Mensagem*, o livro mais fixo e consagrado do cânone pessoano. Esta obra, publicada em 1934 com um título finalizado na altura da composição tipográfica, chamava-se inicialmente *Portugal* – inscrição que remonta a 1910, data em que Pessoa, desiludido com a monarquia portuguesa e procurando imitar Luís de Camões, começou a escrever uma série de Cantos sob tal designação geral, embora sem reconstruir uma história pátria meramente linear ou celebratória (como costuma ser o caso em Pessoa, abundam ironia e complexidade). Arquivado entre fragmentos destinados a diversos dramas – entre os envelopes numerados 11 do espólio pessoano –, *Portugal, o primeiro aviso de Mensagem*, é revelado neste contributo, contando com mais de uma centena de documentos inéditos que orientem novas incursões críticas e convidem a uma redescoberta de *Mensagem*.

Keywords

Fernando Pessoa, Poetry, Portugal, Encoberto, *Message*, Camoens, *The Lusiads*, Epic.

Abstract

When we think we know Fernando Pessoa, a new surprise arises: this time, one related to the genesis of *Mensagem*, the most established and celebrated book of the Pessoa canon. That book, published in 1934 with a title only finalized at the time of the typographical proofs, was initially called *Portugal* – an inscription dating from 1910, when Pessoa, disappointed with the Portuguese monarchy and seeking to imitate Luís de Camões, began a series of *Cantos* under that general name, though not intending to reconstruct a national history merely linear or celebratory (as usual in Pessoa, both irony and complexity abound). Archived among fragments attributed to various dramas – in the envelopes with the number 11 of the Pessoaan literary estate –, *Portugal, the first notice of Mensagem*, is revealed in this contribution, including more than one hundred unpublished documents that may guide new critical incursions and invite a rediscovery of *Mensagem*.

* Brown University, Department of Portuguese and Brazilian Studies.

** Universidad de los Andes, Departamento de Humanidades y Literatura; Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Comparatistas (CEC/FLUL) & Centro de Estudos de Teatro (CET/FLUL).

*** Universidade de Lisboa, Centro de Estudos de Teatro (CET/FLUL).

**** Universidade de Lisboa, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL).

I. INTRODUÇÃO

Com a publicação da edição de *Mensagem* pela Imprensa Nacional em Dezembro de 2018, com distribuição em 2019, o único livro em português publicado em vida por Fernando Pessoa (em 1934) ganhou uma segunda edição crítica. A primeira, poucas vezes devidamente lida e citada, embora representando um marco em 1993, fez parte da colecção Archivos apoiada pela UNESCO. E a obra ainda há-de ganhar uma terceira edição crítica, *forthcoming*, que será publicada pela Tinta-da-china, não porque as anteriores não sejam notáveis e de consulta obrigatória, mas porque a descoberta de novos materiais justificava uma nova proposta, e porque o enquadramento de *Mensagem* (publicada em 2018 junto a poemas “publicados em vida” e traduções, e em 1993 junto a “poemas esotéricos”) merecia ser revisto. De facto, o plano de publicar *Mensagem* em edição crítico-genética vem de longe, ainda que com percalços: nunca se materializou uma exposição sobre a obra proposta por Pizarro aquando dos 75 anos (2009), mas ficou feita uma pesquisa que permitiu reunir muitos materiais; e a Fundação Calouste Gulbenkian, em 2018, negou o apoio a um projecto proposto por Pittella, que intencionava apresentar em 2019 a edição crítica sonhada. Na sua proposta, Pittella explicava:

Para o estabelecimento textual, a equipa coordenada por Seabra [José Augusto Seabra, coordenador da edição de 1993] empreendeu o confronto de três lições principais: as provas datilografadas da edição de 1934 anotadas por Pessoa; a edição *princeps*; e uma cópia do livro contendo revisões feitas pelo poeta após a publicação. No caso de alguns poemas de *Mensagem*, a edição crítica também examinou lições manuscritas anteriores às provas de 1934. Entretanto, a edição de 1993 não levou em consideração todo o material que Pessoa preparou para os projetos “Portugal” e “Encoberto”, que seriam absorvidos por *Mensagem*. Portanto, muito desse material genético permanece inédito, incluindo pelo menos 100 manuscritos já localizados, à espera de uma nova edição crítica.

O material referido, inédito até hoje, não foi estudado por nenhum dos editores passados de *Mensagem*, embora ocasionalmente se refira que Pessoa teve, desde o início de 1910, o projecto de um poema em cantos intitulado *Portugal*, talvez porque exista uma lista de poemas em que o escritor português registou: “Portugal – poema em 6 cantos” (PESSOA, 1988: 199; 2018b: 354). Mas o que é que sabemos desse projecto “Portugal”, desses cantos, e porque fazer um estudo das origens do “Encoberto” como propôs Pittella? Este contributo destina-se a responder tais interrogações e a dar a conhecer um trabalho de transcrição que começou com Barbosa em 2018 sob a orientação de Pizarro e Pittella, e um trabalho de descrição de materiais e anotação a que deu continuidade Pizarro, com o apoio de Sousa. Pode parecer surpreendente, mas, nos seus alvares, a génese de *Mensagem* ainda é desconhecida, apesar da existência de uma bibliografia já esmagadora e de duas edições críticas.

Mensagem é uma das obras mais editadas e estudadas de Pessoa. Para quantificar essa afirmação, pode-se dizer que a biblioteca de poesia da Casa Fernando Pessoa conta com mais de 30 edições diferentes e que a bibliografia *Pessoana*, compilada por José Blanco (2008), indica mais de 400 entradas sobre a obra, incluindo edições, traduções, artigos e resenhas. Contudo, apesar de ter gerado grande interesse académico e popular desde a sua primeira publicação em 1934, *Mensagem* ainda é – e ainda bem que o é – uma obra aberta, que está por estudar e por estabelecer de forma mais definitiva através do trabalho próprio da filologia.

A edição de 1993, baseando-se parcialmente no trabalho genético de Maria Aliete Galhoz para a *Obra Poética* da Aguilar (1960) e da Nova Aguilar (1969), tem muitos méritos, dentre os quais se destacam:

a) o confronto sistemático dos três principais testemunhos textuais de *Mensagem*, nomeadamente o conjunto dactilografado (para a tipografia) de 1934, a própria edição impressa do livro e um exemplar contendo revisões manuscritas feitas pelo poeta após a publicação;

b) a compilação, com transcrições e fac-símiles, de alguns manuscritos anteriores às provas dactilografadas (como “Gládio” e “O Mostrengo”), assim como de outros textos de poemas que parecem ter sido considerados para o livro, mas que não chegaram a integrar a edição de 1934 (como “Ironia” e uma versão de “Afonso de Albuquerque”);

c) a proposta da leitura de *Mensagem* em justaposição a uma série de poemas classificados como “esotéricos” pela equipa editorial; e

d) a apresentação de uma constelação de estudos genéticos, interpretativos, ideológicos, bibliográficos e de recepção, que integram o volume.

Embora os contributos “c” e “d” acima não sejam elementos essenciais de edições críticas como as propostas, por exemplo, pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, os pontos “a” e “b” são tarefas obrigatórias para o estabelecimento textual. Nesse sentido, apesar do grande avanço da edição de 1993, convém reiterar que nunca foi feita uma investigação exaustiva do material que Pessoa preparou para o projeto “Portugal”, que foi o título de *Mensagem* durante mais de 20 anos, antes de que Pessoa alterasse, pouco antes da impressão do livro, o título primeiro, riscando-o e substituindo-o pelo que conhecemos, com o mesmo número de caracteres (BARRETO, 2012; PITTELLA & PIZARRO, 2017: 147-151).

Interessa, pois, para numa nova edição de *Mensagem*, estudar todo o material do espólio pessoano que tenha sido, em alguma altura da vida do poeta, atribuído a “Portugal” e a projetos relacionados, como “Legendas” e “Encoberto”, sendo este último também o título da terceira parte do livro de 1934.[†]

[†] Porções desse material genético vieram à tona após a edição de 1993. Por exemplo, a recente edição crítica do *Fausto* de Pessoa (2018) nota que a “Canção do Destino”, atribuída ao “Fausto”, fora

Entretanto, muito material genético relevante permanece inédito. Com as investigações feitas para a edição crítica do *Teatro Estático* (2017) e para o projeto “Fausto: uma existência digital” (do Centro de Estudos de Teatro, FLUL), cerca de cem documentos inéditos foram localizados no espólio pessoano, em que surgem, por exemplo, as atribuições “Encoberto” e “Portugal”, a localidade “Alcacer-Kibir” e as personagens “Braganças”, “Velho” (do Restelo?) e “Marquez de Pombal”. Portanto, ainda não se conhece todo o processo genético de *Mensagem*, que só os arquivos de Pessoa podem revelar.

Contribuindo para este *work in progress* colectivo e como um convite a revisitarmos *Mensagem*, livro que não merece ser transformado em pedra pelo olhar da canonização, nas páginas seguintes poderá o leitor de *Pessoa Plural* ler os cantos de *Portugal* e descobrir um projecto inédito que está na génese desta obra que fez e faz com que Pessoa seja referido, por antonomásia, como “o autor de *Mensagem*” ou “da *Mensagem*”. Em termos de utilidade e repercussão para os estudos pessoanos, a apresentação de novos manuscritos implica a necessidade de rever teorias já estabelecidas sobre a obra de Pessoa. Abundam os exemplos, bastando lembrar as diversas edições do *Livro do Desassossego* ou do *Fausto*, que levam a leituras e juízos muito diferentes acerca dessas obras; ou a publicação de “Alma de corno”, um soneto de escárnio que desafia a percepção estabelecida sobre a poesia ortónima e cujo tom lembra a maledicência de alguns fragmentos de *Portugal* (11⁷ EN-58; cf. PITTELLA, 2015). A edição do material aqui reunido pode proporcionar um novo conhecimento de *Mensagem*, um livro que já foi e continua a ser lido de muitas formas (obra mística, nacionalista, ou histórica, para citar três exemplos), mas que ainda não foi abordado, completamente, de uma perspectiva crítico-genética. Até porque, se *Mensagem* deve ser lido à luz dos poemas “publicados em vida”, então também deve ser lido tendo em consideração todos aqueles *não* publicados até finais de Novembro de 1935.

*

De *Portugal* – que também teve como título *O Encoberto* – é forçoso destacar, logo de início, duas notas ou indicações deixadas por Pessoa. Em primeiro lugar, há uma nota que se encontra num fragmento do Canto III (11⁷ EN-44^r), segundo a qual um propósito do autor era imitar *Os Lusíadas* de Luís de Camões. Quem percorrer as estrofes seguintes, não deixará de notar, em princípio, que Pessoa imita a oitava rima camoniana, isto é, estrofes de oito decassílabos principalmente heroicos com esquema rímico fixo ABABABCC, e que imagina uma obra dividida em cantos, não os dez d’*Os Lusíadas*, mas pelo menos cinco, que também descrevem episódios da

inicialmente destinada ao projeto “Portugal”, guardando estreita relação métrico-semântica com outros textos integrados em *Mensagem* (PESSOA, 2018: 166 & 483).

história de Portugal – embora não necessariamente para os glorificar, mas para frequentemente os satirizar. Pessoa, leitor de Camões, a quem sonhou ultrapassar (daí o vaticínio de um supra ou super Camões), mas também de Guerra Junqueiro, cuja obra *Pátria* (de 1909) impressionara Pessoa, tanto podia ser o arauto de uma pátria de sonho, à que voltaria o Encoberto, como o seu crítico mordaz. De facto, a Monarquia, anterior à Primeira República era, para Pessoa, quase uma ausência de pátria, e as figuras dessa forma de governo – tais como depois as do republicano, que também, e muito depressa, o desiludiram – anti-heróis de um país que ainda não se cumpria enquanto tal.

Em segundo lugar, Pessoa indica que abandonou a escrita de *Portugal* – pelo menos numa primeira fase – depois da revolução republicana de 5 de Outubro de 1910: “Recentes e gloriosos dias tornaram, felizmente, irrisoria esta poesia prefacial” (11⁷ EN-71^r). Desejoso de anunciar o fim da monarquia portuguesa, o seu anti-cantor terá abandonado o projecto da sua poesia não glorificadora dada a queda da monarquia: um acontecimento político teve uma inesperada repercussão literária. Pessoa, que em meados de 1910 estava a organizar os poemas de Alexander Search em livro (vejam-se as muitas folhas em que figura o nome do Search e repare-se que são suportes idênticos aos que Pessoa utilizou para passar a limpo poemas de Search) e dedicava horas a anti-celebrar a história de Portugal, de súbito testemunhou uma mudança histórica e começou, conseqüentemente, a mudar de projectos e interesses.

Portugal parece um projecto que, numa primeira fase, ocupou dois meses de 1910: “Agosto-Setembro” (11⁷ EN-71^r). Isto é, um projecto posterior aos meses de Abril, Maio, Junho e Julho desse ano, que são os meses das pequenas folhas destacadas de um calendário e utilizadas para escrever alguns fragmentos (cf. 11⁷ EN-4, 53, 78, 80 e 96). A 1910 apontam a maior parte dos documentos ora descritos e apresentados: desde o *Almanach* d’A Editora para 1910 (11⁷ EN-35), até aos cartões com a morada Rua da Gloria, 4 (11⁷ EN-51 e 52), para onde Pessoa se mudou em Novembro de 1909 – deixando os cartões de ter utilidade –, passando pelo carimbo e o papel timbrado da Empresa Ibis (11⁷ EN-25 e 85), extinta antes da revolução de 5 de Outubro. Mesmo outros, como essa pequena folha timbrada da firma “Mario Freitas & C.^A | Comissões | Rua do Carmo, 35, 2^o | Lisboa” (11⁷ EN-7), com a morada da Agência Mineira Anglo-Portuguesa, criada em 1909, e da qual se conservam no espólio pessoano impressos que terão sido feitos em finais de 1909, dado que o espaço para a data diz: Lisboa, ... de ... de 191..., como por exemplo, 92C-78, que contém um texto sobre o líder republicano Afonso Costa, a quem Pessoa detestava, que começa “Affonso Costa é o typo symbolisante do actual periodo republicano”. Ou então o fragmento quadrado de papel em que existe um conjunto de contas relativas à aquisição de mobília velha e nova (11⁷ EN-39), que lembra a mudança de Pessoa da Rua da Bela Vista à Lapa, 17, para a Rua da Glória, 4; veja-se,

por exemplo, a descrição de duas peças (29-37 e 29-90) na edição crítica do *Fausto* (PESSOA, 2018b: 398), peças que:

constituem as metades de uma lista de afazeres de Pessoa, com anotações em inglês sobre dinheiro a receber e objectos a vender: “Estimate of Money to be received”, “Furniture: sell desk and chest of drawers”, “Dispose of Jewellery”, “Sell things (furniture) now in R. Bella Vista”, etc. (para a lista completa, vide notas aos documentos em questão). Pessoa viveu na Rua da Bela Vista à Lapa entre Maio de 1907 e Novembro de 1909; a casa era da tia-avó Maria, mas lá também viviam a tia-avó Rita e a avó paterna Dionísia (que faleceria em Setembro de 1907); é provável que as jóias citadas sejam da avó Dionísia, de quem Pessoa era o único herdeiro; a lista ainda dá a entender que o poeta já não morava na Rua da Bela Vista, o que nos permite situar esses documentos em fins de 1909.

Muitos dados apontavam para fins de 1909 ou inícios de 1910, sendo que é Pessoa quem fornece, como já se disse, as datas de “Agosto-Setembro” de 1910, que, a nosso ver, são reais, mesmo que alguns esboços possam ser anteriores ao mês de Agosto. As muitas referências a poemas e projectos de Alexander Search, tais como “Flashes of Madness” (11⁷ EN-56^v), “Sunlight and Moonlight” (11⁷ EN-60^v) “Oddities” (11⁷ EN-61^v), “Agony. | Symbolic Poems” (11⁷ EN-64^v) e “Nonsense” (11⁷ EN-66^v), também não desmentem a datação referida, visto que figuram em listas de Search anteriores a Maio de 1910 (cf. Pessoa, 1997: II, 31-33, 55-60, *et. seq.*). De 1910 também será um pequeno pedaço de papel em que *Portugal* é descrito como um “esboço épico” e em que figura a indicação (riscada) de “passar a pamphleto”: tanto “O Trust [das Livrarias]”, como “Comparando...”, textos destinado inicialmente ao jornal *O Iconoclasta* (11⁷ EN-91^r). Portanto, *Portugal* pode ser visto como um poema em cantos cujas datas iniciais conhecemos bem.

Mas Pessoa retomou a escrita de *Portugal* depois de 1910 e o projecto nunca desapareceu de alguns planos e esquemas pessoanos. No núcleo documental que apresentamos neste artigo, há uma área, mais para o fim do conjunto, com manuscritos datáveis de 1913, dos quais se destacam um envelope com este carimbo: “Funchal | 3 JUN 13 | MADEIRA” (11⁷ EN-86^r); e um bifólio pautado com timbre do café A BRAZILEIRA, em que se encontra um testemunho do soneto “Imagens que passaes pela retina,” de Camilo Pessanha, numa letra que não é a de Pessoa (11⁷ EN-92).

O interessante – foi uma das descobertas deste trabalho – é que para começar a falar da génese de *Mensagem* em termos do poema mais antigo do corpus (“Gládio”, depois intitulado “D. Fernando”, de 21-07-1913), é preciso recuar até 1910, porque entre os manuscritos de 1910 existe uma estrofe que começa “Deus fez de mim seu gladio e a sua lyra”, que se pode considerar um dos primeiros rascunhos materiais dos versos do poema n.º 12 de *Mensagem*: “Deu-me Deus o seu gladio, porque eu faça | A sua santa guerra”. E, mesmo que o tom mude de 1910 para 1913,

porque em 1913 *Portugal* já é um projecto contemporâneo do *Livro do Desassossego*, é de 1910 a imagem seminal de um Poeta-Encoberto sagrado com um Gládio.

Para concluir esta introdução, convém indicar que Pessoa descreveu *Portugal* não apenas como “esboço épico” (ver *supra*), mas também como “epic fragment” (48H-49^r), “esboço poético” (48H-7^r), “poema” (48H-8^r) e “poema em 6 cantos” (48E-6^r), e que pelo menos em 1914 terá hesitado entre os títulos *Portugal* e *Gládio* (66C-30^r).

Ler *Portugal* é ler uma obra por vezes mais junqueriana ou volteriana do que camoniana, em que já estava prefigurada uma dimensão profética e em que o poeta dramático que foi Pessoa se revela também um poeta épico, com notáveis momentos líricos e elegíacos. No âmbito dos estudos de teatro, interessa pensar que pelo menos alguns dos materiais preparatórios de *Mensagem* foram inicialmente concebidos por Pessoa como autos ou poemas dramáticos; assim, estudar a génese de *Portugal*, antes e depois de 1913, é também importante para uma compreensão mais abrangente da obra pessoana, que o próprio escritor chegou a considerar como essencialmente dramática. Mas esse já seria o propósito de uma outra investigação, que, incida, por exemplo, na génese do grande projecto intitulado “Legendas”, que abrangeu, a certa altura, o ciclo poético “Mar Portuguese”, isto é, a segunda parte de *Mensagem*.

Nota sobre os símbolos de transcrição: registam-se aqui as variações de cada texto a partir dos originais do espólio de Fernando Pessoa (Biblioteca Nacional de Portugal / Espólio n.º 3; BNP/E3). Nas notas podem ocorrer os símbolos abaixo, também utilizados na edição crítica das obras do autor.

- espaço deixado em branco pelo autor
- * leitura conjecturada
- † palavra ilegível
- // passagem com hesitação do autor
- ◇ segmento autógrafo riscado
- ◇/\ substituição por superposição
- ◇[↑] substituição por riscado e acrescento
- [↑] acrescento na entrelinha superior
- [↓] acrescento na entrelinha inferior
- [→] acrescento à direita
- [←] acrescento à esquerda
- []↔[] transposição

Intervenções editoriais são dadas entre parênteses retos; notas do editor figuram sempre em itálico.

II. TRANSCRIÇÃO DE *PORTUGAL*

1. Canto I

- 1.1. estrofes numeradas
- 1.2. estrofes não-numeradas
- 1.3. outros fragmentos

2. Canto II

- 2.1. estrofes
- 2.2. fragmentos

3. Canto III

- 3.1. estrofes
- 3.2. fragmentos

4. Canto IV

- 4.1. estrofes numeradas
- 4.2. estrofes não-numeradas & um fragmento

5. Canto V e/ou Último Canto

- 5.1. estrofes & fragmentos

6. Epilogo

- 6.1. estrofes & fragmentos

7. Textos sem atribuição de Canto

- 7.1. estrofes & fragmentos numerados sem atribuição de Canto
- 7.2. estrofes não-numeradas sem atribuição de Canto
- 7.3. fragmentos não-numerados sem atribuição de Canto

1.1. Canto I: estrofes numeradas

[11⁷ EN-5^r]

I

Cessara a commoção e a dôr que o dia
 Abafara em seu vôo sem repouso
 Sobre a cidade lenta enlanguescia
 Um crepusculo suave e luminoso
 5 Nos telhados □ onde dormia
 Uma luz meio luz, como que em goso
 Demorando-se, tenue e fugitiva
 Na sua morte □ e viva.

NOTAS:

- 1 O incipit *ressurge, solto, num fragmento possivelmente mais antigo* (vide 11⁷ EN-72^v).
 2 /<De> Déra ao rumôr [↑ Abafara em seu vôo <luminoso> {↑ harmonioso} {↓ /sem/ repouso}]/
 3 <Já o crepusculo> [↑ Sobre a cidade /vazia/ {↑ lenta}] *apesar do aparente espaço em branco após “lenta”, o decassílabo está completo.*
 4 claro [↑ suave]
 5 <Pelos> [↑ Nos] telhados <onde> □ onde
 7-8 <Mas em mim renascia em sensação | A antiga dôr, a antiga commoção.> | [→ Demorando-se, tenue e fugitiva | Na sua morte □ e viva.] *note-se como as duas linhas canceladas serão quase integralmente reaproveitadas para concluir a estrofe II em 3^r.*

[11⁷ EN-3^r]

II

Inda um ruido como que affastado,
 Das cousas proximas silentemente
 Subia como que de sêr cançado
 E de ser triste pouco descontente
 5 E enquanto assim de si estava encostado
 O mundo ao pensamento de quem sente
 Dentro em mim renascia em sensação
 A antiga dôr, a antiga commoção.

NOTAS:

- 1 ruido<>
 4 nada [↑ pouco]
 5 adaptado [↑ encostado]
 6 <meditar> [↑ pensamento]
 8 dôr[,] *como a primeira versão desta linha (em 5^r) continha a vírgula, faz-se o acréscimo editorial.*

Acima da primeira linha, numa tinta distinta, encontra-se uma estrofe fragmentária e aparentemente cancelada, que pare ser uma variante do fragmento 7^r por conter a mesma rima “sonho/risnho”:

Sonhei ou vi? Não sei. O que é o sonho,
 Oh existencia? □
 É ser mais □ mais risonho
 □
 É ser em dôr e magua mais medonho

[11⁷ EN-5^r]

III.

Commoção, magua vã – da tua morte
 Oh patria, ás mãos do servo e do sequaz
 Gemia em mim a dôr da tua sorte
 E como as settas dormem no carcaz
 5 Odios e raivas – o pensar consorte
 Do enlouquecer – em mim fingiam paz,
 Mas no que eram rapidos mostravam
 Intenção diferente da em que estavam.

NOTAS:

Em 3^r também surge a indicação “III”, seguida apenas da nota “*obito”, o que parece ser referência à estrofe “III” desenvolvida em 5^r.

- 1 Embora o travessão no ms. possa ser lido como indicação de espaço em branco, o decassílabo está completo – tal como nas duas outras linhas da mesma estrofe em que ocorrem travessões.
- 2 de servos e <e> sequazes [↑ do servo e do sequaz]
- 4 nos carcazes [↑ no carcaz] o raro uso de “carcaz” pode ter ocorrido après uma leitura de Bocage c. 1910.
- 5 <E na minha alma □ † † carcazes> [↑ Odios <maguas> e raivas<,>/- \ o pensar consorte]
- 6 <Dormem as settas,> [↓ Do enlouquecer – em mim fingiam paz,]
- 7 □ <e a minha alma triste> [↓ <E> A dor amarga de que ella {E a minha alma a dor de quem} era escrava] [→ Mas no que eram /rapidos/ mostravam]
- 8 Luzes das lagrimas em si guardava. [→ Outro /modo/ d’aquelle em que estavam. {↓ Intenção diff^{te} da em que estavam.}]

[11⁷ EN-3^r]

IV

Como ao spirito vago de quem véla
 Correm as sombras e as pesadas horas
 Assim ao ser pensada se revela

Mais e mais viva (ó alma que demoras
 5 O teu olhar em ti) a dôr que séla
 O spirito *garrido em plethoras
 De loucas intenções e desconformes
 Pensamentos de raiva, altos e enormes;

NOTAS:

- 1 <olhar attento> [↑ spirito vago]
 3 no pensamento [↑ ao ser pensada]
 6 O adjetivo "garrida" também aparece num poema do Fausto de c. 1908-1909 (30-74r).
 8 /altos/

[11⁷ EN-3^v]

V

Assim me vi e vi-me como eu era
 Odiando, com odio surpreendido
 De se encontrar tão grande, como fera
 Consciente do □ e do sentido
 5 Da sua natureza e da tempêra
 Do seu intimo ser □ e medido
 Da consciência onde □ e cresce
 O odio, □ e não se desvanesce.

NOTAS:

- 1 Vi-me então como eu era<,>/ e como sou [↑ Assim me vi e vi-me como eu era]
 2 com [↑ <um>] odio
 5 /tempêra/ note-se o curioso acento tornando a palavra paroxítona, preservando-se a rima e a métrica.
 8 O odio, <a raiva que> [↑ e] não se /desvanesce/.

[11⁷ EN-3^v]

VI

Não de odio sinistro, mas d'aquelle
 Que por amar de mais do amôr se géra,
 Que por amar a pátria □
 Este amôr n'aquelle odio se transgéra
 5 Odio a quem a cobiça e o não impelle
 E a minha alma na □ em que era,
 □
 □

- 1 <dos> dos
 2 <a sua> [↑ o sofrimento]
 3 <não nem para elles,> [↑ <não> para elles,] *acentuação não-canónica.*
 4 dominando-<a>/o\
 5 <menos> [↑ n'uma]
 6 /dolorido/
 7 passa<r>/v\
 a

[11⁷ EN-5^v]

IX

- Morrera o sol, mas não a luz ainda
 E a tristeza que eu tinha amarga e fria
 Cresceu n'essa amargura á qual "infinda"
 Chama a alma febril que se extravia
 5 Na expressão □
 E o sentimento □ que me enchia
 Cresceu mais vivido, qual fogo ao vento
 E era o odio esse forte sentimento.

NOTAS:

- No. <V>/IX\
 1 <um> [↑ o] sol
 2 E a tristeza que <em mim> [↑ eu tinha] amarga <era> [↑ e <triste>] fria
 3 Cresceu n'uma[↑ essa] amargura da que [↑ á qual] "infinda"
 6 /E/

Abaixo desta estrofe, após a separação de uma linha horizontal, há alguns versos soltos que pertenceriam a uma outra estrofe, não numerada:

/Porque as palavras □ o recreio/
 Rios d'ouro correndo para um mar
 De ambições □
 E fome, dôr □ bracejar

Ainda, o canto inferior direito da página apresenta o símbolo , que reaparece no início de 2^a.

[11⁷ EN-2^r]

X

Ergui-me infirme e de alterados passos
 'Stremeci o silencio do salão,
 Pensando como os mais audazes braços
 Para o ardor d'essa raiva futeis são

5 Como no excesso de a sentir são lassos
 Na frouxa □ interpretação
 Os próprios termos ao nascerem n'alma,
 Como a palavra é exterior e calma...

NOTAS:

2 <E>' \stremeci
 5 <*todos> [↑ audazes] braços
 4 Para <dar a esse odio □ expressão;> [↑ o ardor d'essa raiva inertes {↓ inuteis} {↓ futeis} são]
 5 o [↑ a]
 6 /interpretação/
 8 <cada> [↑ a]

O canto superior esquerdo da página ostenta o símbolo ~~✕~~, que aparecera no fim de 5^o.

[11⁷ EN-2^r]

XI

Debalde eu procurava, estremecendo,
 Acordar o martyrio do meu sêr
 Para o ardor que sentindo-o vivendo
 Tivesse um nome como se dizer;
 5 Em vão busquei o arco distendendo
 Da minha raiva o alvo tocar sequér
 Mas do tremôr de frouxa mão irada
 Cahia a setta aquém da cousa odiada.

NOTAS:

2 sêr<>
 3 <a>/o\ <violência> [↑ ardor que]
 4 <Que> <t>/T\ tivesse um modo [↑ nome] <de o> [↑ se] dizer;
 6 <colera,> [↑ raiva]

[11⁷ EN-2^r]

XII

E em mim mesmo eu fallava-me, descrido;
 Ah que as palavras tenham o limite
 De quanto nasce já comprehendido;
 Que o termo como a musica não grite
 5 A sua vida inteira no esquecido
 Ardor de si que a alma lhe permite

Ah que sóbre alma para conhecer
Que a alma falte para se dizer.

NOTAS:

- 1 /descrido/
- 3 vive para ser vivido [↑ nasce bem {↓ já} compreendido];
- 4 Que [↑ o termo] como a musica □ não grite] *com o acrescento de "o termo", o decassílabo ficou completo, cancelando-se o espaço inicialmente em branco.*
- 5 alma [↑ vida]
- 6 alma <†> [↑ lhe] permite
- 7 <A pureza da musica que brota> [↑ Ah que <sobre> sóbre alma para conhecer]
- 8 <Da alma em *contas> [↑ Que a alma falte para se dizer.] [↓ <E falta □ ou de dentro...>]

1.2. Canto I: estrofes não-numeradas

[11⁷ EN-2^v]

Senti-me só, abandonado e pouco;
 E como a nympha que emprenha d'um deus,
 Expira de commoção e □ louco
 Ao sentir-se no ventre □
 5 O sentimento que me torna rouco
 O segredar do pensamento aos seus
 Sentidos intimos, excede a real
 Natureza da minha alma □

NOTAS:

- 2-3 *Acentuação não-canónica.*
 5 sentimento<,>
 6 segredo[↑ar]
 7 o [↑ a] a métrica exige a leitura de “real” como monossílabo.
 8 /Natureza/

Abaixo desta estrofe, após separação por linha horizontal, há três outros versos: dois rimam, parecendo um rascunho de decassílabos com que fechar uma estrofe (embora o primeiro seja hipermétrico), e o terceiro, mais curto, está isolado por outra linha horizontal.

E assim no horror do que sentia e queria
 Dizer mais dolorido me sentia.

E disse emfim: Ó patria.

[11⁷ EN-2^v]

E turvou-se me d'ódio a vista quente
 Apagou-se me n'alma a nitidez
 Com que o intimo ser a si se sente
 □
 5 Tudo quanto é de natureza presente
 A mais do que □
 Se me mergia em torva solidão
 Escuramente real no coração.

NOTAS:

- 1 d<e>/\ odio
 3 <ser □ a alma> [↑ intimo ser a si se sente]
 5 <ser> é] *linha hipermétrica.*
 6 menos [↑ mais do] que

- 7 Note-se que o uso do radical latino “mergere” (com o sentido de “mergulhar”), sem os prefixos “e-” e
 “i”, não-se encontra dicionarizado em Português.
 8 Tal como na estrofe anterior, a métrica exige a leitura de “real” como monossílabo.

[11⁷ EN-8^r]

- Não sei então porquê, mas vagamente
 *Perturbava-se □
 E uma □ transparecente
 Ennuviava o espaço do real,
 5 E em quanto assim no □ ambiente
 *Faltava á sensação o natural
 De dentro da íntima alma me surgia
 E impercetivelmente me invadia
- Os sentidos passivos uma nova
 10 Realidade fiel á sensação
 □
 *Novos logares □ de illusão
 □

NOTAS:

- 2 Note-se que o fragmento 6^r (que parece ser uma variante incipiente deste texto) emprega o sinónimo
 “Transtornar-se”.
 3 transpar<ente>/ecente\
 7 alma [↑ me] surgia
 8 [← E] Impercetivelmente me invadia[.]
 9 Há uma linha horizontal a separar a primeira estrofe dos três versos que compoem uma estrofe
 distinta (com rimas distintas); apesar da divisória, parece haver continuidade tanto semântica quanto
 sintática, justificando a sua edição conjunta: não há ponto final ao fim da primeira estrofe; e “os
 sentidos passivos” e “uma nova realidade” servem de objecto directo e sujeito posposto do verbo
 “invadia”, respectivamente.
 12 Note-se que os fragmentos 6^r e 7^r também apresentam o vocábulo “logar”.

[11⁷ EN-10^r]

- Enche os olhos da crença no futuro
 Ó jovem □; ergue-os do chão!
 O chão é, inda que florido, escuro
 Perante o horizonte e o seu clarão!
 5 Ergue, inda que te □ e impuro
 Contra a paterna crença a firme mão
 Porque o absurdo dentro do absurdo
 Toma ao bem e á beleza o □ surdo.

NOTAS:

- 3 <sempre> [↑ inda que]
 9 <esquecim> vento
 13-14 *A mesma marca surge no canto inferior direito e superior esquerdo de 10^o, indicando que o poema continua na parte superior da página.*

Abaixo desta estrofe, após separação por linha horizontal (e continuando na parte superior da página, seguindo marcas editoriais do poeta), há versos fragmentários seguindo um esquema rímico que poderia corresponder a mais de uma estrofe:

Dá do desprezo ao □ vento
 □
 Deixa no relebrado esquecimento
 Do □ a Fé □
 E relebrado para a *repellir
 Arranca os simples, os fieis <do> no crêr
 Á illusão ronqueira do □
 Ensina a nova □ a conhecer

Na página esquerda do bifólio (10^a), há ainda outra estrofe fragmentária:

Ó jovem □ por quem eu existo
 No que tenho de de [sic., talvez lapso] hoje e de real [↑ local]
 Cobra os teus pés audazes esse Christo
 <Pae-m> [↑ Pae-hypothese{↑*mãe}] do /débil/ bem [↑ bem *infertil] e escuro mal,
 E <cospe> [↑ cospe] a via da tua alma sã
 <Da □ e *germana,>
 <Cospe> <n>/N\ a igreja /catholica/ e christã!

[11⁷ EN-13⁷]

Desce a esta patria que já foi a tua
 Vê a coroa dos reis que tu cantaste
 Pergunta qual a prostituta nua
 Hoje lhe tira as pedras do engaste.
 5 Quem do metal faz balas e na rua
 Mata o povo teu que tu amaste?
 Oh mais nobre de todos corações
 Oh coração ardente de Camões!

NOTAS:

- 2 <essa> [↑ a]
 4 <Lhes *colherá> [↑ Hoje lhe tira] os brilhantes [↑ pedras] com a mudança de género da variante final, considera-se a mudança implícita do género do artigo definido (de “os” para “as”).
 5 <puro> metal
 6 O decassílabo requer diérese em “Mata-o”, incomum em Pessoa.

7-8 Embora situados acima do restante da estrofe, conjectura-se, tanto pelo contexto semântico quanto pelo esquema rímico (ABABABCC), que estes dois versos constituam o fecho da estrofe.

Na parte superior da página, há, ainda, o verso solto e incompleto:

Já não ensinas alma nem □

[11⁷ EN-14^r]

□
Ó patria minha, patria, quando sonha
De ti esta alma, de ti quando eras
Dos mares a □ risonha

5 □
Só te resta o □ e a vergonha
Só a vergonha a ti, da patria minha
Que foste de oceanos a rainha.

NOTAS:

1 Além do verso 5 deixado em branco, conjectura-se a falta de um verso inicial (rimando com “eras”) perante o esquema rímico (A)BAB(A)BCC – com os parênteses a indicar as linhas supostas.

4 a <rainha> risonha

8 <Tu> <q>/Q\ue <de> [↑ de oceanos]↔[foste] a rainha.

Na parte inferior da página, escrito de cabeça para baixo, lêem-se os seguintes versos riscados:

<Tivesse eu □
Alguma cousa sobrenatural
Em mim para pintar a minha dôr>

No verso da folha, igualmente riscados, parte inferior da página, escrito de cabeça para baixo, lêem-se os seguintes versos riscados e talvez parte do mesmo conjunto riscado no rosto (dadas as rimas), há os seguintes versos sob o interessante título “Alcacer-K[ibir]”:

Alcacer-K

<E tudo □
Sob o sol, o sol d’Africa que ardia.>

□ subito rompe
Estrepitoso □ atroadôr
□
Estilhaçados sem o menor horror>

<□ a de estertor
No céu do odio seus nomes fiquem ’scriptos
Com lama e sangue eternos e malditos.>

[11⁷ EN-15a^r]

Ó Buiça

Se como tu, pudesse pôr a alma
 N' esta que treme □ mão
 E sem *querer □ ou a palma,
 Nem mais agente que da indignação
 5 Sentil-a de repente escaldar calma
 Do excesso serio e grave de paixão
 Tornal-a em □ hora
 Como a tua, serena e *esmagadora;

 Sentir-me-hia não tal que hoje me sinto
 10 Um decorrer humano, um moribundo
 Vivendo por costume do instinto
 E no indignado tédio em que me afundo,
 Vivendo só a um horizonte tincto
 De sangue, d' onde □ – profundo
 15 Um dia glorioso e redemptôr
 Nasce como d' um pantano uma flôr;

NOTAS:

- Titulo *Trata-se de Manuel dos Reis da Silva Buiça (1876-1908), o regicida que alvejou fatalmente tanto D. Carlos I como o Príncipe Real D. Luís Filipe em 1908, sendo em seguida baleado e morto por policiais.*
 4 /agente/ pela [↓ que da]
 5 repente /□ e [↑ escaldar]/ calma
 10-11 *A imagem construída nestes versos parece uma primeira versão do “cadaver adiado que procria” no poema “D. Sebastião” de Mensagem.*
 12 <No todo> [↑ E no]
 13 Vendo um <*f> [↑ Vivendo <*ap> só] n'[↑ a]um

[11⁷ EN-15a^r]

Vós dois, almas heroicas □ e fortes
 De cuja regicida mão sublime
 O necessario mal de duas mortes
 O nome banal de □ crime
 5 Não pode ter, □
 □
 □
 □

Tua estranha figura desmedida
 10 Fazendo o usual *acabamento
 Figura do passado □
 Do Portugal Antigo □
 □
 □
 15 Sem vaidade, no crime e morte estoica
 Sublimemente, calmamente heroica.

NOTAS:

Trata-se de outras estrofes relacionadas com “Ó Buiça”; sendo, entretanto, fragmentárias, editamo-las em separado, evidenciando as descontinuidades do manuscrito.

2 /Em [↑ De]/
 4 <Não pode> [↑ O nome]
 5 havêr [↑ ter]
 10 a [-> o]

Abaixo do verso 16, após linha divisória, lêem-se as seguintes linhas:

Onde o tribalismo *usa corôa.
 (em Portugal
 Foi ha muito coroado o tribalismo)

[11⁷ EN-15a^v e 15^v]

Como filho que pense em mãe ausente
 Oh morte, infeliz patria, penso em ti!
 E a minha alma □ silente
 Medita planos a que não sorri
 5 Porque □ sente
 Eguaes aos d’esses que □ em si
 Erguer contra a vileza e a traição
 □ e vingadora mão.

Não viveria assim, abandonado
 10 Do instinto humano e natural á acção,
 Espirito impolluto, mas pesado
 De todo o bem e o mal da sensação
 Já na propria intenção □ e cançado
 Santo do tedio como da intenção
 15 Com que a indignada dôr se me agonia
 De vingança e desprezo e ironia.

NOTAS:

Trata-se de outras estrofes relacionadas com “Ó Buiça”, ainda que aqui sejam editadas separadamente.

- 1 q[ue] pensa[↑e]
 2 <penso> [↑ infeliz]
 4 /cousas/ [↑ planos]
 6 d’esse [↑ esses]
 10 instinto [↑ humano e] natural da [↑ á]
 11 Espirito /impolluto/, mas /torturado/ [→ laivado] [↓ pesado]
 13 [← Já] N<o>/a \ proprio[↑ a] <+> intenção
 14 no [↑ do] tédio como na [↑ da] intenção
 15 <dor>/dôr\
 16 /ironia/

Entre as duas estrofes, com linhas divisórias acima e abaixo, há os seguintes versos em inglês:

Whither □ are we going
 □
 Children of □ & of night
 Haunted by an idea of a light
 Which our contrary darkness doth suggest

[11⁷ EN-24^r]

- E vós, oh regicidas □
 Aureolastes de gloria o vosso feito
 Quebrando aos pés o nome vão de “crime”
 Para o que vós fizestes vão e estreito
 5 □ redime
 □
 A força de □ e rica
 Que tudo purifica e santifica.

NOTAS:

Como se trata de mais um trecho relacionado com “Ó Buiça”, inserimo-lo com o conjunto precedente, excepcionalmente abandonando a ordem topográfica das cotas, que é de resto obedecida nesta edição das estrofes não numeradas do Canto I.

Abaixo da estrofe incompleta e de uma divisória horizontal, há dois outros versos rascunhados:

Como o fogo que /chama/ tudo /a/ si
 <e>/E \ cobre <□ em> [↑ tudo fogo e ardor e] chamma,

[11⁷ EN-18^o]

Ó luares d'abril da minha terra
 Que me encheis de lagrimas a voz
 Quando ella tenta o sentimento que erra
 No coração – suspiro vão, veloz –
 5 Reproduzir e em si nunca o encerra –
 Luares d'abril *vividos só de nós
 Para que vindes vós? Dôr e tristeza
 Azo não têm para admirar belleza.

Á fome e á miseria desoladas
 10 Pende a testa *dorida para o chão
 Não querer ver as noites constelladas
 Que teem o luar por coração.
 Que importa que nas arvores e estradas
 Sonhe a lua o innitido clarão?
 15 A mente exausta nosso mal já sonha
 Occupada do tedio da vergonha.

[11⁷ EN-18^v]

NOTAS:

- 6 *vividos] *trata-se, possivelmente, de acentuação métrica a indicar a 6^a sílaba do decassílabo, por conseguinte também instruindo a leitura de “luares” como dissílabo (lwá-res ou lu-árs).*
 7 vindes [↑ vós]? <A> <d>/D\ ôr e <a> tristeza
 8 <Não pode> [↓ Azo não têm para admirar belleza.]
 10 Pende-lhes a cabeça [↑ testa] para o chão [← Pende a testa *dorida para o chão]
 12 teem] *note-se o uso de trema a indicar a leitura da palavra como um dissílabo (te-ëm).*
 15 <t>/nosso\ mal <t>/já\
 16 /<Quando a occupa □ e vergonha> [↓ Occupada do tedio da vergonha]/.] *a rima com “vergonha” reaparecerá num rascunho de fecho de estrofe em 42^v.*

[11⁷ EN-19^o]

Amanhã! nome horrendo para quem
 Só do passado vive e se acorrenta,
 Quem, porque nada mais pode nem tem
 Das ruínas do seu ser só se alimenta;
 5 Emquanto lentamente a morte vem
 Quem porque d'illudir-se se sustenta
 Pela ilusão somente em si revive,
 E vive só por crer que ainda vive.

[11⁷ EN-19^v]

Assim vivias, Patria, da arrastada
 10 Vida apagadamente dolorida...

Mas accordas – A quê? Ah que quem fada
 As mutações e fruições da vida
 Tenha ordenado que inda alevantada
 Sejas e não por accordar perdida
 15 Ah, não accordes para mais sonhar
 Lucta, combate, *seja a soluçar.

Grandezas idas de que nos servis
 Desconsolada e vil consolação?
 Accordar só para sentir-nos vis
 20 Sentir peso de fel no coração
 Grandezas idas, tempos □ viris
 Para que com □ devoção
 Orgulhar-nos de vós? É frouxo o braço
 Á vossa espada, fraco de cansaço.

NOTAS:

Acima do primeiro verso e de uma linha divisória, lê-se um verso solto que não se coaduna com o esquema rímico das demais estrofes no ms.:

Se hoje é assim [↑ isto] – amanhã o que será?
 5 E vagarosamente [↑ Emquanto lentamente]
 6 <Que> quem <de sua> [↑ porque d’illudir-se se] sustenta
 7 <Só illudindo-se a si mesmo> [↑ pela ilusão apenas {↑ somente} em si] <vive> [↑ revive,] <[→
 Porque <mesmo> {↑ a si} se illudindo a si se avive]>
 8 Nem morre [↑ Não morre] [↓ E vive] <porque> [↑ só] por <crer> [↑ crer]
 9 Assim, [oh] Patria, vives [↑ vivias] há uma linha ligando “vivoias” a “oh”, o que parece indicar que a
 inserção da variante não apenas cancelaria “vives”, mas também substituiria “oh”.
 18 <amarga> [↑ vil]
 20 <no> [↑ no]
 22 <de> <orgulhar-nos> [↑ com]
 23 <Vangloria> [↑ Orgulhar-nos de vós?]
 24 Á <e>/vo\ssa

[117 EN-20^r]

Onde estão teus heroes e a sua raça?
 Acabaram teus □ vencedores?
 Olhos meus desvairados da desgraça
 *Illusionae-vos imaginadores
 5 Do que ainda existe □ que faça
 □
 □

□

10 Tyrannia de bobo e de jogral –
 Dominio do ladrão e do cobarde
 Não ha um peito que sinta isto mal
 E a cuja indignação a accção não tarde?
 Nem ha mente convulsa □
 □ arde
 Gritar vingança, guerra, maldição
 Para mais que gritar revolução?

NOTAS:

Trata-se de estrofes relacionadas com as do documento precedente (dada a numeração contínua nos cantos das páginas e o mesmo tipo de suporte); entretanto, editamo-las em separado, honrando a sua incompletude e a consequente descontinuidade material.

11 mal<?>
 15 maldição<?>

[11⁷ EN-20^v]

Armas servis e pagas, orgulhae-vos
 Da vossa □ soberania
 No vosso valôr □ ha laivos
 Que a sombra vossa da infamia
 5 O bobo □
 □ roube e ria
 Pobre *missão! □
 □

10 E vós janizaros, fundada lama,
 Entes ganhantes, vácuos de sentir,
 Vós que fazeis do vosso egoismo a cama
 Onde melhor que bem sabe dormir
 O somno ignobil, de □ ou dama,
 O que deve accordar para o porvir
 15 Heroes d’Africa e d’Asia, o que esperaes
 Do nada estulto do que meditaes?

NOTAS:

Trata-se de estrofes relacionadas com as precedentes (dada a numeração contínua das páginas e o mesmo suporte); editamo-las em separado, honrando a sua incompletude e descontinuidade. Acima das estrofes desenvolvidas, há três versos incompletos que, por seu esquema rímico diferente, pertenceriam a uma estrofe distinta:

- Nada. Quem armas tem d'ellas proteja
 Quem paga e ri □
 □
 □ seja.
- 3 v[osso] valôr
 4 <O> Que] *linha hipométrica.*
 9 lama[,]
 10 sentir[,]
- 15 Heroes de São Domingos, que esperaes [↓ Heroes d'África e d'Ásia, o que esperaes] o epíteto
 "Heroes de São Domingos" será uma referência à chacina de 5 de Abril de 1908, dia de eleição para a
 Câmara dos Deputados, em que 14 manifestantes foram mortos em confrontos com a polícia no Largo
 de S. Domingos, em Lisboa (vide PIZARRO & BARRETO, 2014: 132, nota c; SAMARA, 2010: 242).
- 16 Quanto valem a menos ou a mais? [↓ No {↓ Do} nada estulto do que meditaes?]
 Agradecemos a José Barreto o seu auxílio na decifração desta passagem.

[11⁷ EN-28^r]

Ó embarques festivos! Oh ditosa
 Vespera do desastre e da tristeza!
 Ah que a esperança que a nossa alma gosa
 Tenha o nome secreto de incerteza;
 5 Ah quem soubéra do botão que a rosa
 É da morte violenta a estéril preza!
 Ah quem pudesse não brilhante e obscuro
 Mas como é ver o □ futuro!

Galhardas hostes a que negreja a sorte
 10 Como embarcastes sem suspeita ou mêdo!
 E amanhã era vossa a inutil morte,
 E natural por proximo o degredo!
 Sol que nos vistes embarcar, ó forte
 Sol d□, não tinhas o segredo
 15 Do nosso subito e □ fado
 Para ser na lembrança amargurado?

NOTAS:

- 2 <Ó> Vespera
 3 n[ossa]
 5 no [↑ do]
 6 <Tem> [↑ É]
 9 hostes [↑ a] que negrej<e>/a\] o acrescento de "a" tornou a linha hipermétrica e a acentuação não-
 canónica.
 11 esteril [↑ inutil]
 12 o [↑ de] [↓ por] próximo <do> [↑ o] degredo!

15 inutil [↑ escuro] [↓ futil] [↓ subito]

[11⁷ EN-39^r]

“A alma em juventude eu tinha a crença
 Em Deus sonhado □ batalhões
 Aquecia o seu sêr minha alma immensa
 De □ illusões
 5 Quem soubera □ a desavença
 E as d’alma □ rebeliões
 Ao descobrir depois rameira e impura
 A fé que me levava, em mim segura.

NOTAS:

- 1 *As apas (que se abrem mas não se fecham) constam no ms.*
 3 /seu sêr/
 8 /A fé que me levava, em mim segura./

[11⁷ EN-42^r]

Como um adormecendo a cujo ouvido
 Chegam palavras, □ sons d’um canto
 Que alma da sua alma com sentido
 Evocador accordam e qual um manto
 5 Aparta ella de si o seu perdido
 Vaguear de somno; *ouvi o velho santo
 □ nomes ainda da sua gloria
 No adormecido olhar *mostram memoria.

Triste memoria, debil e cançada
 10 Qual d’um passado □
 Memoria que a alma □ e desgraçada
 Como sua sem força, já não sente,
 Mas como desprendida cousa ao nada
 Em outra vida já desconsiente
 15 Com debil voz d’uma alma que está longe
 Assim fallava essa guerra o monge.

NOTAS:

- 4 como [↑ qual] o decassílabo está completo, apesar do aparente espaço em branco no ms.
 5 de si<>
 6 <co’o apagado espanto> [↓ *ouvi o velho santo]
 7 <Ouvi os> nomes
 8 accordado [↑ adormecido]
 9 [Memoria]↔[triste], <e> [↑ debil e] cançada

- 11 alma <triste>
 13 cousa [↑ ao] nada
 15 <Estas> □ [↓ Com debil voz d'uma alma que está longe] *apesar de haver uma divisória entre as variantes, o esquema rímico leva a crer que os dois versos finais constituam o fecho da estrofe.*

No verso (42^o), há uma série de fragmentos de estrofes, incluindo uma fala com aspas e dois fechos distintos (o fecho em “vergonha” talvez seja um rascunho ou variante do fecho de estrofe em 18^o):

“Para que vens em mim a recordar

A alma perdida que não haverei?

□

□ erguem-se como □

De forte sentimento sacudido

Mas foi a dôr o forte sentimento

Que vivido lhe deu um *falso alento.

E hoje □ medonha

Arrasto um nome igual ou de vergonha. [↓ Traduzo em vida o nome da vergonha.]

Quem m’o da? Os meus filhos

1.3. Canto I: outros fragmentos

[11⁷ EN-4^r]

□ rápidas mostravam
 Outro ser que o do estado em que se estavam.

NOTAS:

2 /se estavam/

[11⁷ EN-6^r]

De repente senti
 Transtornar-se □ e o lugar

[11⁷ EN-7^r]

Outra realidade ou outro sonho
 Interpenetrando o lugar do mundo
 Modo de ser □ como que risonho
 □

5 E eu *notei □
 E inconscientemente consciente

NOTAS:

1 *Este fragmento parece ser variante das linhas incompletas indicadas nas notas à estrofe II do Canto I (3^r), por conter a mesma rima “sonho/risnho”.*4 *Embora seja possível prever que a quarta linha rimaria com “mundo” (a terminação da 2^a), não é possível determinar a rima da linha incompleta mais abaixo (rimaria com “sonho/medonho” ou com “consciente”?), donde se edita um espaço em branco a mais, a fim de indicar a descontinuidade.*[11⁷ EN-9^r]

O olhar sereno e
 Acceso □ viuvo de ledice
 Um pouco, levantou e disse: –

NOTAS:

2 <isento> [↓ viuvo]

3 levantou,[↑ e]

[11⁷ EN-11^r]

“Ó corpo fragil que a tua alma quebra,
 Vontade de loucura entontecida
 E a quem a acre disonancia cobra
 Do sonho exterior chamado vida
 5 Perturba e doe □

[11⁷ EN-12^r]

isto somos, *e muito do que somos
 Nem sonhando sentimos ou suppomos.

Para que *vindes □
 Sonhar a vida desmedidamente.

NOTAS:

- 1 em m^{to}] *apesar de o decassílabo estar completo, a inicial da primeira palavra é minúscula no ms.*
 2 sentimos [↓ ou] suppomos

[11⁷ EN-17^r]

Se eu pudesse d’esta alma que me abraza
 O corpo debil, □
 □
 □ aza

NOTAS:

- 1 <queima> [↑ abraza]

[11⁷ EN-21^r]

Homens d’hoje que a patria heis esquecido
 Monstros d’indiferença e de vazio
 O vosso coração de que é urdido?
 O vosso olhar alegre é mudo e frio.

5 Corra o vinho na taça,

Que importa a patria □ e a desgraça
 Que a faz escarnecida e impotente?

NOTAS:

- 1 esquecido [↑ <deste>]
 4 <alegre> [↑ alegre] é negro [↑ mudo]

[11⁷ EN-22^r]

□ inda somos

Um longe e uma lembrança do que fômos.

NOTAS:

Abaixo destas linhas e de uma divisória horizontal, o autor escreveu a tinta e riscou a lápis dois outros versos (que seriam um testemunho inicial de 11⁷ EN-23^r), anotando, ainda, “otherwhere”:

<Ainda, dormente e innitida ha em nós
Alguma cousa do que a India viu>

[11⁷ EN-23^r]

Com Viriato só ante a traição
Cahimos, com Affonso Henriques sós

Ainda, dormente e innitida ha em nós
Alguma cousa do que a India viu
5 E castelhano e hollandez sentiu.

Rejeitámos o jogo castelhano
Morreremos agora ante o tyranno?

NOTAS:

Apesar de as cinco primeiras linhas deste fragmento constituírem grande parte de uma estrofe, não é possível determinar se estariam faltando três versos entre as linhas 2 e 3, ou dois antes da linha 1 e um entre 2 e 3 – e tal incerteza justifica a inserção do texto entre os fragmentos e não entre as estrofes mais delineadas.

2 <primeiro> [↑ Henriques sós]

4-5 Um primeiro testemunho destas linhas encontra-se riscado em 22^r.

[11⁷ EN-25^r]

O azul alvo da luz e apagado
E no calôr □ cançado.

NOTAS:

Trata-se da metade de um todo material, com 26^r constituindo a outra metade.

[11⁷ EN-26^r]

Os montes □
Onde os ecos de luz □
Da trombeta heraldica do dia.

NOTAS:

- 1 trombeta [↓ heraldica] do <horizonte> [↑ dia]

[11⁷ EN-27^r]

- Morrendo cae, □ fatalmente
 E entre o fechar os olhos para a morte
 O fechar a alma para a vida, sente
 Só um echo da remota confusão
 5 E o confuso quebrar d'uma ilusão.

NOTAS:

Acima destas linhas, sem divisória horizontal, o autor escreveu duas linhas incompletas (em seguida riscando a primeira), que talvez correspondam a um rascunho do início da estrofe em questão:

<E o rei louco cahindo>
 Senti

- 2 E <no s> entre

[11⁷ EN-27^v]

Eu era um cavalleiro lusitano
 Que da cota d'el-rei D. Sebastião
 □ germano
 D'aquella ambiciosa aspiração
 Que elle tinha por intimo tyranno
 E amou como se ama □ irmão,
 □

NOTAS:

- 1 <portuguez> [↑ lusitano]
 2 <segui a> [↑ da cota d'] el-rei

2.1. Canto II: estrofes

[11⁷ EN-33^r]

Caia de nós qual desprendida capa
 Que o vento leve o mundo e a sua imagem,
 E no ensombrar d'idea só escapa
 Uma remota □ miragem,
 5 □
 □
 E o chão que pisavamos parecia
 Uma cousa confusa que sentia.

Ahi exterior e interior
 10 Confusos em sentir e ser sentido,
 Sujeito ou objecto n'um real horror
 Encontrava-se □ unido,
 □
 □
 15 □
 □

[11⁷ EN-33^v]

E em tudo pairava singular
 Uma luz branca □ imensa
 Não branca e suave como é o luar
 20 Mas branca até ao horror, intima e intensa
 Luz sem fulgor que sabe apavorar
 Até á morte fulgindo por densa,
 Nem sol nem lua a doura, nem havia
 Ceo, mas um espaço que ella possuia.

25 E essa luz branca, branca e horrorosa
 Não batia na terra subjacente
 Mas deixava-a em treva pavorosa
 Tão mais que a treva que o mundo sente
 Como a luz mais que a luz que o mundo gosa
 30 □
 E tudo isto enchia o horror aberto.
 De um existir mais que o do mundo certo.

NOTAS:

No canto superior esquerdo de 33^v, lê-se a indicação “3”, não havendo indicação na outra face; tampouco há uma folha separada que se possa indubitavelmente identificar como a primeira parte da sequência.

- 3 Escap<e>/a\
 17 <Mas> [↑ E]
 18 *O espaço em branco é conjectural, pois sem ele o verso seria hipométrico.*
 20 <m> [↑ branca]
 21 <essencial> [↑ sem fulgor]
 24 mas [↑ um]
 25 branca, <branca> [↑ e horrorosa] *pela métrica decassilábica, supõe-se que a var. substituiria não apenas a repetição riscada de “branca”, mas também a ocorrência imediatamente anterior.*
 27 <n> [↑ em]
 28 <S>/T\ão mais que a <treva> [↑ treva]
 29 <que não fulgor nem> [↓ mais que a luz que o mundo gosa]
 30 *Também é possível que o verso em branco seja, não o 30^o, mas o primeiro desta estrofe (i.e., o 25^o, de modo que o 25^o atual seria então o 26^o); de toda forma, pelo esquema rímico desta estrofe, sabemos faltar um verso.*
 31 <ser ab> [↓ horror aberto.]
Agradecemos a José Barreto o seu auxílio na decifração desta passagem.

[11⁷ EN-34^v]

- Nem tempo nem espaço alli regia
 Natural, mas um tempo interior
 E outra cousa que espaço confrangia
 O sentido do ser exterior
 5 Mas a vida e o ser que alli havia
 Nem propria forma tinha, ou □ ou côr
 Era como se o sonho fosse vida
 Mas parecia mais real que a vida.
- Era, porque em linguagem □ falle
 10 Que os sentidos humanos comprehendam
 Uma extensão sem monte, ou curva, ou valle
 Que dava a idéa d’infinito □
 □
 □
 15 E esse infinito – horror de □ dizer –
 Parecia a vista tudo comprehender

NOTAS:

- 2 <Mas> [↑ Natural]
 3 [← E] Outra
 11 ou [↓ curva], ou

No rosto da folha, há pelo menos três fragmentos de estrofes aparentemente distintas:

Reino de sombras vivas e reaes
 Mais que a existencia onde sonhamos ser,
 □
 E onde uma vista extranha ver
 □
 Um infinito □ e definido
 E pela vista – horror! – compreendido

—————
 Mas vivendo mais □ que a illusão
 Uma inteira e absoluta negação.

—————
 Caminhamos nós por uma estrada?
 Havia estrada alli? [↑ Eu] não o sei.

[11⁷ EN-16^v]

Eu quizera n'um canto da existencia
 Tentar a debil voz, e a assegurar;
 Para depois, com dôr e violencia
 Erguel-a *rubra, □, a transbordar
 5 D'alma, cheia de natural sciencia
 Do que mais nobre cabe no cantar
 No verso que a si mesmo é a surpresa
 Do seu subito ardor de singeleza.

Mas mesmo isto me morre lentamente
 10 E doloridamente na alma triste
 Como morre ao espirito silente
 Qualquer cousa □ e que existe,
 Nem para a poesia se fez quente
 A voz d'uma alma debil que persiste
 15 Na sua vida por viver apenas
 E não por horas plenas ou serenas.

[11⁷ EN-16^r]

Nada me prende, e tudo me tem preso
 Morto e pallido, indeciso e mudo,
 No □ em que o desejo é o illeso
 20 Transito do agir, do □ o rudo
 Gesto, seja de □ ou de desprezo,
 Canto, seja o da dôr, □ escudo
 De raiva negra e raivosamente langue
 De não *ver de negrume raiar sangue.

NOTAS:

- 5 de [↑ de natural] consciencia [↓ sciencia]
6 grande [↑ nobre]
7 Na[↑o] poesia [↑ verso] a si mesmo é [↑ /a/] surpresa
8 No [↓ Do] seu subito ardôr o [↑ de]
6-8 *Cruz de hesitação à esquerda dos vv.*
16 horas [↓ horas] *rubras [↑ cheias] [↓ plenas]
17 /e tudo me tem preso/
19 o desprezo [↑ illeso]
20 Da imperfeição [↑ Transito] d<e>/o\ agir
22 seja [↑ o] da
23 <r> /raivosamente/ *verso hipermétrico.*
24 o [↑ de]

2.2. Canto II: fragmentos

[11⁷ EN-29^a]

Mas como quando a nevoa se dissolve
 E a manhã □ e □ rumorosas
 Tomam contornos graduas de cousas,
 □
 5 Assim o terreno vago e frio
 □

Vagos seres, mas seres começavam
 A entrever-se na □
 □
 10 Na □ similinocturna

NOTAS:

- 2 <, as □ cousas> [↑ e rumorosas]
 5 o <vago> terreno vago
 7 <C> Vagos seres, mas <seres> [↑ seres]
 8 na <noite similinocturna> □

[11⁷ EN-30^a]

Depois da morte.
 Campo das nações mortas.

Ahi nem tempo nem espaço regem
 A □
 5 □
 Mas hoje ditos sons de sensação
 Palavras, □
 □

Adeante, uma sombra tenue e vaga
 Manchava o rei □

NOTAS:

- 1-2 *As duas primeiras linhas parecem ser mais notas indicativas (de posição do fragmento poético no Canto II e no espaço dramático) do que versos, destoando do esquema métrico mesmo entre versos fragmentários.*
 4 A □ <da sensação>
 6 ditos <s> sons
 9 uma <sonho> [↑ sombra] tenue e <t> vaga

[11⁷ EN-31^r]

I.

□ além da morte
Persistindo-me □
Parece, n'esta vida □
Que a vida foi um sonho que sonhei,
5 Como capricho d'uma intensa sorte
Esta □ a que accordei.

II

Debil memoria desasocegada
Resta-me d'ella, como a febre, extincta
Revive em nós, longinqua e apagada
10 N'uma febrilidade mal-distincta,
□

NOTA:

9 [← Re] Vive

[11⁷ EN-32^r]

Creadores de sonhos absolutos

□ e tudo isto vivendo
N'um *hoje*, n'um *aqui*, vistos e vendo!

Em espiraes de □ confusão
Semi-lucidamente o pensamento
Esvae-se e desfallece □

3.1. Canto III: estrofes

[11⁷ EN-37^r]

Seja cobarde algum e que não lucte
 Seja □ vencido
 Mas que aquella que a alma lhe perscrute
 Encontre sempre □ ardido
 5 O amor da patria □, que se nutre
 □
 Com suas □ e com seus furores
 Inda assim o mais bello dos amores.

Maldito todo 'quelle que nasceu
 Aqui onde o sol enche a natureza.
 E porque □ ou □ mais leu
 A patria □ só despreza.
 □

NOTAS:

8 <raivas>

Na margem direita, lê-se o seguinte verso, que poderia ser uma das linhas finais da 2^a estrofe:

Seja cobarde, não indiferente

Na margem esquerda, lê-se outro verso, com uma terminação que não rima com o verso na margem direita:

Quem {↑ sorrir} pode <rir> quando a patria chora.

Em 11⁷ EN-37^v, há mais um fragmento aparentemente relacionado:

Maldito o indiff'rente e o □
 Que não ama com □ paixão
 A patria □
 □ *Fusão
 □
 Quem a não sabe amar, maldito seja!

[11⁷ EN-44^r]

Imitação Lusiadas

Dae-me agora uma voz tremenda e vasta
 De rouca e desolada maldição
 Para dar forma á dor que ora devasta
 O meu velho e cançado coração
 5 Voz da dôr e do horror que não se engasta
 No ano □ da illusão.

Perdida já ao ver os filhos meus
Vender a honra, o mór dos meus tropheus.

10 Dae-me só uma voz aspera e rouca,
A voz das grandes dôres que enlouquecem
E que a palavra, debil sempre apouca
A quem o termo falta e a quem esquecem
Os conceitos febris que a mostrem louca
Nas palavras que as dores não aquecem
15 D'alma que soffre, que a palavra fica
Aquém da dôr sempre mais d'ella rica.

Dá-me pois que a alguns o verbo rude
Da minha inspiração pouca e cançada
Chegue e compreendam, sem que o engenho estude
20 A arte dura da forma alevantada. [11⁷ EN-44^v]
Dá-me que a colera impotente escude
N'uma forma viril que a desgraçada
Alma minha não perca na tristeza
O echo firme da □ grandeza.

NOTAS:

Titulo *Imit[ação] Lus[iadas]] note-se que, não apenas o tema, mas também a métrica, rima e estrutura estrófica são as mesmas empregadas no épico camoniano; ainda, estas estrofes parecem tematicamente relacionadas com aquelas em 11⁷ EN-16, as quais têm atribuição explícita ao "2º canto".*

5 que [↑ não] se
9 <agora> [↑ só]
10 enlo[↑u]que<ss>/c\em
11 [↑ deb] palavra, <fragil> [↑ debil]
13 tornam [↑ /mostram/] [↓ mostrem]
15 <Os odios □ porque os não pode> [↓ <A alma expressar>] [↓ D'alma que soffre, que a palavra fica]
16 Sempre aquém do que a dôr lhe significa. [↓ Aquém da dôr sempre mais d'ella rica.]
19 comprehend<a>/am\, sem que [↑ o engenho] estude
20 A [-> arte dura] à direita do v., na margem, lê-se a indicação "over".
21 raiva [↑ colera]
22 <e que> [↑ <com> que] a
24 <A>/O\

Na parte inferior de 11⁷ EN-44^v, há alguns versos fragmentários, aparentemente relacionados:

Um deserto □
Onde, como uma cousa [↑ <sombra> {↑ sombra}] desmedida
O grão nome [↑ vulto] /sombrio/ de Pombal

[11⁷ EN-41^r]*Marquez de Pombal*

Como abusa da força um a quem sobra
 Sem o saber e meio inevitavel
 Julgando natural a violenta obra...,
 Assim essencia da sua alma e estavel
 5 Onde nem piedade nem molleza dobra
 Sua força tremenda e formidavel
 Mente de ferro, coração de ferro
 Foi a sua virtude e o seu erro.

NOTAS:

- 1 <quem de sobra> [↑ um a quem sobra]
 2 <A força tem, sem o saber,> [↑ Sem o saber e meio inevitavel]
 3 Verso hipermétrico, alexandrino em meio a decassílabos.
 4 [← Assim] Essencia da sua alma □ estavel] o acrescento de “Assim” à esquerda supriu a sílaba que faltava ao decassílabo que, portanto, ficou completo.
 5 (Onde nem piedade nem <tristeza> [↓ molleza] dobra)] parênteses sugerindo hesitação; tal como o v. 3, alexandrino em meio a decassílabos.
 7 Verso entre parênteses, sugerindo hesitação do autor.
 6-8 À esquerda destes versos, lê-se, riscada, a indicação “Pombal”, que parece depois ter sido substituída pelo título geral deste documento, à esquerda da estrofe inteira: “Marquez de Pombal”.

Em 11⁷ EN-41^v, há mais um fragmento aparentemente relacionado:

Mas não foi como aquelles que perante
 O Christo □ crucificado
 A<s> comedia<s> de sangue lacrimante
 Resavam □

[11⁷ EN-45^r]*Continuação Lusiadas*

Foi este Pombal □
 Mixto extranho de sombras e de luz
 Mas que tinha a grandeza □
 D’aquelle □ *quando seduz
 5 Nem pode vêr □
 □

NOTAS:

- Título Cont[inuação] Lus[iadas]] cf. documentos 11⁷ EN-40 e 44.
 1 /Pombal/

- 3 trevas [↑ sombras] à esquerda deste verso, vê-se uma seta indicando a nota “Remember Anthero”; sobre essa visão dual de Antero, vide PIZARRO (2003) e PITTELLA (2014: 129-132).

[11⁷ EN-40^r]*Continuação Lusíadas*

- Cessára, e a melodia do seu canto
 Com a lembrança sua enchia ainda
 Em cada □ e recanto
 As almas □
 5 Cessára de cantar □ o manto
 Do luar sobre a vaga terra infinda
 Conservava-lhe a voz remotamente
 Como uma cousa que estremece e sente

NOTAS:

- Titulo *Cont[inuação] Lus[iadas]] cf. documentos 11⁷ EN-44 e 45.*
 1 /melodia/
 3 Do <*am> luar
 8 *Abaixo da última linha da estrofe, lê-se a seguinte nota, em que “P” talvez seja uma referência ao Marquês de Pombal, dada a sua presença em documentos contíguos deste envelope: (palavras de P. – ao começar a descrever o reino dos Filippes)*

[11⁷ EN-46^r]

- Veio a raça depois de quem disputam
 Raiva e Despreso a □ memoria
 Em cuja historia os olhos não prescrutam
 A má vaidade ou a grandeza ingloria
 5 Onde os ouvidos do futuro escutam
 Gemidos que não soam inda na historia
 Sem que se tornem rapidas de ardentes
 Inuteis lagrimas em vãos repentes.
- Sim que □
 10 O louco e □ *coração deseja
 Justiça o passado n’um presente
 Idea vã contra quem □ peleja
 Ir ao passado para o justiça
 □

NOTAS:

- 2 Odio [→ [Raiva] {↑ a}] entendemos “Raiva” como última var., ainda que com hesitação.
 3 [← Em] Cujos /fatos/ [↑ fastos] [↓ historia] <os> [↓ os]
 4 <e> [↑ ou]
 5-6 Vv. entre parênteses, sugerindo hesitação do autor.
 12 /Idea vã contra quem □ peleja/
 13 para [↑ o] justificar

Na parte de baixo da página, lê-se o fragmento:

Um nome – nada, algum □ – parco.

Em 11⁷ EN-46^v, há os seguintes versos fragmentários:

- certo recordar
 Passadas glórias □ não merece
 <O> /B\ raço que obrando não os appetece

[11⁷ EN-49^r]

- Estas sêccas palavras destonantes,
 Este acido humorismo desgraçado
 Extranhos ao logar, interpretantes
 D’uma loucura □
 5 E eu senti ao esvairer-se oscillantes
 Esses □, e em mim □, *recuado,
 Um echo de remota sensação
 E o confuso quebrar d’uma illusão.

NOTAS:

- 1 Os vv. desta estrofe foram numerados de 1 a 8.
 2 <acid> [↑ acido]
 3 <logar> [↑ logar]
 4 Quebraram esse sonho [↑ D’uma loucura]
 5 <esvairer> [↑ esvairer-se]
 6 Essa [↑ Esses] <estancia>, e
 8 Abaixo desta estrofe, lê-se a indicação “Fim” (possivelmente do Canto).

Acima da estrofe, lêem-se os versos fragmentários:

- <É lama – baste> [↓ É lama – baste agua]
 □ *anima
 Ou, <é>/e\ é mais efficaz, mija-lhe em cima.

[11⁷ EN-43^r]

Sobre a igreja

Quem na nada esperança, quando nada,
 Viu o seu ser e essencia da illusão?

Quem na mulher amada, quando amada,
 Lhe sonhou com corrupta emoção?
 5 □ é tão da vida □
 □
 Também na estrada □ de dôres
 Nascem □ flores.

NOTAS:

Título S/ a igreja
 1 na [esperança] ⇔ [nada]

Na margem direita, lêem-se os versos fragmentários:

Ella vende-me ao inimigo
 Não só <a> essa □ confina
 Com o meu □
 Mas □
 Ao □, á cobiça e á fé que mata.

[11⁷ EN-51^r]

Quem com seus beijos me sujou a alma?
 Quem me sugou o sangue quente e forte?
 Quem me fez □ a calma
 Que é da vileza a □ consorte?
 5 Foi ella, a Infame, essa que não acalma
 As dôres □ morte
 A prostituta □ e deshumana
 A Igreja Catholica romana.

[11⁷ EN-51^v]

Foi ella, a □ rameira –
 10 Ai que no amôr o amor se não conheça –
 Que Dalila □
 A vimes Samsão □
 E adormecido □
 □
 15 Não vi que adormecia em podridão
 O meu viril e ousado coração.

Amei-a e amando-a, não a conheci
 Como era, só a □ belleza
 Me □ a alma *□ e eu sorri
 20 Entregando a alma que já estava presa.
 Amei-a e desde então *não mais vivi

[11⁷ EN-52^r]

Na inconsciencia e a falsa certeza
Do amor, corrupto d'ella e puro meu
E foi o amor corrupto que venceu.

25 Que quando o fogo encontra-a aqui, o fogo
Pode inda se por forte vencedor
Mas se lama □ logo
Perdendo lentamente o seu fulgor

[11⁷ EN-52^v]

30 □
Do que era lama lama, e d'essa chama
Cinzas dispersas e tornadas lama.

NOTAS:

- 3 na [↑ a]
4 <s>/a\
10 no amôr o amor] *no original*.
16 <audaz> [↑ viril] e ousado coração] *abaixo deste v., entre divisórias horizontais, há a repetição da expressão "Viril e ousado"*.
17 Ame<m>/i\ -a
19 *Pelo esquema rímico e regularidade de 8 versos em cada estrofe, conjectura-se que a última linha em 11⁷ EN-51^v e a primeira 11⁷ EN-52^r, embora ambas fragmentárias, sejam partes dum mesmo verso.*
22 <incerteza> [↑ a ↓ falsa certeza]
25 <t> Que
26 <a>inda [↑ se]
29 <morrendo> [↑ morrendo]
31 /Só do que <era> lama era lama/ [↓ Do que era lama <resta> {↑ lama,} e d'essa chama]
32 /E do fogo <lama> [↑ cinza] em lama esquecido/ [↓ Cinzas perdidas {↑ dispersas} e tornadas lama.]

[11⁷ EN-58^r]

Portugal loquitur: –

**invecta a immoralidade*

Este é o logar moral em que viveis
Ó lusitanos: isto é em vosso lar:
O esposo corpo rebulhado □
De syphilis é um echo de bordeis

5 □

A esposa, puta de trazer pra casa,
É o logar d'uma cópula, o bacio
Onde a diarrheia do instincto vaza

10 Hygienicamente e sem fastio
 O excreto seminal; vulva que abraza
 Insaciado □ desvario
 E que passa em revista corneante
 Amante, amante, amante, amante e amante.

15 Sujas □ e □ o vosso casamento
 É um adulterio d'alma, anda de rojo
 O que ainda chamaes um sentimento –
 O ex-amôr, essa cousa que faz nojo
 □

NOTAS:

Titulo *O termo latino “loquitur” sugere começo de nova fala, consistindo numa série de estrofes (nos mss. 11⁷ EN-57 a 61) com abundantes insultos, tal como anuncia o latinismo “*invecta” (ofensivo, ultrajante); as partes mais fragmentárias da sequência são dadas abaixo das notas (e o texto de 11⁷ EN-57, sem estrofes mais desenvolvidas, é apresentado na secção de fragmentos).*

1 <Isto é o vo □ /vossas costumes/> Este é o logar moral em que viveis
 4 *Embora houvesse um espaço em branco inicial no meio deste verso, o poeta completou-o metricamente, donde não editamos indicação de incompletude.*
 5 *Embora não haja espaço em branco, indica-se a incompletude, pois a quadra seria parte de um octeto.*
 6 mulher [↑ esposa]
 8 <o>/a\ /trampo/ [↑ diarreia]
 9 <faz vazio> [↑ e sem fastio]
 12 <Isto, e mais nada...> E que passa [↑ em]
 13 amante (e) amante.] *parênteses de hesitação.*
 14 <Negras> [↑ Sujas]

Acima da primeira estrofe, há dois versos fragmentários:

A alma □ tem callos
 □
 A virgem pensa apenas □ phallos

Abaixo da última estrofe há mais dois versos fragmentários, com a mesma rima de fragmentos em 11⁷ EN-57^v:

O vosso altar □ espasmo
 □ orgasmo.

[11⁷ EN-58^v]

Seja este e actual e *unico problema
 O operam, – o fidalgo, ou o burguez morno –
 Qual é mais retorcidamente corno?

5 E vós que trabalhais pelo futuro –
 Que pensaes d'isto? Nem vos chora fel
 O coração de o vêr □ e escuro?

Cuidaes que é na taberna e no bordel
 Que a revolta se forja que do obscuro
 Presente ha de tirar e cruel
 10 O dia de amanhã? Cuidaes ser nada
 □

 Cuidaes acaso que é com sangue apenas
 E não com alma e alma pura e nobre
 Que a rebeldia rompe e traz serenas
 15 Horas de paz, após a suja e pobre
 Vida da podridão? Baixo das penas
 Do moralista □ descobre
 Não o sabeis? – a unica força activa –
 Com que é alma um paiz, e uma alma viva?

NOTAS:

- 1 <o>/*unico\
 2 <Se> <o>/O\ operam, – o <burguez> [↑ fidalgo] cruz de hesitação à esquerda do verso.
 3 Trata-se do fim de um octeto que o poeta deixou incompleto, sem os 5 primeiros versos.
 9 tirar <o claro> e cruel
 11 <que> [↑ acaso] que
 15 <e>/a\
 18 <viva> [↑ activa]
 19 <activa> [↑ viva]

Acima da primeira estrofe, há dois versos fragmentários:

Ah não haver <nem sangue> [↑ peste –] □ tampa [↑ †]
 A vossa □ immensidão de trampa.

[11⁷ EN-59^r]

Purificar primeiro o coração
 Que o fogo da esperança que vos alma
 A chama □ de paixão
 Que atravez da □ quér a calma
 5 Vos seja o ser, que toda a sensação
 Que tudo quanto em vós arde ou acalma
 Seja de todo grande, tenha todo
 O esquecimento colossal do lodo.

 D'outro modo paraes e speraes
 10 Apenas para □ descer
 Na via da desgraça ainda mais,

Cingis o inevitavel do morrer
 Ao rapido amanhã, e sois os jograes
 E os lobos do □ do saber,
 15 Que destruis sem ter mais que secco lodo
 Para reerguer o edificio todo.

Escolhei vós os vossos... Sabei vós
 Amar a □ e a singeleza
 Odiar com todos □ e dós
 20 A injustiça □ e a leveza,
 Sabei se grandeza □ após
 □
 E não é sem □ casto
 Que o nosso ser é na beleza vasto.

NOTAS:

- 3 <O>/A\ <fogo> chama
 4 Que <busca> atravez da □ <busca> [↑ quér]
 9 e <es>/s\ peraes
 12 <a>/o\
 13 <Á>/Ao\ <rapidez> [↑ rapido]
 15 não tendo mais que <lama> [↑ sem {↑ ter} mais que secco lodo]
 16 Para <os> reconstruir [↓ reerguer]
 17 Escolhei [↑ vós]
 19 <Todos> [↑ <Conhecer> {↑ <Amar>}] <*Com> [↑ Odiar] com <t> [↑ todos]
 23 sem <pureza e> □
 24 /Que o nosso ser é na beleza vasto./

[11⁷ EN-59^v]

Não basta os outros dominar.
 Dominar-vos a vós, e começae
 No proprio coração a construir,
 Vossa obra □ principiae
 5 E a estatua □ erigir
 Dentro em vós mesmos □ levantae
 Pois não ha estatua □ e calma
 Como a si mesmo para a propria alma.

Um paiz é uma alma... O que sômos
 10 Senão logares vãos de sensação
 Dispersamente recolhendo os pômos
 Da arvore da verdade e da illusão...

O mundo é tudo quanto sêr suppômos
 Esse vasto não-ser sem coração...
 15 É de alma a alma que vivemos, é
 Quem une as almas uma immensa fé.

Fé ou quê? Deus *em □. Que sabemos
 Se somos tudo para nós, □
 E essa □ não conhecemos...
 20 □

NOTAS:

- 1 os [↑ outros] dominar <d'esses> □.] com o acrescento, o v. ficou metricamente completo, apesar do
 espaço em branco inicialmente deixado pelo autor.
 3 <Dentro>/No\
 4 <No> Vossa obra <dentro>
 5 <o>/a\
 <momento> [↑ estatua]
 7 <Porque> [↑ Pois] não há <mom> [↑ pedra {↑ estatua}]
 8 mesmo [a propria] ⇔ [para] alma
 13 /sêr/
 15 <a>/de
 17 □<,>/.\
 Que
 18 nós, <e tudo>
 19 /<O> E essa □ não conhecemos.../

[11⁷ EN-60^r]

Porque é bella a innocencia e a virtude?
 Não o sei. Sei apenas que ha em mim
 Fluctuando de □ para rude
 Uma alma que quér □ um fim
 5 □
 □ alma que enfim
 Me manda odiar-vos porque sois impuras
 E achar-vos □ e escuras.

Como o soldado á ordem obedece
 10 Sem perguntar nem prescrutar e avança
 Eu sinto a lei moral que em mim aquece
 Meu ser para □, para a esperança
 Para a indignada dôr em que estremece
 Todo o meu ser está que □ se cança
 15 Ao vêr o mal e o *rei e a injustiça
 □ liça;

E porque sinto a lei moral mandar-me
 Avançar, não pergunto e avanço altivo,
 Fiado em que ha um proposito no dar-me
 20 Isso que em mim adora o bem, e é esquivo
 Ao pensamento, que ao analyzar-me,
 Só sabe errar, □ e limitativo;
 Por isso eu obedeço e tenho um norte.
 Tudo o mais é com Deus e com a morte.

NOTAS:

- 3 <A>/F\luctuando
 4 <O desejo> [↑ Uma alma]
 14 <a>/o\ <minha alma quando> [↑ meu ser está que]
 17 <a lei> [↑ <o>/a\ <vos>] lei
 19 *Fiel [↑ Fiado em] que
 20 <E>/I\ss<a>/o\ que em mim <ama> [↑ adora]
 24 <O resto> [↓ Tudo o mais]

[117 EN-60^v]

Só pela alma são grandes as nações
 E livres. Grava na alma do teu peito
 Que o caminho das □ oppressões
 E o somno facil no lascivo leito
 5 □
 □
 E ha sempre um puro barbaro que toma
 A apodrecida vida de uma Roma.

A nação é os lares. É do puro
 10 Materno seio das fieis esposas,
 De esposas de amôr placido e imperjuro,
 Que nascerão as raças vigorosas
 Que serão todo um dia do futuro
 Raças altivas e silenciosas
 15 Que calcarão sorrindo as podridões
 Das moribundas civilizações?

Espera e crê. A vida é o que cremos
 Nada sabemos, dolorosamente...
 E Deus é o nome do que não sabemos,

20 Do mysterio □ e immanente,
 É o nome em que casamos os extremos
 De saber e ignorar que a alma sente...
 Ao céu o olhar □ levantamos
 E sem rezar, sentimos que rezamos.

NOTAS:

- 1 Só pela alma /é que/ [as nações] ⇔ [são grandes] com a inversão e alteração métrica, entendemos que as palavras com hesitação tenham sido rejeitadas.
- 2 <Basta> Grava
- 4 /lascivo leito/
- 7 um [↑ puro] barbaro] com o acrescento, o v. ficou metricamente completo, apesar do espaço inicialmente em branco.
- 9-12 Estes versos prefiguram os poemas “D. Tareja” e “D. Filipa de Lencastre” de Mensagem.
- 15 /sorrindo/
- 19 [← E] Deus
- 21 /casamos/
- 23 <E reverentemente levantamos> [↓ Ao céu o olhar □ levantamos]

[11⁷ EN-61⁷]

Temos frio na noite interminavel
 Do pensamento, e ansiada sêde
 Do quê nem em nós mesmos é pensavel
 Sob forma ou em logar e ellude a rêde
 5 Dos emeritos; o abysmo é insondavel.
 O mal é muito. E uma nação que pede
 Não sabe o quê, transcende, sopro aereo,
 O logar infinito do Mysterio.

NOTAS:

- 1 Se reverentemente levantamos> | <O olhar ao céu,> | Temos frio na noite interminavel
- 2 temos fome e [↑ e ansiada] sêde
- 3 <nem> [↑ nem]
- 4 <A> <Uma> [↑ Sob] forma ou em logar <na> [↑ e fuge {↑ ellude}]
- 5 o /abysmo/ é <implacavel> [↑ inmutavel][.] ponto final editorial pela alteração de “E” para “O” no v. seguinte.
- 6 <E>/O\ mal é muito. E <Olhando a alma por o que> [↑ uma nação que] pede
- 7 <Uma nação de dôr vae para além> | <Sente uma [↑ a /oração/]> | Não sabe o quê, transcende, sopro ethereo [↓ aereo],
- 8 Num vago lume □ | <O innumero silencio das estrellas.> | <O silencio da noite universal.> | O logar infinito do <m>/M\ysterio

3.2. Canto III: fragmentos

[11⁷ EN-36^r]

No céo do odio seus nomes fiquem escriptos
Com lama e sangue, eternos e malditos

Tivesse eu
Alguma cousa sobrenatural
5 Em mim para cantar a minha dôr.

NOTAS:

- 1 /céo/
2 *Abaixo do v.2, há a nota: (Braganças, ou politicos)?*
5 <(na alma)> [↓ Em mim para cantar a m{inha} dôr]

[11⁷ EN-38^r]

Não as □
*Murchas de mil leitos e mil vicios

As matronas □
De amor □ e puro
5 Que dão á luz as raças vigorosas
Que serão todo um dia do futuro.
□
□ e corpo □ perjuro
Por quem morrem esses □
10 De que nascem □
Os perdidos p'ra vida e p'ra illusão.

NOTAS:

- 5 <pra> [↑ dão á luz]
6 De que é todo o futuro | [↓ A quem pertencerá todo o futuro.] [↓ Que occuparão um dia do futuro] [↓ Que serão todo um dia do futuro.]
9 Por<que> quem

[11⁷ EN-47^r]

Cahiu o corpo, □
A alma não porque já estava morta,
Mas não, eis o Desdem lhe vem abrir
Da herdada Historia a larga porta.

5 Viveu e leu e depois d' elle veio
 □ como um peor Eu
 O Brigantino Carlos, que viveu.

Viveu, e mais não fez. Pouco não é
 Pois em viver vae muito □

10 □ herda
 n'uma palavra este epitaphio: Merda!

NOTAS:

3 <pois> eis

4 /herdada/

10-11 Versos fragmentários escritos na metade superior da folha; cf. 11⁷ EN-56^r.

[11⁷ EN-48^r]

□ expõem, avidos de ganho
 E do que em honras menos honra é
 A alma – rameira nua á luz da vida
 Como o propheta a esposa prostituida.

NOTAS:

1 <expondo> [↑ expõem]

4 Ozías [↓ o propheta]

[11⁷ EN-50^r]

□ e sequazes
 Façam na sepultura as faceis pazes

NOTAS:

Acima dos versos relacionados com Portugal, há uma indicação atribuível ao Fausto (cf. Pessoa, 2018b: 210 & 497-498):

Melodia vaga

Uma voz suave, parecendo vir de m[ui]to longe

[11⁷ EN-53^r]

O que haverá de pôdre e de corrupto
 Que se assemelhe á essa podridão
 De cada □ prostituto.
 De cada prostituto coração

5 D'aquelles, no □ dissoluto
□

NOTA:

6 <E tendo só>

[11⁷ EN-54^r]

A traição, o suborno, e o desvario
De quem por alma tem vileza e □,
E o desconhece por que o ser é cheio
D'essa vileza □
5 □

NOTA:

2 /vileza/

[11⁷ EN-55^r]

Portugal.

“Sou aquelle de quem o vasto oceano
Se lembra como o nome da ousadia,
*Esse que □

NOTAS:

1 “<Eu> <s>/S\ ou aquelles <a> [↑ de] quem o <mar se> [↑ vasto oceano]

2 Se lembra [↑ Conhece] *cruz de hesitação à esquerda do verso, que parece abarcar ambas as variantes; como o poeta optou pela preposição “de” (riscando “a”) no v. acima, edita-se, excepcionalmente, a var. primeira (“se lembra”), concordando com a regência não riscada.*

[11⁷ EN-56^r]

Depois de fallar dos Braganças, merda:

Mas não é – só □ o vosso mal

É preciso □ e combater
Avante, sem pensar que ha temer.

NOTA:

Titulo Cf. 11⁷ EN-47^r.

2 combater(?)] *interrogação entre parênteses indicando hesitação do autor.*

[11⁷ EN-57^r]

- Aos que o recato e a decencia ainda
 Contam por seus, o riso lhes destaca
 □ do ser puro, e a graça vinda
 Do paiz onde a lama □,
- 5 Quer no âmago do vosso pensamento,
 Quer no que □
 □
 A vossa alma é um phallus em orgasmo
 E □ espasmo
- 10 A poluição como oleo alastra
 Derramada nas almas, □ e lenta,
 A virgindade morre antes que □
 □
 □ castra
- 15 □
 E o noivo leva ao throno n'um corpo.
 *Gosta de mão *uma alma prostituida.

[11⁷ EN-57^v]

- O noivo leva ao leito imperial
 Rameira em coração, já sem segredo,
- 20 □
 E um clitoris que já fez calloso o dedo.
- Onde está, Juvenal, o teu chicote,
 Quero esta carne d'almas que estrebuxa
 Em espasmos □,
- 25 Do látigo da ira □ e roxa,
 Quero vêr se inda dorme n'essa luta
 De pederastas e rameiras, frouxa,
 Que seja, cousa que lembre como fôr
 □ ter havido pudor.

NOTAS:

- 3 <*E> □
 5 Quer <nos> no
 6 <ama> □
 10 <estende-se> como
 11 <Derramada nas almas> [↓ Derramada nas almas,]
 16 leva ao <leito, *enrubescida> [↑ throno n'um corpo] com a substituição, ficou faltando a rima.

- 19 <Uma rameira> [↑ Rameira em coração]
20 <E um corpo ha muito> □
21 *Verso hipermétrico.*
23 <a> [↑ esta]
24 <pensados> □
28 coisa [↑ <algo>] que lembrar[↑e] /pareça/ [↑ (como fôr)]
29 <Uma lembrança de> ter havido pudor.

4.1. Canto IV: estrofes numeradas

[11⁷ EN-63^r]

1

Como após o relampago e o estampido
 Do trovão, o silencio e a treva voltam,
 E só as gôtas de chuva pelo ruido
 Minuciosamente se □ soltam
 5 Assim no excesso da paixão, ardido
 Das raivas e odios em que se revoltam
 As almas nobres, recahi no somno
 O guerreiro do tragico abandono.

NOTAS:

- 2 e [↑ a] treva
 3 É só a[s] [↑ gôtas de] chuva <o murmurio> [↑ pelo] ruido
 4 /Minuciosamente/
 6 <Da lembrança, dos tempos que não> | Das raivas e odios com [↑ em] que se revoltam

[11⁷ EN-63^r]

2

Vi-lhe a dôr, como em lago de alva agua,
 E transparente, o pedregoso fundo,
 Vi quanto lhe era o sêr a sua magua
 E quanto a antiga gloria lhe era o mundo,
 5 E como salvo do rubôr da frágua
 Da morte o forjador e no profundo
 □ chorei
 E desoladamente olhei o rei.

NOTAS:

- 2 <na rugosa fase> [↑ o pedregoso fundo,]
 4 [← E] Quanto
 6 <O ferreiro é uma> | /Da morte o forjador e no profundo/

[11⁷ EN-63^v]

3

Vamos inda, mais adiante, disse.
 Quero ver, se mais ha, o ultimo *horror.
 Quero a certeza □

[11⁷ EN-63^v]

□
 5 □. E como se sentisse
 Subitamente □ dôr
 Paz trémula afflicta a □ mão
 Ao nobre lhe doia o coração.

NOTAS:

3 <Quero a des[↑i]llusão> | Quero a <tristeza> [↑ certeza]
 7 <Levou> [↑ Paz trémula]
 8 Ao logar [↑ nobre] onde [↑ lhe]

[11⁷ EN-63^v]

4

E *avanço lentamente. Para onde?
 Não o sei. Avançámos descançando
 A emoção no vagar dos passos. Sonde
 Quem pudér o que sente o amargurando
 5 Coração quando sabe, e o esconde,
 O ultimo sonho e crença resvalando
 Onde puzera a □ e a firmeza
 Da sua ancia □ de bem ou de beleza.

NOTAS:

1 *avanço] parece-nos indecível a transcrição “avança/avanço” (tanto “avança” poderia referir o nobre da estrofe anterior, como “avanço” o eu-lírico).
 6 <A>/O\ ultim<a>/o\
 8 Da [↑ sua] ancia

[11⁷ EN-63^v]

5

Isto, não porque o visse vago ou claro
 No andar pausado do rei jovem, soube,
 Mas porque quando o coração é raro

Do que de dia e □ lhe coube
 5 Ter de outros corações obscuro faro
 E inda que no gesto não se arroube
 Ao grito a alma d'outros, reconhece
 Seu o □, o quanto outro padece.

NOTAS:

- 2 No <gesto> andar
 3 <sentimento> [↑ coração]

[11⁷ EN-63^v]

6

Assim meu coração correspondia
 – Quão doloridamente bem o tinha
 Por certo – ao quanto tacito soffria
 O rei que não houvera outra rainha
 5 Que a morte, e a debil gloria muda e fria?
 De quem perder, ainda que visinha
 Tivesse no perder, gloriosamente
 O que é mais gloria na victoria ardente.

NOTA:

- 6-8 *Versos escritos na margem esquerda da página, perpendicularmente aos anteriores.*

[11⁷ EN-64^r]

7

Como os nobres que á noite são o medo
 Dos camponezes crédulos de alma nua,
 No □ e no segredo
 Das noites estrelladas e sem lua,
 5 Ardente com um passo □ e quedo
 □
 Bruxuleava negramente o vulto
 Do rei, da □ occulto.

NOTAS:

- 2 e [↑ de alma nua],] *verso hipermétrico.*
 4 /sem luar [↑ e sem lua]/,

5 passo <baixo> □
7 <a>/o\ <forma> vulto

[11⁷ EN-64^r]

8

Era já quasi extincta a branca luz
Que *horroroza nos fôra ao primicial-a;
Lentamente esvahia-se – seduz
O pensamento crel-o, – mas a falla
5 Do velho inerte agora sob a cruz
Com a alma lhe era, desde o começal-a
Ao acabar tivera-nos alheios
A tudo, d’essa voz espiritos cheios.

NOTAS:

- 1 Era <menor a luz> [↑ já quasi extincta]
2 Parece haver inconstância na grafia de “*horroroza”, ora com “z” (aqui e na estrofe #23 deste canto), ora com “s” (na estrofe #9).

[11⁷ EN-64^r]

9

Assim ao fallar elle, lentamente
Decahira em crepusculo horroroso
O horroroso dia inconsistente
Com quanto o pensamento se dá goso
5 Em crear. E agora, apenas, rente
Ao que em nós tem o tacto de horroroso,
Nos era extranho o noitear. Na fria
□ da treva □ prosseguia

NOTAS:

- 1 ell<a>/e\
2 /Decahira/
4 Co<mo>/m\ quanto o pensamento /se dá goso/
6 /horroroso/,] uma linha conecta as duas ocorrências de “horrorosso” (nos vv. 2 e 6), como que chamando a atenção do próprio autor à rima por repetição.

[11⁷ EN-64^v]

10

Mas subito parando, e demorando
 Sobre o fallar, a magua d'um momento,
 E interrompendo inda no começar
 Um dos labios primeiro movimento,
 5 Mas retomando após, com um parar
 De *peito que dizia o abatimento
 De a quem já pesa o respirar, por inda,
 Assim com voz longinqua e esquecida: –

NOTAS:

- 2 fallar, [{↑ a tristeza}{↓ a magua}]
 3 interrompendo <antes de com> [↓ inda no começar]
 6 /abatimento/
 7 De [↑ a]
 8 /longinqua e esquecida/: –

[11⁷ EN-64^v]

11

“Sinto” me disse “já em mim o dobre
 Da tristeza á confiança, sinto o ser
 Subitamente abandonado e pobre
 E morrendo, se a morte é o esquecer,
 5 Minha alma é orphã. Nada □ a cobre
 Logra n'isso que amei sobreviver
 □
 O □ dia

NOTAS:

- 2 /Da tristeza á confiança,/
 3 Subitamente <de> abandonado
 6 Logra n'isso que amei sobreviver
 7 <Aquella morte que eu julgava> □

[11⁷ EN-64^v]

12

“Aproxima-te mais...” e aqui doente
 □ ao meu hombro ella encostou
 Sobre o braço a cabeça e lentamente
 E apagadamente retomou
 5 O frouxo frio do fallar... “Quem sente
 O que eu sinto, ai de mim o que ora sou!
 Que abri as portas □ da historia
 A um □ de □ ingloria...

NOTAS:

5 <*diz>/fallar\
 7 Que <apenas> abri

[11⁷ EN-64^v]

13

Porque não descansar aqui?... Avança...
 Prosegue tu... □ Continúa
 Talvez que haja inda uma esperança
 Que não seja esse cadaver, suja e núa,
 5 Vae... vae... Sinto n’um corpo de creança
 Pesar o chumbo da minha alma... A tua
 Porque n’ella sepulta te não jaz
 A creança, está por certa mais audaz...

[11⁷ EN-65^r]

NOTAS:

4 <um> [↑ esse]
 7 <te não morreu> [↑ n’ella sepulta]
 8 /A creança/, /está por certa/

[11⁷ EN-65^r]

14

Caminha pois... Se descobrires seja
 Um rasto de esperança, inda que o rasto
 Seja o de pés pesados de quem □
 □

5 Chama meu nome... Moribundo esteja
 Que á tua voz □ arrasto
 Meu corpo □ e desfalecido...
 Como um cego n'um logar estou perdido...

NOTA:

8 Cruz de hesitação à esquerda do verso, que está hipermétrico.

[11⁷ EN-65^r]

15

Mas eu que ouvira com esfriamento
 De alma e consciente pallidez
 A desolada dôr d'este lamento
 Que em pesado segredo o rei me fez,
 5 Dei a esperança, e a crença d'um momento
 De contrafeita □ á mudez
 Do meu olhar, e alcei a voz que achava
 Um tom de esp'rança que desenganava –

NOTAS:

4 <o rei do m> [↑ em pesado segredo]

8 desenganava< >/-\

[11⁷ EN-65^r]

16

“Ó rei, com deixar-te”, disse, “como
 Caminhar só o horror d'este caminho?
 A lealdade não é □
 Se no logar □
 5 □

NOTAS:

1 rei<” disse> com

3 A lealdade não é □ <pômo>

4 <Que cami> | Se no <ca> logar

[11⁷ EN-65^v]

17

“A esperança é eterna, o procural-a
 É tel-a... Procurando-a, tel-a-hás.
 Quem sabe as cousas que o □ cala
 Em que esta escuridão nos é fallaz?
 5 Não seja a □ dôr da tua falla
 A alma nossa commum... Não seja a paz
 Ó rei que sempre foste o ardôr da guerra
 Tornado ser e exemplo sobre a terra...

NOTA:

3 o <s> □ cala

[11⁷ EN-65^v]

18

“Caminhemos ainda... E finalmente
 Se o nada interminavel nos dér essa
 Desillusão que tens agora, crente
 No mal como no bem, mas sem promessa”
 5 – Aqui elle cansado e tristemente
 Abana a inda encostada cabeça –
 Deitar-nos-hemos juntos prosegui
 No frio chão... Eu não irei sem ti.”

NOTAS:

1 <†>/finalmente\

2 Se [↑ o] nada interminavel<mente offereça> [↑ nos <seja> {↑ dér} essa]

5 – Aqui elle <com triste> [↓ cansado e] tristemente

6 <Deixa a abanar> [↓ Abana a {encostada} ⇔ {inda} cabeça] *acentuação métrica não-canónica.*[11⁷ EN-65^v]

19

E como nada em decisão rompia
 O abatido silencio d’elle, fui
 Guiando-o como a um cego, pela fria
 Desillusão da noite com que obstrue

5 Aquelle extranho externo mundo a pia
 Esperança em espera em que se influe
 Uma alma como a minha, desolada
 Mas para o exemplo pseudo-alevantada.

NOTAS:

1 [← E] Como nada <resolveu> [↑ em decisão] <d> rompia
 2 f<o>/ui\
 4 da <trev> noite
 5 <O ext> Aquelle extranho externo mundo<,>
 6 imbue [↓ influe]
 8 /pseudo/-alevantada

[11⁷ EN-66^r]

20

E caminhámos – parece-me – não
 Horas, dias, semanas, mezes, annos,
 Mas annos de □ sensação
 Horas de desilusões e desenganos,
 5 Contando o tempo pelo coração
 Não no bater mas no sentir, e os damnos
 D’essa velhice de sentir cresciam
 Nas nossas almas que eguaes se sabiam.

NOTAS:

2 dias <ou>[↓,]
 3 Mas <illusões, friezas de coração> [↑ annos de □ sensação]
 4 Verso hiperométrico.
 8 /que eguaes se sentiam [↑ sabiam]/

[11⁷ EN-66^r]

21

E caminhámos... Subito e antes que eu –
 Como já os olhos para o chão me olhavam! –
 O rei □ estremeceu
 E as suas mãos, que inertes se cruzavam
 5 Sobre o meu hombro, rápidas rompeu
 Do laço e □
 □

□

NOTAS:

1 <E> [↑ Subito e]

8 □ <e ao mesmo tempo> □] *note-se como a expressão riscada é aproveitada no incipit da próxima estrofe.*[11⁷ EN-66^r]

22

Ao mesmo tempo, no passar immerso
 De sensações mesquinhas do andar
 Sob os meus pés senti um chão diverso

□

5 □

□

E entanto o rei fitava longamente
 O alterado logar que havia em frente.

[11⁷ EN-66^v]

NOTAS:

2 <mesquinhas> [↓ sensações], <sentir ao caminhar> [↑ mesquinhas <no> do andar]

3 <Sobre> Sob os meus <passos /haver/> [↑ pés senti]

[11⁷ EN-66^v]

23

Era que a luz *‘téh’, por horrorosa
 Ou branca como o mêdo, ou obscura,
 Era, uma e impolluta e □
 Mas aqui se tornava baça e impura,
 5 Qualquer cousa de □ que asquerosa
 Me roça a alma como a aza escura
 Do vil morcego pela noite roça
 A face... Mas cresceu a esp’rança nossa.

NOTAS:

1 *A leitura de ‘téh’ (do Chinês ‘virtude’ ou ‘caráter’ ou ‘força interior’), ainda que conjectural, apoia-se nas leituras de Pessoa de John Mackinnon Robertson (que menciona directamente o “Tau Téh King” de “Lao-Tsze”, por exemplo, na p. 216 de Pagan Christs, CFP 2-54); ainda, o livro do mestre taoísta surge em bibliografias de livros de Herbert Spencer, autor que também consta na biblioteca de Pessoa. Como na estrofe #8 deste canto, “horrorosa” aqui está com “z”, ao passo que surge com “s” alhures.*

- 2 ou □ obscura] apesar do aparente espaço em branco no ms. (provavelmente inicialmente deixado pelo poeta ao escrever uma parte do verso), o decassílabo está metricamente completo.
- 6 como [↑ a] aza escura
- 8 A <cara> face<,>/. \..

[11⁷ EN-66^r]

24

- Approximamo-nos, mas não correndo
 Que uma desconsolo intuitivo déra
 Nos nossos corações como um, prevendo
 O desmentir d'outra esperança, e era
 5 A ultima possivel, □
 □

NOTAS:

- 2 um<a> <desolação> [↑ desconsolo] intuitiv<a>/o\ <déra> déra
- 3 <um> [↑ um]
- 5 /A ultima possivel/

Abaixo desta estrofe, lê-se a indicação "25" para uma estrofe seguinte que não chegou a ser rascunhada.

4.2. Canto IV: estrofes não-numeradas & um fragmento

[11⁷ EN-67^r]

No entanto o rei, □
 □
 Nada humano, incapaz de haver um vicio,
 Sorria ao vulto cuja dôr ouvia,
 5 Como se sorrir fosse o abstracto officio
 Do seu logar – abstracto que sorria
 Com um sorriso nem alegre ou triste
 Sorriso emfim que n’uma cara existe.

Sorriso que podia ser pintado
 10 E tão em seu logar, tão natural
 Como um chapéu n’um prego pendurado,
 □
 E o Rei – Aquelle que nem era – irado
 Olhava o outro com olhar de mal,
 15 De quem perdera a ultima illusão
 Mas sem por si ter □ ou compaixão.

NOTAS:

1 No entanto o rei, □ <precipicio>
 3 <*que> cuja
 6 ,[↑-]
 8 <Mas um> <s>/S\orriso [↑ emfim]
 11 *Cruz de hesitação à direita do verso.*
 13 era – <triste> [<↑ olhava> {↑ irado}]
 14 <echo do que elle> [↑ outro com olhar de mal,]
 15 <Foi olhar,> [↑ De] que[→m] perdera a [↑ ultima] illusão
 16 <Ultima,> <m>/M\as

[11⁷ EN-68^r]

Como uma bruma então toda a inda obscura
 Atmospha de sonho e de incerteza
 Esvaziou-se, e eu vi serena e pura
 Sorrindo bella á □ beleza
 5 Do ceu azul □
 A Patria em toda a □ singeleza
 Das suas □ collinas e do azul
 □

10 Era a patria de Gama e de Camões
 E no choro d'alegria, era a nação
 Que recordava os tempos dos varões
 Assinalados, mas no coração.
 Era outra voz □
 O lugar onde □
 15 A terra tem o □ impreciso
 De começar a ser um paraizo.

Era ella... A nossa; o lugar da nossa alma
 O berço, □ onde a nossa mãe
 Nos cantou com a voz sentida e calma
 20 Essa tristeza que a nossa alma tem,
 O lugar do amor onde se acalma
 O pensamento de morrer, e vem
 Como um consolo □ goso
 Onde até o morrer é ser ditoso

[11⁷ EN-68^v]

25 E até – olhae – onde estivera o throno
 Floriu a terra, e o malmequer frequente
 E a flôr antiga consagrada ao somno
 A subita papoula, □
 □
 30 Que a Natureza mãe, a calma e ardente,
 Tem o perdão do grande e do forte,
 Sorri á vida e *ama sobre a morte

E eu vendo isto, chorei

□

NOTAS:

- 1 toda <a> [↑ a inda] obscura
 6 <p>/P\atria
 7 e d<a>/o\ <verde> [↑ azul]
 11 <†> Que
 14 onde <a terr> □
 15 <O lugar onde> <a>/A\terra
 17 <não> [↑ o]
 18 <leito> [↑ berço]
 28 A [↑ subita]
 31 forte[,] vírgula editorial
 32 *am^a

[11⁷ EN-69^r]**Prolegomenos*

Uma sombra de luz forma-lhe as vestes
 *Nimba-a um calôr de □ desejo
 □
 Como uma boca de creança prestes
 5 A ir entregar-se no *dar um beijo
 □
 Essa □ tão nossa como a alma,
 A noiva espiritual avança calma.

10 E ao avançar silenciosa e pura
 Flor hedionda, minuciosa luz
 O throno ignobil e a lama escura
 De que é feito, □
 □
 □
 Treme e *agacha-se e enterra
 As suas larvas na *nojenta terra.

[11⁷ EN-69^v]

NOTAS:

Titulo	*Prol[e]g[omen]os
2	<*Nimb> [↑ *Nimba-a]
5	A [↑ ir] desabrochar-se [↓ entregar-se] □ n'um beijo [↑ no *dar um beijo]
7	Essa <alma *na> tão
10	<†>/Fl\or
16	As [↑ suas]

[11⁷ EN-70^r]

E mais perto da vida em esperança.

NOTAS:

1	<i>O mesmo verso encontra-se, completamente riscado, em 11⁷ EN-62^v – suporte provavelmente empregado para arquivar os documentos do Canto IV (vide descrição do documento).</i>
---	---

5.1. Canto V e/ou Último Canto: estrofes & fragmentos

[11⁷ EN-94^r]*Ultimo Canto**Principio*

2.

E eu despertei; mais do que d'esse somno
 Despertei – sim despertei de mim,
 Da minha antiga inercia e abandono
 Me ergui e louco □ de clarim
 5 Minha visão libertadora o throno
 Da duvida do reino, e erguido vim
 Para a lucta e a sperança □
 E a certeza do proximo amanhã

[11⁷ EN-94^v]

3.

□

NOTAS:

Titulo *Ult[im]o] até a secção anterior, omitimos as atribuições relativas aos cantos das transcrições (vide descrições dos documentos para tais indicações); contudo, dada a diversidade de atribuições desta e da próxima secções, passamos a inclui-las doravante.*

6 duvida + [↑ do reino]

7 lucta<> e <á> a

[11⁷ EN/P-2^r]*(Near end of canto V)*

Dormir eternamente á sombra eterna,
 E alheio a conhecer-nos, da olaia
 Quando a chuva ondeada bate e inverna
 Sobre nós, ou com franjas de sua saia
 5 Passa por uma inconsciencia a externa
 Briza, □
 □
 Renasça eu, outro, para um outro sonho.

Abram-me outro sentir e outro pensar
 10 As portas irreaes do universo,
 Caia o véu, e a minha alma em seu alar

Concentre em Deus *o □ e disperso
 □
 E eu em mim proprio alheiramente immerso
 15 Naufrague em Deus meu *sonho-seu, e mudo
 Conheça Deus o corpo e a alma de tudo.

[11⁷ EN/P-2^v]

Tudo é Deus, □ e para Deus.
 Deus excede o que □ não tem fim
 Está tudo e parte no □ e ceus
 20 E inteiramente □ em mim
 Sabel-o é ser poeta... Ó olhos meus
 A que é vosso sentido □ e affim?
 A Deus, porque creas ao ver... □
 □

25 O universo é Deus que se procura
 E sobe em seu pensar... Mas, □
 Já achar a Natureza que é futura
 Para nós, □
 Em Deus tudo é Agora e Aqui □
 30 □

NOTAS:

- 2 <das olaias> [↑ da olaia]
 3 /arrastada/ [↑ ondeada] /bate/
 4 e [↑ ou]
 9 [↑ Abra/m/-me] Outro sentir e outro pensar <me>] a justaposição de “sentir” e “pensar” lembra-nos o incipit de “D. Pedro, Regente de Portugal” de Mensagem: “Claro em pensar, e claro no sentir.”
 11 m[inha]
 16 <*substancia > [↑ o corpo e]
 19 Acentuação métrica não-canónica.
 25 D[eus]
 27 <encontrar> [↑ achar]

Acima das estrofes no verso do suporte (talvez os rascunhos de um elo entre os textos no rosto e no verso da folha), lêem-se dois grupos distintos de versos fragmentários:

Sou Deus, meu proprio pae, m[eu] proprio filho,
 Eu <que> mais me exalto q[uan]to mais me humilho.

□ A Natureza fita-me
 Perco-me □
 Brilho<, sem> de luzes, sem □ estrellas.

6.1. Epílogo: estrofes & fragmentos

[11⁷ EN-71^r]*Epilogo.*

Esvaiu-se a visão do cavalleiro
 Como a ultima sombra, e a nevoa extrema
 Quando a manhã occupa o céu inteiro
 E a luz do sol é nitida e suprema;
 5 □
 □
 E o mundo usual e quotidiano á vista
 Regressara-me □

Mas ficára-me n'alma um sentimento
 10 De uma esperança vaga, d'um assomo
 De sentimento quasi pensamento,
 Um desejo □ que não dómo
 Ás palavras, um □ intento
 *Sendo-me a vida á alma triste, como
 15 Na fria solidão de muitas bellas
 O silencio disperso das estrellas.

NOTAS:

Titulo *A folha parece ter servido de capa para uma série de papéis (vide descrição dos documentos); agrupamos o texto junto a outros documentos com a indicação "Epilogo" ou "Fim".*

1 Esvaiu-<t>/se\
 3 /occupa/
 4 /nitida/
 8 <aos *olhos> [↑ <á vista>] □
 10 De [↑ uma] esperança vaga, n [↑ d]'um assomo
 12 /Um/
 13 Pelas [↑ Ás] palavras, um □ /intento/
 14 tudo [↑ a vida]

Abaixo dos versos, lê-se a seguinte nota em prosa, que faz pensar no impacto dos eventos de 5 de Outubro de 1910 neste projecto pessoano:

Recentes e gloriosos dias tornam[↑ram], felizmente, irrisoria esta <poesia> poesia prefacial.

No verso da folha, há um dístico aparentemente independente:

*Ó á [↑ na] vista vã multi-local, <e>/o\ disperso [↑ diverso],
 Milagre quotidiano do universo.

[11⁷ EN-79^r]

Despertei. Um socego doloroso
 Era me a alma. A noite □ e fria,
 Sobre o vago silencio rumoroso
 Em que a immensidão se confrangia
 5 Sobre a cidade, como que sem goso
 De o gosar □ jazia.
 □ eu vi a lua calma
 Surgida, como um echo de minha alma.

E meditando quanto ouvira, achei
 10 O choro, e com socego descontente,
 Olhando em mim quanto o que recordei,
 Era ao Mysterio Eterno irreverente –
 E sorri a mim mesmo, vago rei
 Do mundo externo em que a minha alma sente
 15 Lagrimas tristes, das que em noites bellas
 Saúdam o silencio das estrellas.

[11⁷ EN-79^v]*Fim.*

NOTAS:

- 4 <Da immensidão □ e vazia> | <A noite> [↓ Em que a immensidão se confrangia]
 6 De o gosar □ /sentia/.] [↑ jazia.] *uma seta indica que “jazia”, escrita inicialmente como fim de um verso de resto em branco, deveria ser considerada como variante de “sentia”.*
 8 /como um echo de minha alma./ *além da marca de hesitação específica sob essas palavras, há uma cruz de hesitação à esquerda do verso como um todo.*
 15 <Um> Sorrisos [↓ Lagrimas] tristes, das [↑ das]

[11⁷ EN-97^r]*Epilogo*

Acordei. Como subito □ um vento
 Rasga o nevoeiro, e mostra lentamente

NOTA:

- 1 /subito/

[11⁷ EN-97^r]*Fim (quasi) do ultimo canto*

E na relva □
 E das flores na multipla beleza
 O perdão natural da Natureza

NOTAS:

Título	ult[im]o
1	a [↑ na]
2	/multipla/ /beleza/
3	<n>/N\atureza

[11⁷ EN/P-3^r]

(fim)

Deus fez de mim seu gladio... Luctarei
 Pela Patria primeiro, porque cresça
 E em beleza □
 E em puro espirito □ floresça...
 5 Porque lutar por ti, Patria? Não sei.
 Sei que alheio ao que eu queira ou conheça
 Meu braço *soerguer para tua gloria
 □
 Sou cego, mas conduz-me alguém, e leva-me
 10 Ó pátria para teu □ amôr,
 Eu *obedeço □

NOTAS:

1	D[eus]] este verso será a primeira versão da abertura do célebre poema “D. Fernando, Infante de Portugal” de Mensagem, inicialmente intitulado “Gládio” quando escrito em 1913; há pelo menos um outro verso em “Portugal” que também deve ser considerado como variante: “Deus fez de mim seu gladio e a sua lyra” (em 11 ⁷ EN-72 ^r).
5	sei[.] ponto final editorial.
7	/braço/
9	<não sei> [↑ e leva-me]

[11⁷ EN/P-3^v]

Eis me em frente de ti, patria *alastrada...
 A minha alma, impolluta e escolhida
 De quem soffreu, mas porque Deus a ungiu
 Diversa e *sua, minha Arte é Vida

5 Que vos dou, □

O instinto messianico da Raça
 Toma-me em *garra e alto me *esguia
 Onde elle me colher meu sangue passa
 E *cahe, eu *mero sangue, □
 □

NOTAS:

2 [←A {↑ <A>}] Minha

3 <*unge> [↑ ungiu] *sem rima aparente; entretanto, dado o estado fragmentário desta estrofe, também é possível imaginar o primeiro verso como variante (seja anterior, seja posterior) do segundo, o que alteraria a expectativa de rima no terceiro.*

7 Toma[↑-me] me em *garra e <me> alto me

7.1. Estrofes & fragmentos numerados sem atribuição de Canto‡

[11⁷ EN-72^r]

1

Este canto é de mim, de quem eu sou
 E d'esta patria humana d'onde venho,
 E d'esta terra-mãe em que, alma, estou,
 E onde o olhar ebrio como um corpo banho
 5 Carnalmente; e a noite por onde vou
 Para o Mysterio e em que sinto extranho
 Meu proprio ser, e alheio a mim me perco
 Do sentido de mim com que me cerco.

NOTAS:

- Título <Canto> [→ — 1 —]
 2 <humana> [↑ humana]
 4 de belleza [↑ como um corpo] banho
 5 Como um corpo [↑ Carnalmente] *dependendo de como o lermos, o verso será hipermétrico (leitura com diérese entre as duas primeiras palavras) ou de acentuação não-canónica (leitura com sinérese).*
 8 <senso de> [↑ sentido]

[11⁷ EN-73^r]

2

Canto, e cantando encontro-me... Fitando
 Minha sombra me abranjo e me conheço
 □
 □
 5 □
 □ atravesso,
 Externo a saber como, o meu destino
 E sem querer conheço-me divino...

‡ Os textos desta e das duas próximas seções parecem ter sido agrupados dentro da folha 11⁷ EN-71, que terá sido usada como capa, contendo a indicação "Portugal (antigo) | Varia". Nos casos em que houvesse atribuição explícita de textos deste grupo a um "Canto V" (ou "Último Canto") ou a um "Epílogo" (ou "Fim"), optámos por apresentá-los em seções dedicadas a tais atribuições.

NOTAS:

Os versos desta estrofe (e desta folha inteira) foram primeiro escritos a lápis e depois tracejados a tinta preta; excluimos das notas o tracejado que apenas repita o lápis inicial.

- 1 <+> Fitando
 2 <A própria> [↓ Minha] <me sombra>/sombra\ me <conheço>/abranjo\ e <abranjo>/me\
 <*abrango> conheço

[11⁷ EN-73^r]

3

Divinamente misterioso, como
 O innumeravel universo vago
 Em tudo que por alma ou corpo tomo
 Ou quanto por sentido ou sonho trago,
 5 Mas mais divinamente surjo e assomo
 Do mysterio com que, alma, me embriago
 Quando floresce em mim, de Além, □
 O que me faz achar-me sendo Poeta...

NOTAS:

- 4 Em [↑ Ou]
 6 mysterio [↑ com] que
 8 <*cantar e ser> [↓ achar-me sendo] Poeta <e> [↓ ...]

[11⁷ EN-72^r]

4

Deus fez de mim seu gladio e a sua lyra,
 Meu orgulho consciente e commovido
 É o de quem Deus com o seu fazer ungira
 Orgulho triste e humilde de Escolhido,
 5 Quando Deus á alma a fórmula humana tira
 E a faz divina, e *esmaga o opprimido
 Coração... Assim, lyra, fibra a fibra
 Vibra *com Deus, e gladio *Deus me vibra.

NOTAS:

Além do poema afim desenvolvido em 11⁷ EN/P-3^r (“Deus fez de mim seu gladio... Luctarei”) e o poema propriamente intitulado “Gladio”, há dois testemunhos da numeração e do incipit desta estrofe, que parece ser outra fase no desenvolvimento do texto que resultaria em “D. Fernando, Infante de Portugal” de Mensagem: A) 11⁷ EN-73^r (estrofe completa) e B) 11⁷ EN-72^r (apenas numeração e incipit).

Título A —<2>/4\ — B 4

- 1 A Deus fez de mim seu gladio B Deus fez de mim seu Gladio] *apesar de o testemunho “B” apresentar “Gladio” como inicial maiúscula, seguimos “A”, pelo paralelismo de ambos “gladio” e “lyra” com minúsculas.*
- 2 <O> <m>/M\eu orgulho <*consciente> [↑ consciente]
- 3 o <orgulho> de
- 4 <E> <o>/O\rgulho

Agradecemos a José Barreto o seu auxílio na decifração desta passagem.

[11⁷ EN-73^v]

5

E eu vivo em Deus mais entregadamente,
E mais á tona interior de mim
Mais compreendendo-o, mais □

NOTAS:

- 1 /em/
2 á <flôr> tona
3 /mais/ □

[11⁷ EN/P-5^r]

(a)

- Deslembra-nos de tudo, ó Natureza
□
Ó mãe universal, □
Nosso filho, mas unico *consôlo
5 Mãe serena dos gosos e das dores.

NOTAS:

- Titulo *Trata-se de um conjunto de estrofes mais ou menos fragmentárias, cuja sequencia é dada por letras.*
- 3 universal, <+>
- 5 *Dara a incompletude da estrofe, é difícil determinar se haveria uma linha em branco entre os vv. 4 e 5 ou após o v. 5, ou, ainda, se o esquema rímico fosse provisório (já que os dois vv. finais deveriam rimar).*

[11⁷ EN/P-5^r]

(b)

Entorna a tua agua □ e calma
No tunel das danaides da nossa alma;

NOTA:

2 n[ossa]] o ms. também admite a leitura “m[inha]”, mas seguimos a 1^a pessoa do plural da estrofe “a”.

[11⁷ EN/P-5^r]

(c)

Para quem era, ainda que vazio
 Sempre do teu socego □ e lento,
 Sinto em mim pelo fresco rumôr frio
 D’essa agua inútil, um enganamento
 5 *Em julgar-me feliz, *ser o fastio,
 Qualquer cousa como o esquecimento
 E se eu morrer de todo para a esp’rança
 Morra tambem para desesperança.

[11⁷ EN/P-5a^r]

NOTAS:

5 contente [↑ feliz], /*ser o fastio/[.] *vírgula editorial ao fim do verso.*

6 <De> Qualquer

7 <Mas onde era não esqueço> [↓ E se eu morrer {↑ de todo} para a esp<e>’rança]

[11⁷ EN/P-5^v]

(d)

*Fazem que fite, sem sequér saber
 Que estou fitando, méramente as âves
 □
 □
 5 □
 □
 Ou deixa que o meu sêr se me consuma
 Em conhecer as flôres, uma a uma.

NOTAS:

Esta e a estrofe seguinte antecipam a linguagem e a filosofia que seriam desenvolvidas com Alberto Caieiro.

1 Faz/e/ com [↑ *Fazem] que fite, sem <† saber mais> [↑ sequér saber]

2 <m> [↑ meramente]

7 E [↑ Ou]

[11⁷ EN/P-5^v]

(e)

Assim talvez desaparecerá
 Do logar consciente do meu ser,
 Esta vegetação vermelha e má
 Que dá o amar e o entristecer
 5 Por rubras fructas venenosas. Vá
 De mim mesmo a consciencia de esquecer
 E seja eu qualquér cousa exterior
 Como uma posição ou uma côr.

NOTAS:

- 6 c[onsciencia]
 7 seja [↑ em]
 8 /posição/

[11⁷ EN/P-5a^r]

(f)

Seja o que teu se vê e mostra, apenas
 Florido e desflorado inertemente
 Pelo correr das estações serenas
 Sem uma vida mais que *mal-latente,
 5 Sem noção □ de □ ou penas,
 □
 Mas uma cousa morta, □ e pura,
 Como são flores n'uma sepultura.

NOTAS:

- 1 teu nada exterior [↑ que teu se vê e mostra]
 3 <correr> [↑ correr]
 8 <as> [↑ são]

[11⁷ EN-81^r]

a

Não tinha fórma ou assentos. Estava
 Na noite como Noite ainda maior...
 O Seu vulto a si proprio se occultava
 E existir era todo o seu esplendor...
 5 O seu olhar sem duvida sonhava
 Com o não chegar nunca, com o amor
 De grandes extensões a *percorrer
 E as novas terras sempre para vêr...

NOTAS:

Esta estrofe principia uma nova série de estrofes numeradas – as primeiras quatro com letras “a” a “d” apostas à esquerda dos versos em 11⁷ EN-81^r e 82^r, as demais numeradas por constarem em páginas com as indicações numéricas “3” e “4” no canto superior direito (em 11⁷ EN-83^r e 84^r).

3 O Seu vulto <era de sombra> [↑ a si proprio se occultava]
 4 <O *olhar> [↑ E] existir] verso hiperométrico.
 5 /olhar/
 6 <a dor> [↑ o <amor>]

[11⁷ EN-81^r]

b

Desmedida □ e indefinida
 Como uma melodia, sem feição
 Vivendo um outro genero de vida
 Do que aquelle em que bate um coração
 5 Maestra onde os *solos tem a guarida,
 Ebria da sua significação
 Mensageira □ do mysterio
 Ao novo sonho □ ethereo

NOTAS:

1 <Oh> Desmedida
 7 <*sobria> do
 8 <*sonho> sonho □ e serio [↓ ethereo]

[11⁷ EN-81^r]

c

Cercava-a, como o som do mar as costas
 Um halo de longinquo suggerir,
 Um ruido de batalhas por encostas
 De montes longe como algum porvir
 5 Em longas naus, *imagens do *Creador postas
 Porque o naufragio affaste, entre o ir
 Dos mastros e dos lemes, e onde o vento
 Ergue poeiras de horror no pensamento.

NOTAS:

- 1 <s>/o\ som
 2 /longinquo/ <s> suggerir,
 4 De <ignotos> montes <longe> [↑ longe] como um □ <porvir> [↑ algum porvir]
 5 Admitindo-se as leituras conjecturais, o verso estaria hipermétrico (com 2 sílabas a mais).

[11⁷ EN-82^r]

d

Chegadas a fantasticas e extranhas
 Praias de ilhas longinquoas; encontrar
 De civilizações e outras manhas
 De viver e □ e fallar;
 5 Florestas de outras arvores, tamanhas
 □

NOTAS:

- 4 De viver e <fall> □ e fallar;
 5 <t> tamanhas

[11⁷ EN-81^r]

E eu disse: “Ó estatua heraldica da Raça!
 Ó alma nossa *ponte *em *fórma e ser!
 Nome da nossa gloria e da desgraça
 Que essa gloria haveria de trazer!
 5 Terra de □ por cujas costas passa
 Como um □

[11⁷ EN-82^r]

NOTAS:

Embora príncipe e continue em duas folhas contendo estrofes ordenadas de “a” a “d”, esta estrofe não apresenta semelhante indicação; entretanto, como estes versos se encontram numa série de quatro suportes ordenados (11⁷ EN-81^r a 84^r), incluímo-la entre as estrofes numeradas.

1 <heraldica> [↑ heraldica]

3 <O> Nome

5-6 Conjectura-se que os vv. 5-6 sejam a continuação da estrofe (noutro suporte), observando-se a rima e o sentido geral da passagem.

[11⁷ EN-82^r]

Que olhos têm os teus olhos, se olhos tens,
 P’ra alem da sombra que és sobre este solo?
 Que destinos de sombra é que contens
 Na tua frente? Porque desconsôlo
 5 Da mera vida é que ergues os desdens
 Da tua forma sem certeza pelo
 Mero viver lavrado e suavizado
 Na terra □

NOTAS:

1 <tens>/têm \

2 sombra [↑ /sombra/]

7 <Exis> Mero

Esta estrofe, assim como a anterior, não apresentam numeração, embora se encontrem entre as estrofes nomeadas “a-c” e “d”. Na parte inferior de 11⁷ EN-82^r, também se lê o seguinte fragmento de estrofe:

□ tudo isto

Tornado não sei se *ar se som se <†>/forma \

Tendo n’essa figura vulto e sêr

[11⁷ EN-83^r]

Ninguém me respondeu... Apenas, cheio
 De sombra e luz o ruído que a cercava
 Cresceu e como um som no vento veio
 Encher de pasmo o que em si escutava,
 5 Senti-me de repente ôco e alheio
 De sentir-me esse ser que costumava,
 *Torno-me mais do que eu, a Raça toda
 Com meus sonhos vagando e minha roda...

NOTAS:

As estrofes em 11⁷ EN-83^r e 84^r (folhas respectivamente numeradas “3” e “4”) formam um conjunto com as estrofes em 11⁷ EN-81^r e 82^r, ainda que apenas quatro das estrofes tenham sido ordenadas com as letras “a-d”.

- 2 <um> [↑ o] ruído
8 /Com meus sonhos vagando e m[inha] roda.../

[11⁷ EN-83^r]

- Senti-me *uma *coisa, um gesto grande, um grito,
Um *avanço de ti de mim p'ra além...
Marmore de □ onde o infinito
Cabe e o □ também...
5 □ proscripto
De todo o atingido que contém
E erguendo a *sombra dos seus braços para
Outras terras e a sua visão clara

NOTAS:

- 1 *Admitindo-se as leituras conjecturais, o verso estaria hipermétrico.*
3 /Marmore/
7 o sonho [↑ a *sombra]

[11⁷ EN-83^r]

- Ó que ardor de indistantes horizontes
Me toma com um vento espiritual!
Que raiva de encontrar, p'ra além de montes,
Terras de nome colorido e irreal!
5 Deixae mares atrás, passae pontes
De rios cujo curso □
É através de principados vagos
Eternamente ao fim de mortos lagos.

NOTAS:

- 4 <Que os seus nomes> [↑ Terras de nome]
5 <e que> [↑ passae] *verso hipométrico.*
6 <Sobre> [↑ De]

Na parte inferior de 11⁷ EN-83^r, também se lê o seguinte fragmento de estrofe:

*Índia *divina! Novos continentes!
Praias □ de outros oceanos!
□ doentes
Dos logares, dos □ dos arcanos

[117 EN-84^r]

Ó ancia desmedida de encontrar
 O que se sabe mesmo ao ter a ancia
 Que nem em sonho se poderá achar!
 Ebria raiva de ter toda a distancia
 5 Possuida, como um *fructo, de se dar
 Ao vento, á chuva, á *hera, e á fragancia
 De florestas de si mesmo afastadas
 Sem flôr, nem ser, nem nome nem moradas.

NOTAS:

- 2 <que> [↑ mesmo]
 3 Que <não se poderá> [↑ nem em somb<ra>/o\] se /podará/ achar!] *note-se a transformação de “sombra” em “sonho”, paleograficamente similares, apenas pela alteração da vogal final (vide PRISTA, 1998 & PITTELLA, 2017b).*
 5 <*fructo> [↑ *fructo]
 7 mesmas[↑o]
 8 /moradas/

[117 EN-84^r]

Porque divina e mobil intuição
 De que o mundo não basta e o esforço é pouco
 É que dóe no nosso ermo coração
 Esse □ sentimento louco?
 5 Melhor não fôsse dar a nossa mão
 Á obra inutil de horas que ver ôco
 Do □ o gesto d’essa mão crispada
 Vazia sempre da sonhada espada?

NOTAS:

- 1 Por[↑que]
 6 <d> inutil
 7-8 *Tudo e sempre vazio □ crispada | E sempre ser o sonho <do s> [↑ da] Espada? [↓ Do □ o gesto d’essa mão crispada | <E sempre> {↑ Vazia} sempre da sonhada espada?]

[11⁷ EN-84^r]

Ah, não fôsse melhor as suas terras
Lavrar e ter o pão do proprio trigo,
E só p'ra defendel-as ser de guerras,
E só □
5 Porquê esta ancia com que te desterras
Ó vida de feliz e tens castigo
Em não olhares nunca o que mal sabe
A tua alma o que é e se em si cabe?

7.2. Estrofes não-numeradas sem atribuição de Canto

[11⁷ EN-72^v]

Sou eu divinamente... Dia e noute
 □ e céus
 □
 Como tu parte de indiviso Deus...
 5 Ó universo exterior, eu sou-te...
 E és da substancia real dos sonhos meus
 Por isso a Deus, que me é, e em que fluctuo,
 Meu ser alado em canto restituo.

Crucifico-me em Vida, em Alma e Luz,
 10 E é Deus meu Pae, meu Corpo, e a minha Carne
 □

NOTAS:

Trata-se de um texto não-numerado, escrito na face oposta da folha em que estão as estrofes numeradas “2” e “4” da seção anterior (sem atribuição de Canto).

- 2 <*Derramam-se em mim, porque sou Deus> [↓ e céus]
 4 *Uma seta indica a transposição deste verso (escrito abaixo do v. 5) para esta posição.*
 5-8 *Estes versos parecem constituir uma primeira versão do que se tornaria o poema “A Voz de Deus” (parte de “Além-Deus” e planejado para o n.º 3 de Orpheu), em que surge o famoso verso “Oh Universo, eu sou-te...”*
 8 Minha alma [↓ Meu ser] alada[↑ o]
 10 E [← é] Deus <é> meu Pae, meu Corpo, e a m[inha]

Na margem superior da página, há os seguintes versos, no mesmo lápis que a estrofe mais desenvolvida:

Eu não sou eu... Habito-me... Divino
 É a minha essencia, e [↑ a] essencia <mesma> [↑ mesma]

Ainda, na metade superior da folha, também há fragmentos a tinta preta, a mesma empregada nas estrofes do rosto da folha; o terceiro verso é o incipit da primeira estrofe do Canto I (vide 11⁷ EN-5^r).

Foi n’uma tarde /alheia/ de setembro...
 Que bom o que eras, ó m[inha] alma, lembro!...

Cessára a commoção e a dôr que o dia
 etc.

[11⁷ EN-75^r]

Vivo em mim quanto posso esse futuro
 E quero-me viver justo e suave
 E para poder ser poeta, puro,

E para □ sobrio e grave
 5 O ideal que como o fogo transfiguro
 Por ser o que queria, □
 *Vae onde a vida e o norte d'essa vida
 Na sua chama e intenção querida.

Nada que importe que □ se esvaia
 10 Para o abysmo do tempo a mocidade.
 Nôvo busco o amor □ por praia
 Onde bata o ardor □ que me invade;
 Busco apenas □
 Como amar certo e bom a humanidade
 15 Com suas illusões descer á liça
 Onde é eterna martyr a justiça.

NOTAS:

- 3 para <poeta> poder
 5 fogo <ao> transfiguro] *verso hipermétrico.*

[11⁷ EN-76⁶]*Invocação*

Se uma alma ardendo toda em dedicada
 Á patria apenas, e ao que é puro e nobre
 Te apraz por tua, apenas quando irada
 Do pudor de palavras nua e pobre
 5 Mas nunca □ nem incendiada
 Do que em si □ ao impudor descobre
 Nunca somente á □ e á impureza
 Nem em nome de amor ou natureza.

NOTAS:

- 1 /toda/
 2 <grande e puro> [↑ puro e nobre]
 4 <proximo> [↑ de palavras nua e pobre]
 8 <de> natureza.

Abaixo da estrofe mais desenvolvida no rosto do suporte, há dois grupos de versos fragmentários (pertencentes a duas estrofes distintas), o segundo dos quais continua no verso da folha:

Não em palavras <dado> ao □
 □ dado
 A ainda □ mas □
 <Mas> <a>/A \ penas no silêncio e solidão

Do meu amargurado coração;

[← /E/] Se não te /desapraz/ que quem não dobra
 O /joelho/ á convenção e á □
 Que para o vicio tem desdém de sobra
 Aceita-me por teu e dá que eu tenha

[11⁷ EN-76^v]

Eu que nunca a bordel sequer sonhei
 Em levar a alma altiva de poeta;
 Pois como ó patria □ te cantarei
 Sem ter a alma □
 5 Para o teu sacerdocio □
 □
 Como, sem puro ser, ó pátria amar-te?
 Como querer ser digno de cantar-te?

NOTAS:

2 /altiva/

[11⁷ EN-78^r]

E assim na ancia triste *□ quando
 □
 □
 Subito fulgôr de inspiração
 5 Aconteceu-me n'ama transbordando
 A parca taça da compreensão
 E a minha alma sentiu-se perder
 No proprio ardor a sensação de arder.

NOTAS:

1 /triste/ *□ quando] como "triste" e "quando" estão em duas linhas distintas e o verso está metricamente incompleto, supõe-se o espaço em branco implícito.

6 A [↓ parca] taça

7 E <no proprio> [↑ a minha] alma

[11⁷ EN-85^r]

Este cansaço desassocegado
 Este doer □ e da vida,
 Este constante pôr o olhar cançado

N'uma visão como visão sabida,
 5 Este como que ter o inerte enfado
 Por lei da natureza conhecida
 Consoante na noss'alma se entrevê
 O obscuro mundo em que o olhar nu vê.

[11⁷ EN-87^v]

A alma e corpo é o mesmo, a alma floresce
 E reverdece em corpo, ella é a raiz –
 Escondida ao que em nós vê e conhece,
 Que é tudo e não se vê, e só se diz
 5 Em ramo e fructo e flôr e assim se esquece...
 Tudo é uno e diverso. E eu sou feliz
 Só de sabel-o em Deus; fôra-me a vida
 No resto em mim inquieta e dolorida.

NOTAS:

- 3 Occulta do [↑ Escondida ao]
 4 Que [↑ é]

Na outra face desta folha (11⁷ EN-87^v), há fragmentos de duas outras estrofes:

Todo o universo me é exterior
 Salvo as almas – a essas não atinjo.
 Salvo nos gestos e na externa côr
 Da vida, <com a> [↑ não as] □ nem as cinjo
 Com cousa como uma visão □

O corpo é alma carnalmente, vejo
 Almas [↑ A alma] carnaes [↑ carnal] [↓ A carne de alma] quando olhando-o, olho
 Para alem d'elle só por [↑ em] [↓ só de] vêl-o, □

No rosto de 11⁷ EN-88, com o mesmo material, tinta e caligrafia de 11⁷ EN-87, surgem fragmentos afins:

O pensamento nasceu cego... e sabe
 O que é ver, e sabel-o □ é vêr
 Com um olhar interior que cabe.

O corpo é a parte da Alma que os sentidos
 Roçam, cegos, e o horror de uma descrença
 Lhes toma de arrepio □

Em 11⁷ EN-88^v, há um fragmento de fala do “Velho”, que faz pensar no “Velho do Restelo” de Camões:

(Velho)
 Tinha no aspecto o de ser sua a fama
 Do Infante e Albuquerque e Nuno e Gama.

[117 EN-92^a]

*Como a aurora embranquece e desbranquece
 tesverdeia para azul e vaga
 Uma sombra de luz que se enrubesce
 Dilue-se para o logar em que apaga
 5 E emtanto o vago-azul do ceo que esquece
 A noite fica azul e se alaga
 Do luzir vago e demorado e claro
 De que o já nado sol inda é avaro;

Assim d'aquelle □ horizonte
 10 Ignoto á sensação e ao □
 Como uma cousa □ e insonte
 Sente-se levemente apparecer
 □ defronte
 Do olhar que a inhibia no seu sêr
 15 Unica visão □
 □

NOTAS:

- 1 es[↑des]branquece
 2 *O princípio do v. 2 está ilegível devido a uma queimadura no papel.*
 4 Desmaia para [↑ a] luz que /tudo alaga/ [↑ Dilue-se para o logar em que apaga]
 5 verde-[↑ vago-]azul
 6 embriaga [↑ alaga]
 7 /calôr/ [↑ luzir] /vago/ e matutino [↑ demorado]
 8 que <o oriente> sol que nasceu [↓ se vê] inda é avaro [↑ De que o já nado sol inda é avaro;]

No rosto do suporte, encontram-se dois testemunhos parciais de um poema de Camilo Pessanha:

De Camillo Pessanha:

Imagens que passaes pela retina | etc.

Imagens que passaes pela retina
 Dos meus olhos – e não vos fixaes
 Flexão casual dos meus dedos incertos
 dos meus dedos incertos

De Camillo Pessanha:

<Imagens que passaes pela retina
 Dos meus olhos, e não vos fixaes,>

<Agua cristallina>

Ainda no rosto, encontram-se versos de Pessoa em francês que antecipariam “Antinous” (vide PESSOA, 2014):

Les flots glacés du Nil ont gardé ta mémoire,
 Ephèbe, et sous ton front couronné de lotus
 Ton corps, pétri de fange et d'immortelle gloire

No verso do bifólio figura testemunho completo do poema de Pessanha, com algumas variações:

De Camillo Pessanha

Imagens [que] passaes pela retina
 Dos meus [olhos], e não vos fixaes!...
 Que passaes como agua cristallina
 Por uma fonte – para nunca mais

Ou para o lago escuro onde termina
 Vosso curso, silente, de juncaes<...>/,\
 <E um vago medo angustioso domina>/Um vago medo angustioso domina\
 – Porque ides sem mim, não me levaeis?

Sem vós o que são, meus olhos abertos,
 – O espelho inutil, meus olhos pagãos
 – Aridez de successivos desertos

Fica sequer, sombra das minhas mãos,
 Flexão casual dos meus dedos incertos
 – Estranha sombra em movimentos vãos

[11⁷ EN-96^r]

A vida morre-se perpetuamente,
 Mente-se; a sua essencia é a sua forma;
 Logar do eterno erro do presente,
 Actual que □

5 □
 □

Eternamente moribundo, corre
 É a ilusão da vida que transmorre.

NOTAS:

- 4 Actual que □ <se transforma;>
 6 □ <transnorma>
 8 nos morre [↓ transmorre]

[11⁷ EN/P-1^r]

Este cansaço, desasocegado,
 Este andar □ e confuso

□
 □
 5 □ maguas □

De sentir a beleza □
 Como ao luar vãos e frios alabastros

Sob o silencio algido dos astros.

NOTA:

1 <socego> [↑ cansaço]

[11⁷ EN/P-4^r]

Ha uma cousa em mim que me transcende
E essa cousa sou eu. Sou mais que sou.
Na treva immensa que ao soffrer me vende
Por minha alma, tateando e aneando vou
5 E ao lucido universo □
A treva em que □ estou
□
□

7.3. Fragmentos não-numerados sem atribuição de Canto

[11⁷ EN-74^r]

Quebrae aos pés a cruz, □
 Ergue-se uma outra fé e uma outra esperança...
 Ó lusitana bemaventurança!

NOTAS:

No verso da folha, há versos fragmentários em inglês, sob o título geral “Voyage” e o particular “A Temple” (um poema de Agosto de 1907, atribuído a Alexander Search; cf. PESSOA, 1997: 67):

What then I read
 I thus □ translate to trembling human sense.

Abaixo de um traço divisório, há ainda a citação “There is no Past nor Future[”], e mais duas linhas, as quais apresentam as notas “etc” e “(??)”, respectivamente. A mesma citação reapareceria num texto filosófico pessoano cuja primeira frase é “Emotions live with the objects that cause them and no more”, com datação conjecturada por Pina Coelho como de 1910 (PESSOA, 1968: 149).

[11⁷ EN-77^r]

O cansaço das méras ironias
 E a ancia triste de melhores dias.

[11⁷ EN-80^r]

Gama, Albuquerque – esses que nos fizeram
 A memoria de ser que somos hoje
 Que ainda sômos, porque ainda temos
 Um vago sangue d’esses em que vivemos.

NOTAS:

- 1 <Ca> [↑ Albuquerque]
- 3 <o te> [↑ <não>] [↑ temos]
- 4 d’esses [↑ /em/] que vivemos.] o poeta hesitou sobre a inserção de “em”, deixando uma interrogação abaixo do acrescento que tornaria o verso hípermétrico.

[11⁷ EN-86^r]

*Corcel

E em mim *penda o heroe futuro em ancia

Que me occupe, de Ti e do Teu Nome
 Que é Fogo e □ e Frangancia
 Rujá em mim sempre a *desolada Fome
 5 De ser em ti e □
 □ consome

NOTAS:

Título *Conjectura-se a leitura do título “*Corcel” pelo contexto de haver um “heroe” no fragmento, admitindo-se que talvez se trate, não de título, mas da indicação “*Cancel” sobre um texto antigo e já abandonado.*

3 Que é Fogo e <Altar>

[11⁷ EN-89^r]

Por mais que queira ser quem sou, acerca
 De mim a Natureza e seu chamar
 E eu alheio-me, □ sereia;
 Na sua voz de □ cheia

[11⁷ EN-89^r]

Não vivo dentro em mim nem como eu,
 Fluctúo, passo, deixo de me ser...
 O que eu era hontem sinto que morreu
 Em mim, e eu vivo a beira de morrer
 5 Eternamente fujo do que é meu
 E *cismo, e abeiro-me □

[11⁷ EN-89^v]

Não vivo em mim. Pertenço ao que me cerca
 Sou das montanhas em que ponho o olhar...
 Sentir o mar faz com que em mim me perca
 E me encontre exterior, parte do mar...

NOTA:

3 <Olhar> [↑ Sentir]

[11⁷ EN-89^v]

Sinto-me em mim fugir, correr, passar...
 E a natureza fixa o meu sentir...

Vejo-a mover-se mas não *□ passar
 Senão commigo, em mim, □

NOTAS:

- 2 olhar [↓ sentir...]
 3 Vejo-<me> [↑ a] mover-se mas não *□ passar] *como o decassílabo está metricamente incompleto, supõe-se o espaço em branco implícito entre as duas linhas do ms. que correspondem ao verso.*
 4 <comigo> [↑ commigo]

[117 EN-90^r]

Escrepto em Lisboa em uma noite de verão

Da puta mãe á mais que puta filha.

Aonde está, Juvenal, o teu chicote,
 Não legaste o teu odio □
 □ rôxo

- 5 Meu braço, bem o sei, é □ e frouxo.
 Faça-lhe músculos meu odio immenso
 Seja-lhe força o ardor □ e intenso.
 Com o † em mim □

- A monarchia, idolo de merda
 10 E o socialismo, idolo de trampa

Burguez, aristocrata, proletário –
 A mesma lama os tem □

NOTAS:

- Titulo Escrepto em Lx^a
 3 <estro> odio
 6 <os> músculos
 9 trampa [↓ merda]
 10 merda [↑ trampa]

[117 EN-90^v]

- Cada vez na familia reina mais
 O debóxe, a vileza e a □
 Mães que são meretrizes, sujós paes
 Que violam os espiritos das filhas.
 5 Onde inda um corpo *virgem □

Um espirito sujo é contrapeso

Quem viverá entre estes? Esta lama
Esta das almas □ podridão

□ basta

10 A filha prostituta – o filho pederasta.

Que Republica □ é que ergueremos
Sobre esta lama que □
Que edifício □ herda
Sobre alicerces de merda?

NOTAS:

- 1 /na familia reina/
3 <Nossas palavras> [↓ Mães que são meretrizes, sujós paes]
6 <lhe> [↑ contrapeso]
10 A [↑ filha] prostituta] *verso hipométrico*.
14 *Verso hipométrico*.

[11⁷ EN-91^r]

Portugal: (Esboço Epico).

O estrangeiro □ o escarro
Que era o seu sêr □

NOTAS:

- Título <es>/Es \boço
1 <*esc> O

[11⁷ EN-93^r]

Senti n' alma a beleza transbordando
E chorei □

Como em sonho ante mim, qual no *poente
Passam nuvens □
5 Passarão □ visões do Oriente
O Brasil □

NOTAS:

- 1 transbordada [↑ndo]

No canto inferior direito, lê-se “over”, indicando-se a continuidade para com a estrofe a seguir.

[11⁷ EN-93^v]

Eu ouvi de repente o som do mar
 Uma como que porta abriu-se então
 No espaço e eu vi ao longe, a meditar
 Na noite □
 5 O Infante Santo, □

NOTAS:

2 Uma <porta> [↑ como] que porta abriu[-]se] *hifen editorial*.

[11⁷ EN-95^r]

Amor □ e incorrupto
 Ao que em nós é eterno e absoluto.
 □ transcende
 Ao Ideal vago □ que □
 5 A alma logar do corpo e o corpo, fragil
 □ que não se vende
 As conclusões do pensamento agil.

[11⁷ EN-98^r]

E a Sappho Negra, cuja alma é fel
 Esguichando em latrina de bordel.

NOTAS:

A imagem de uma “Sappho Negra” reaparece no “Soneto Positivo” (vide PITTELLA, 2012: 130 & 252-3).

2 Mermando na [↑ Derramando em] [↓ Esguichando] sentina [↑ latrina] de <um> bordel.

[11⁷ EN-99^r]

Encoberto

Governa o bobo e o traidor.
 Em tudo o que era
 De Portugal, gloria ou amor,
 O estranho impera!

NOTAS:

Trata-se de um fragmento de canção em redondilhas – métrica mais curta do que os decassílabos de Portugal.

2 [↑ Em] tudo

[11⁷ EN-99^v]

Venderam as insignias do passado,
 Elmos dos reis, espadas dos heroes,
 Os gladios que brilharam como soes.
 Lesados □ já de um trajo usado!
 5 □
 Por lenha pra tirar o frio □
 Queimaram thronos □

E querem fé quando não há em que tel-a,
 Querem amor e tudo é baixo e vil,

10 Trez vil nome de portuguez!

NOTAS:

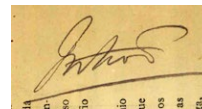
4 <Lesados> Lesados

10 *Faltam duas sílabas métricas ao verso, assim como parece faltar a palavra “vezes” que completaria a expressão “Trez vezes vil”.*

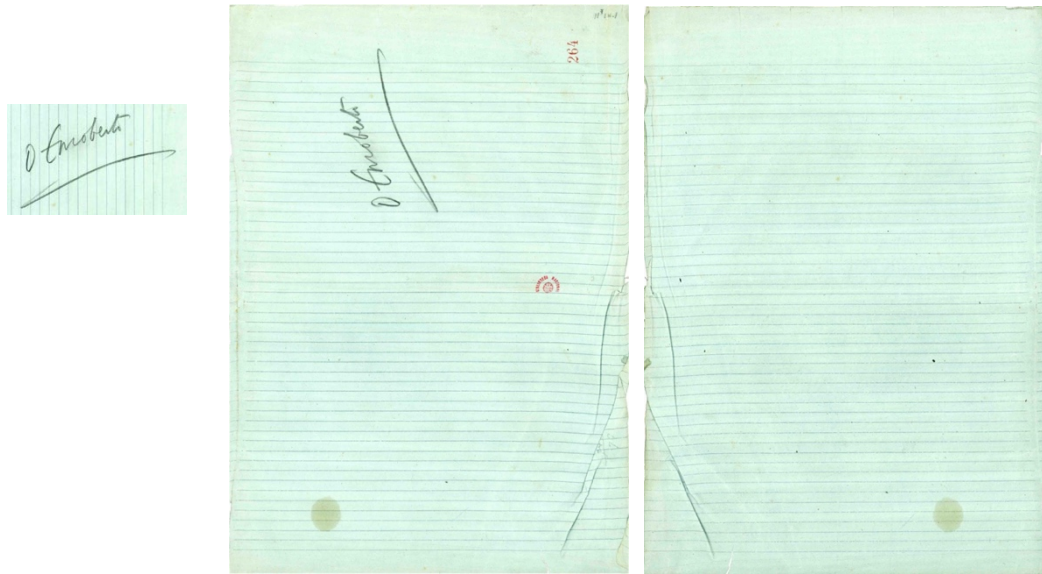
III. DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS

Segundo o inventário do espólio de Fernando Pessoa que se pode consultar na sala de reservados da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), o envelope 117 está constituído por 104 documentos manuscritos, 1 misto e 1 anexo impresso. Existem 149 imagens microfilmadas. A numeração a carimbo vermelho (em tinta aparentemente idêntica à do logótipo “BIBLIOTECA NACIONAL”) foi provavelmente feita na altura da compra do espólio pela BNP, para fins de contagem dos papéis, antes da atribuição da cota a lápis cinza feita pelas inventariantes do espólio; o mesmo carimbo surge em peças atribuídas ao Fausto pessoano; *vide* discussão sobre o carimbo vermelho por Pittella na edição crítica do *Fausto* (PESSOA, 2018: 383-84).

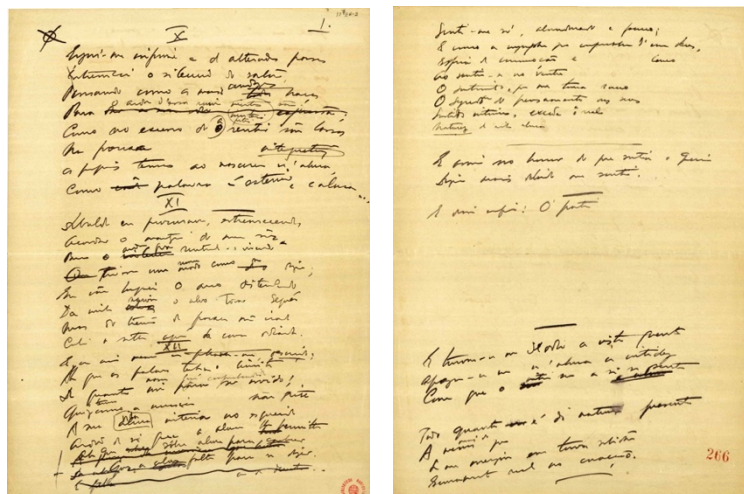
117-1. Dimensões: 388 × 269 mm (horizontal/vertical), com o bifólio aberto. Folheto publicitário de “HISTORIA | DE | GIL BRAZ DE SANTILHANA | POR LESAGE | Traducção portugueza de Julio Cesar Machado”, por “A EDITORA”. Foi utilizado por Pessoa como pasta para um conjunto de documentos destinados à Introdução do projecto. Pode ler-se, manuscrita a lápis na primeira página do folheto, a nota “Introd”. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, 265) e outra mais recente (E3 /117-1, a lápis cinza).



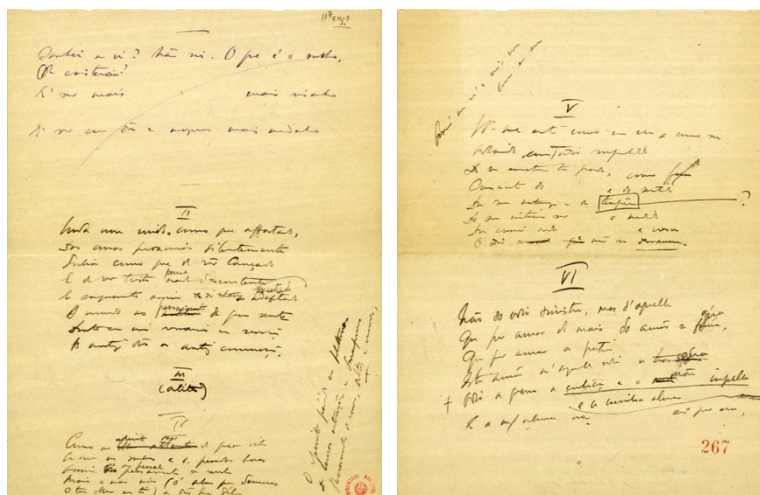
11⁷ EN-1. Dimensões: 230 × 318 mm. Folha de papel almaço pautada, de cor azulada, vincada ao meio na horizontal, que terá servido como capa para arquivar folhas destinadas ao projecto intitulado “O Encoberto”. Marca d’água com um logótipo em que se lê “CPP” por dentro de um círculo e “ALMAÇO PRADO” por baixo do desenho. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 264) e uma mais recente (11⁷ EN-1, a lápis). Há uma mancha em baixo. O suporte foi utilizado para escrever “O Encoberto” a lápis, havendo ainda, perto do canto inferior direito, umas contas incompletas feitas com outro lápis. A folha encontra-se ligeiramente amarrotada.



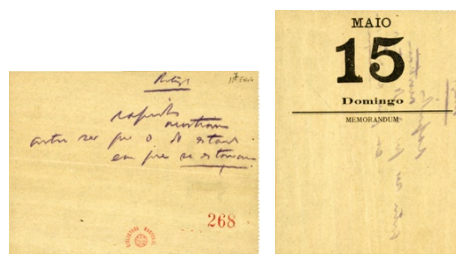
11⁷ EN-2. Dimensões: 207 × 270 mm. Folha de papel branca, hoje amarelada, completamente lisa, vincada ao meio na horizontal. Texto manuscrito a tinta preta, com correcções numa tinta mais fina. Lê-se, no canto superior esquerdo do rosto, a numeração “1.”, não continuada no verso. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 266, no verso) e uma mais recente (11⁷ EN-2, a lápis).



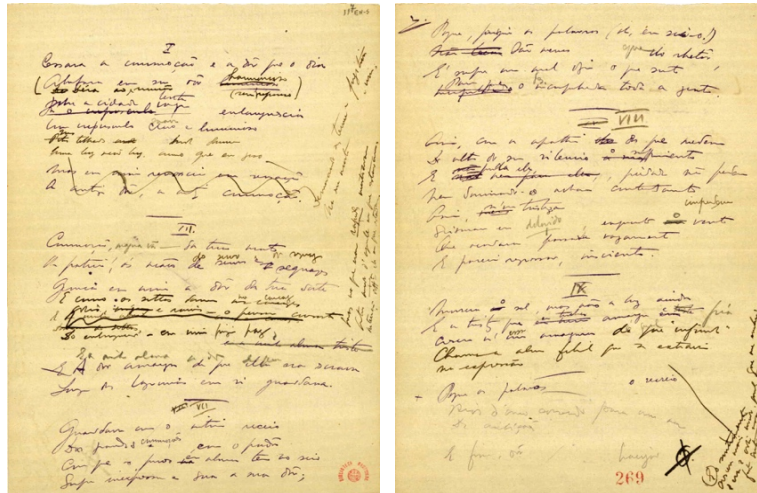
11⁷ EN-3. Dimensões: 172 × 225 mm. Folha de papel avergado, hoje amarelada, completamente lisa e muito fina, vincada ao meio na horizontal, com duas margens irregulares e marcas correspondentes às vergaturas, na horizontal. Texto manuscrito a tinta preta e roxa. Lê-se, no canto superior esquerdo do rosto, a numeração “3.”, a tinta roxa, não prolongada no verso. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 267, no verso) e uma mais recente (11⁷ EN-3, a lápis).



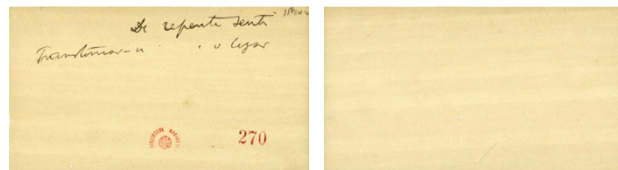
11⁷ EN-4. Dimensões: 86 × 115 mm, pela orientação da face impressa. Um pequeno papel, provavelmente o destacável de um calendário, tendo no verso a indicação “MAIO | 15 | Domingo | MEMORANDUM”. Manuscrito a lápis roxo na face não impressa, incluindo a atribuição “Portugal”. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 268, na face não impressa) e uma mais recente (11⁷ EN-4, a lápis). Datável de 1910, atendendo a que 15 de Maio foi, nesse ano, um domingo.



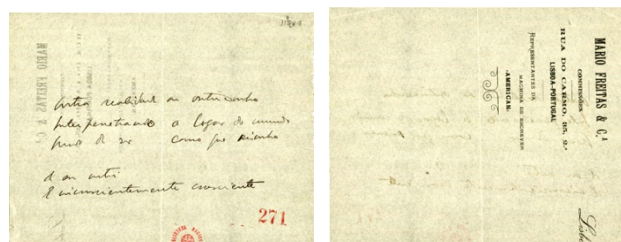
11⁷ EN-5. Dimensões: 168 × 225 mm. Folha de papel avergado, hoje amarelada, completamente lisa, vincada ao meio na horizontal, com três margens irregulares e marcas correspondentes às vergaturas, na horizontal. Manuscrito a tinta preta e roxa, com numerosas correcções a lápis. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 269, no verso) e uma mais recente (11⁷ EN-5, a lápis).



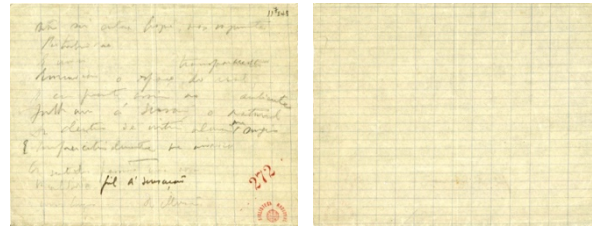
117 EN-6. Dimensões: 135 × 75 mm. Um pequeno papel, com duas margens irregulares, pertencente a uma folha de maiores dimensões da qual foi recortado. Manuscrito no rosto a tinta preta. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 270, no rosto) e uma mais recente (117 EN-6, a lápis).



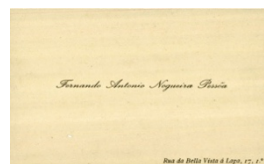
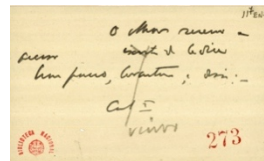
117 EN-7. Dimensões: 135 × 105 mm. Um pequeno papel, com margem inferior irregular, recortado de uma folha fina que no verso possui impressa a seguinte indicação relativa a uma firma: “MARIO FREITAS & C.^A | COMMISSÕES | RUA DO CARMO, 35, 2º | LISBOA – PORTUGAL | REPRESENTANTES DA | MACHINA DE ESCREVER | “AMERICAN””, com desenho por baixo. Trata-se da mesma morada da Agência Mineira Anglo-Portuguesa, de venda e exploração de minas (vejam-se as folhas 76-98 a 100, 76A-21 a 23, 76A-65 a 67, por exemplo). Pessoa terá colaborado nestas duas empresas pelo menos a partir de 1910. Um pouco mais à direita, vê-se parcialmente o lugar reservado para a data, com o impresso caligráfico “Lisboa” interrompido pela margem rasgada. Manuscrito na face não impressa a tinta preta. Possui um vinco ao meio, vertical em relação ao texto manuscrito. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 271) e uma mais recente (117 EN-7, a lápis).



11⁷ EN-8. Dimensões: 135 × 105 mm. Um pequeno papel, recortado de uma folha de papel quadriculado com linhas azuis, com duas margens irregulares e vincado ao meio (na vertical). Manuscrito a lápis, com três palavras a tinta preta acastanhada. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 272) e uma mais recente (11⁷ EN-8, a lápis).

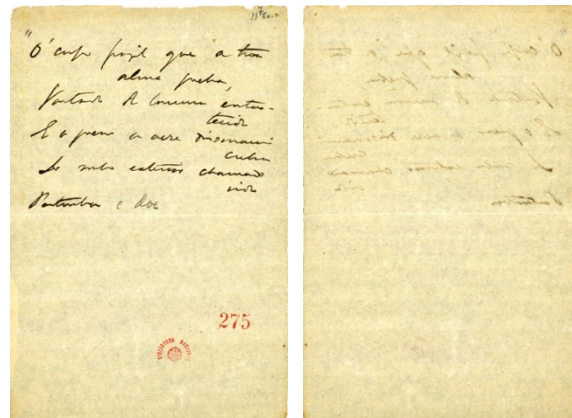


11⁷ EN-9. Dimensões: 100 × 60 mm. Um cartão pessoal de visita, com indicação de nome completo (“Fernando Antonio Nogueira Pessôa”) e a morada (“Rua da Bella Vista á Lapa, 17, 1^o”), onde Pessoa viveu entre Maio 1907–Nov. 1909. Manuscrito a tinta preta e a lápis, na face não impressa, incluindo a indicação “Canto I” abaixo dos versos a tinta. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 273) e uma mais recente (11⁷ EN-9, a lápis).

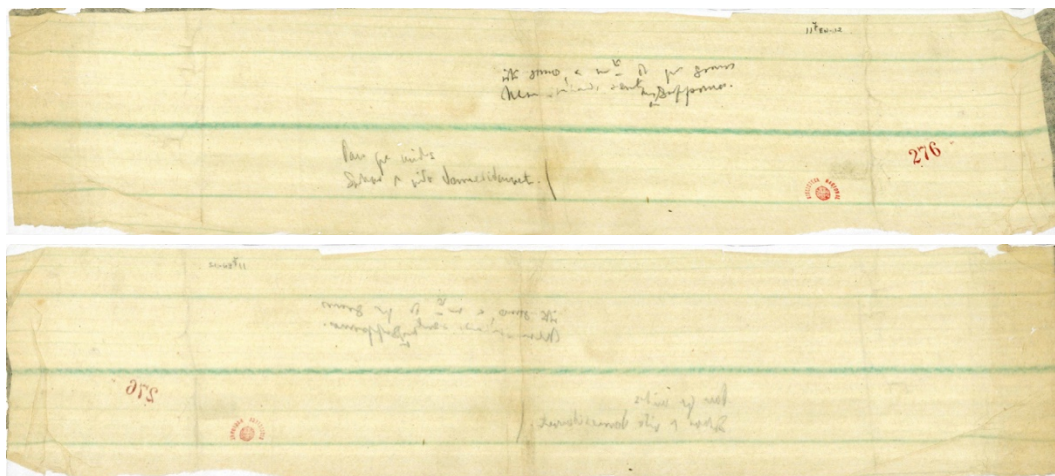


11⁷ EN-10|10a. Dimensões: 227 × 161 mm, com o bifólio aberto. Folha de papel avergoado dobrado em bifólio. Marca d’água com o que parece ser a parte final de um logótipo em que se lê “CPP” por dentro de um círculo e “ALMAÇO PRADO” por baixo do desenho. Manuscrito a tinta preta. No verso do bifólio (10v e 10a^v), vê-se a numeração “1.” (canto superior direito), e o rascunho de um projecto intitulado “Sociedade”, em que se lê: “Como 1^o authoriz[ado] F.N.P, como 2^o auth[orizado] o sr. S.I.S. || Que constituem entre si uma sociedade em nome colectivo que guiará sob a firma <S. & P.> S. & P. e terá sua séde na Rua □ etc. || – Que o capital social será de □ reis, sendo 2.500.000 reis contribuido em material pelo socio P. e igual quantia contrib[uida] em trabalho pelo socio S.”. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 274) e uma mais recente (11⁷ EN-10, a lápis).

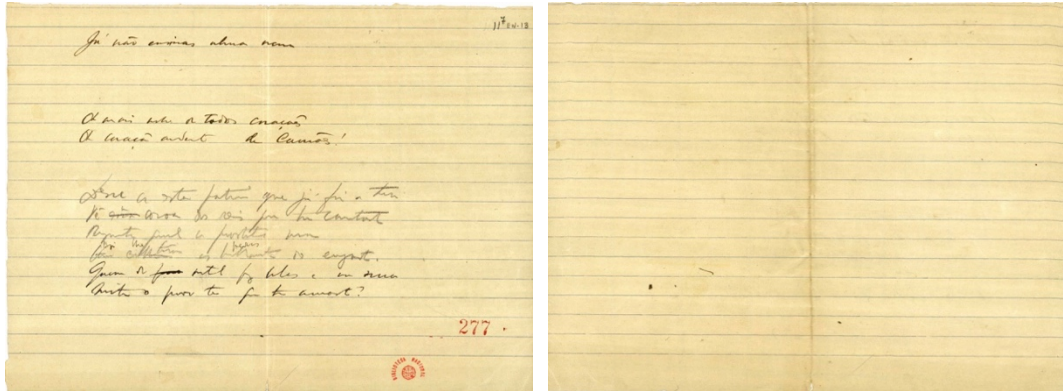
11⁷ EN-11. Dimensões: 112 × 167 mm. Fragmento de papel fino, análogo ao “guardanapo pardo” identificado na edição do *Fausto* (cf. PESSOA, 2018: 391), pouco espesso e de baixa qualidade, com quatro margens irregulares, vincado ao meio na horizontal. Manuscrito no rosto a tinta preta, com uma palavra a lápis. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 275) e uma mais recente (11⁷ EN-11, a lápis).



11⁷ EN-12. Dimensões: 425 × 95 mm. Fragmento de papel muito fino, pouco espesso (por isso, muito transparente) e de baixa qualidade, com linhas horizontais verdes, de grossura irregular. Recortado na face inferior. Manuscrito a lápis no rosto. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 276) e uma mais recente (11⁷ EN-12, a lápis).



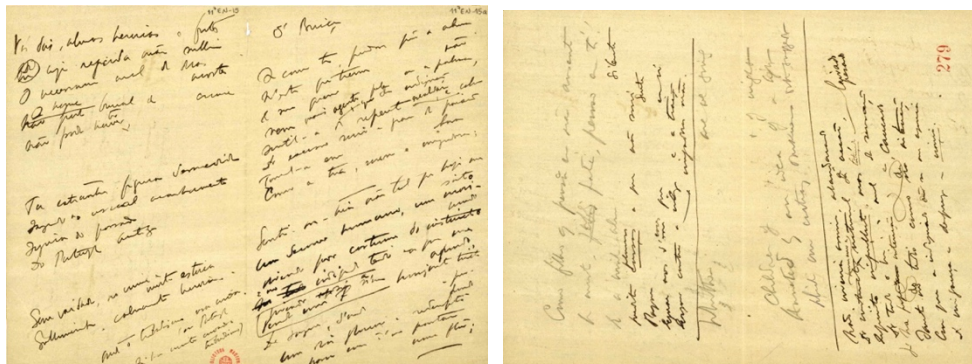
11⁷ EN-13. Dimensões: 217 × 161 mm. Meia folha de papel avergado, pautada (linhas azuis), vincada ao meio na vertical (relativamente ao texto), com duas margens irregulares. Marca d’água com a palavra “ALMASSO”. Manuscrito no rosto a tinta preta e a lápis. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 277) e uma mais recente (11⁷ EN-13, a lápis).



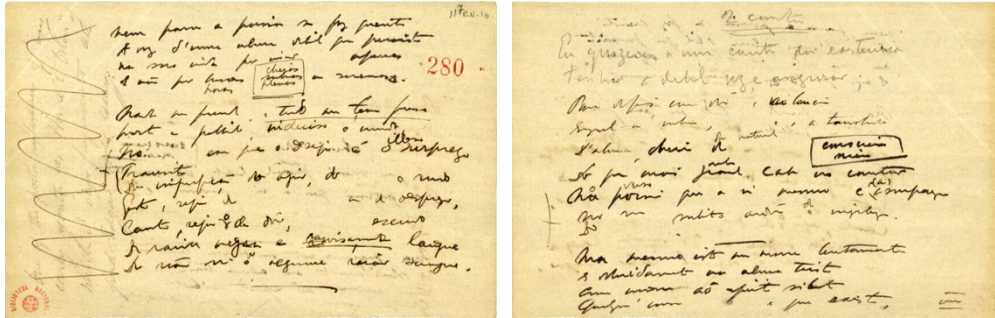
117^o EN-14. Dimensões: 170 × 110 mm. Fragmento de papel avergoado, análogo ao suporte “VEP” (vergaturas e pontusais) identificado na edição do *Fausto* (cf. PESSOA, 2018: 394-95), com margem inferior irregular. Manuscrito a tinta preta. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 278) e uma mais recente (117^o EN-14, a lápis).



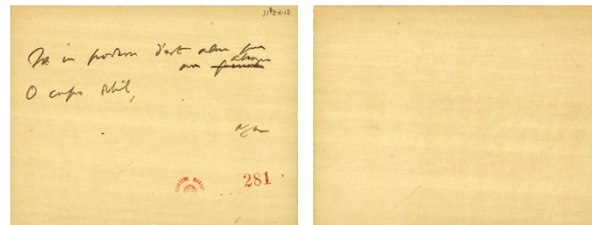
117^o EN-15|15a. Dimensões: 227 × 161 mm, com o bifólio aberto. Folha de papel avergoado (cf. PESSOA, 2018: 394-95), dobrada em bifólio. Manuscrita a tinta preta no rosto (na horizontal) e a tinta preta e a lápis no verso (na vertical). Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 279) e uma mais recente (117^o EN-15, a lápis).



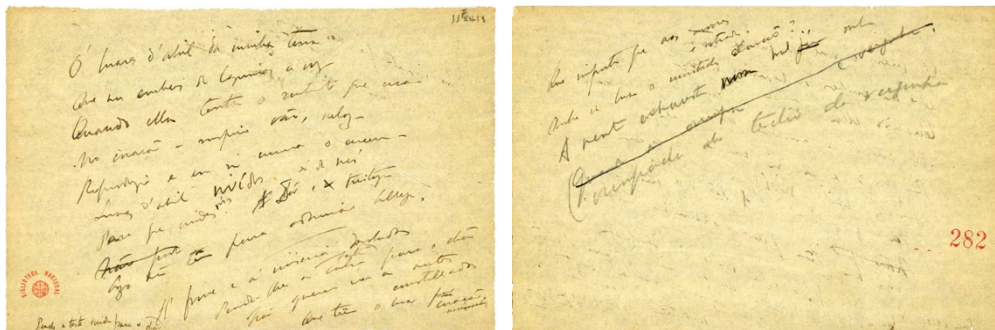
11⁷ EN-16. Dimensões: 170 × 110 mm. Fragmento de papel avergado (cf. PESSOA, 2018: 394-95), com margem inferior irregular. Manuscrito a tinta preta e a lápis; no verso, lê-se “2º canto” e a instrução “over” a indicar que o texto continua no rosto, onde se lê, na margem esquerda, a seguinte nota riscada: “One of the poetic <influences> of my early youth was Horne’s “Orion” of which I saw fragments apud Edgar Poe’s essay.”. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 280) e uma mais recente (11⁷ EN-16, a lápis).



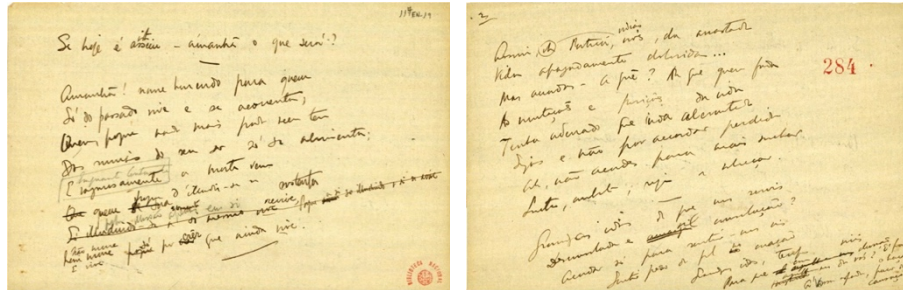
11⁷ EN-17. Dimensões: 135 × 105 mm. Fragmento de cartolina, com duas margens irregulares. Manuscrito no rosto a tinta preta. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 281) e uma mais recente (11⁷ EN-17, a lápis).



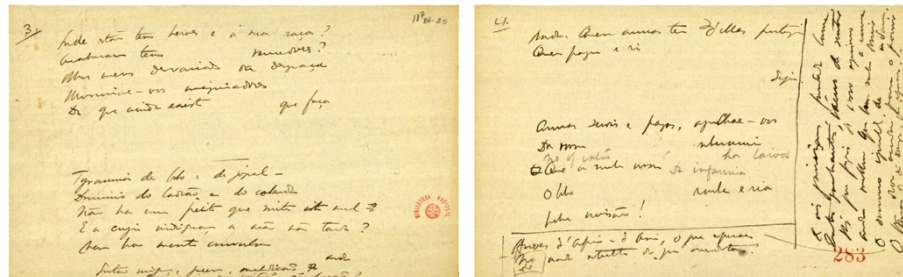
11⁷ EN-18. Dimensões: 170 × 115 mm. Fragmento de “guardanapo pardo” (cf. PESSOA, 2018: 391) com margem inferior irregular. Manuscrito a tinta preta no rosto e a tinta preta e a lápis no verso. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 282, no verso) e uma mais recente (11⁷ EN-18, a lápis).



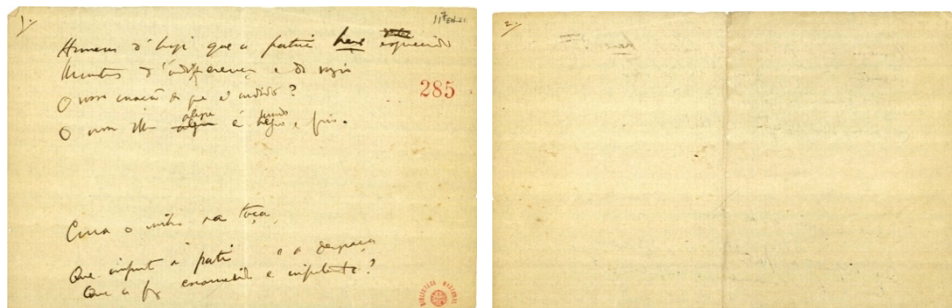
117 EN-19. Dimensões: 170 × 110 mm. Fragmento de papel avergado (cf. PESSOA, 2018: 394-95) com margem inferior irregular. Manuscrito a tinta preta, com acrescentos a lápis no verso. No canto superior esquerdo do verso, lê-se a numeração "2". Há duas cotas: a mais antiga (selo vermelho, com número 284, no verso) e uma mais recente (117 EN-19, a lápis).



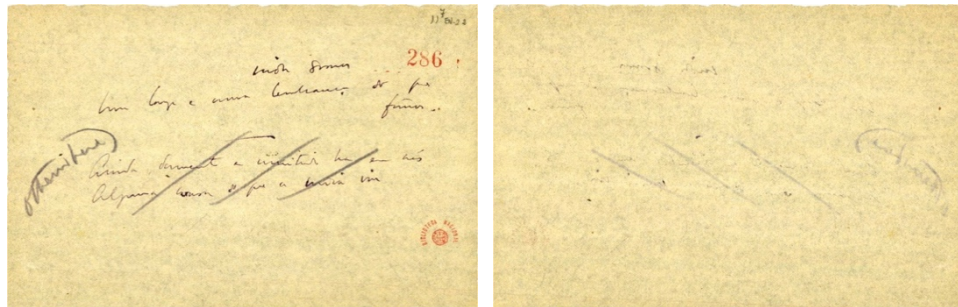
117 EN-20. Dimensões: 172 × 110 mm. (vertical). Fragmento de papel avergado (cf. PESSOA, 2018: 394-95) com margem inferior irregular. Manuscrito a tinta preta, com acrescentos a lápis no verso. Nos cantos superiores esquerdos do rosto e do verso, lêem-se, respectivamente, as numerações "3." e "4.". Há duas cotas: a mais antiga (selo vermelho, com número 283, no verso) e uma mais recente (117 EN-20, a lápis).



117 EN-21. Dimensões: 172 × 112 mm. Fragmento de papel avergado (cf. PESSOA, 2018: 394-95) com margem inferior irregular, vincado ao meio na vertical. Manuscrito a tinta preta. Nos cantos superiores esquerdos do rosto e do verso, lêem-se, respectivamente, as numerações "1." e "2.". Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 285) e uma mais recente (117 EN-21, a lápis).



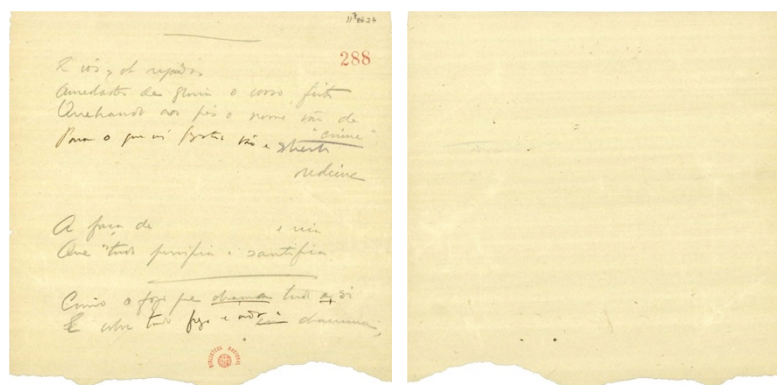
11⁷ EN-22. Dimensões: 170 × 110 mm. Fragmento de “guardanapo pardo” (cf. PESSOA, 2018: 391), com as margens superior e inferior irregulares. Manuscrito a tinta roxa e a lápis de carvão no rosto. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 286, no verso) e uma mais recente (11⁷ EN-22, a lápis).



11⁷ EN-23. Dimensões: 172 × 111 mm. Fragmento de papel avergado (cf. PESSOA, 2018: 394-95) com margem superior irregular. Manuscrito no rosto com tinta roxa e lápis. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 287) e uma mais recente (11⁷ EN-23, a lápis).



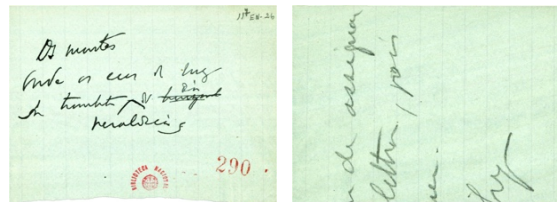
11⁷ EN-24. Dimensões: 160 × 172 mm. Fragmento de papel com três margens irregulares (sendo a inferior mais irregular que as laterais), vincado ao meio na horizontal. Manuscrito e a tinta preta e a dois tipos de lápis no rosto. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 288) e uma mais recente (11⁷ EN-24, a lápis).



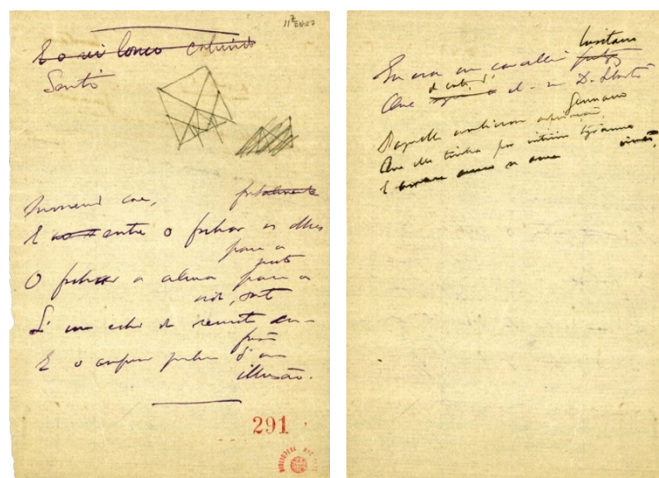
11⁷ EN-25. Dimensões: 98 × 77 mm. Fragmento de papel azul pautado, com margem inferior picotada. No rosto, existe um carimbo azul circular, contendo o seguinte texto: “EMPRESA IBIS | R. Conceição da Gloria, 38 e 40 – LISBOA”. Manuscrito a tinta preta no rosto. A lápis, no verso, lê-se metade de um recado que continua no verso de 11⁷ EN-26: “Peço o favor de assignar por traz da lettra, pois o homem quer. E deve ficar. Jorge”. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 289) e uma mais recente (11⁷ EN-25, a lápis).



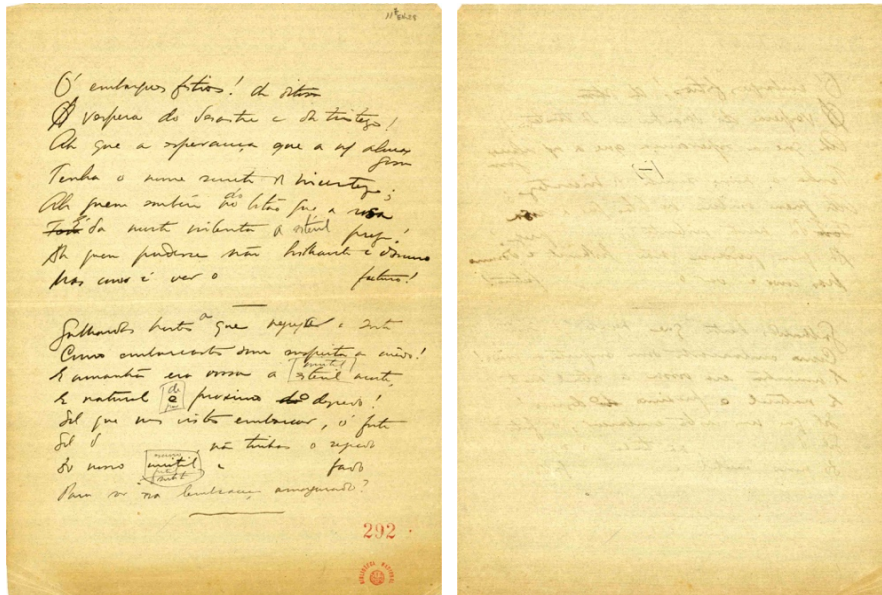
11⁷ EN-26. Dimensões: 98 × 72 mm. Fragmento de papel azul pautado (o mesmo papel do suporte anterior, do qual constitui a outra metade). Manuscrito a tinta preta no rosto. No verso, a lápis, continuação do recado iniciado no verso de 11⁷ EN-25. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 290) e uma mais recente (11⁷ EN-26, a lápis).



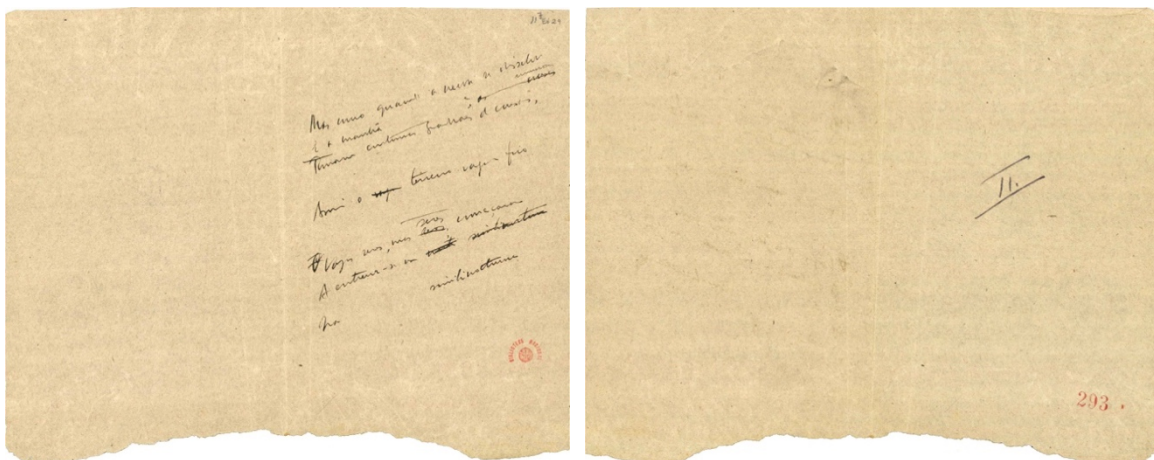
11⁷ EN-27. Dimensões: 113 × 170 mm. Fragmento de papel avergadoado (cf. PESSOA, 2018: 394-95) com uma lateral irregular. Manuscrito no rosto com tinta roxa e lápis e no verso com tintas roxa e preta. No rosto, há dois desenhos geométricos riscados. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 291) e uma mais recente (11⁷ EN-27, a lápis).



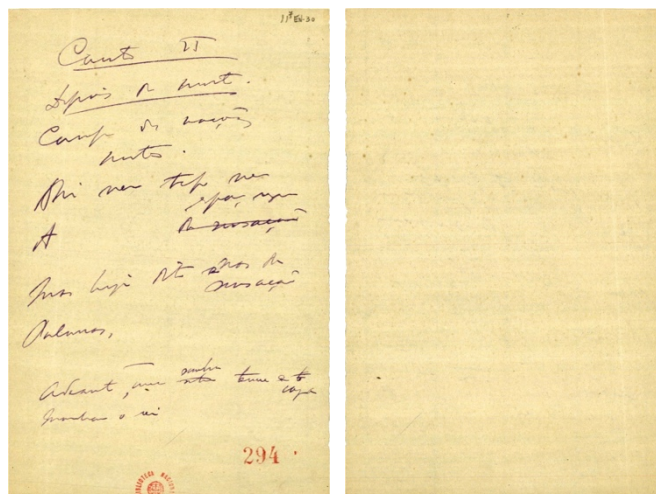
11⁷ EN-28. Dimensões: 175 × 240 mm. Fragmento de papel com duas margens irregulares, vincado ao meio na horizontal. Manuscrito a tinta preta no rosto, com pelo menos três instrumentos de escrita distintos, a julgar pelas variantes acrescentadas nas diversas campanhas de revisão. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 292) e uma mais recente (11⁷ EN-28, a lápis).



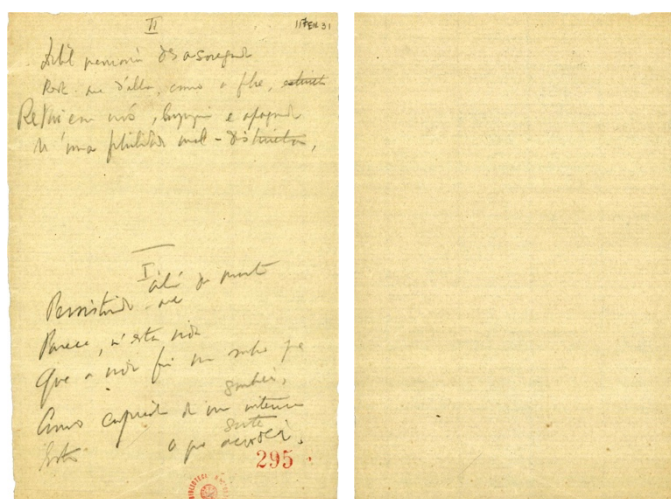
11⁷ EN-29. Dimensões: 238 × 180 mm. Fragmento de guardanapo castanho (mais escuro e espesso que o “guardanapo pardo”), irregular na margem inferior, vincado ao meio na vertical. Manuscrito a tinta preta no rosto. No verso, na mesma tinta, lê-se a numeração em romanos “II.”, que poderá ser uma numeração geral para o projecto (dobrado, este suporte poderá ter servido para guardar papéis relativos à segunda parte). Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 293, no verso) e uma mais recente (11⁷ EN-29, a lápis).



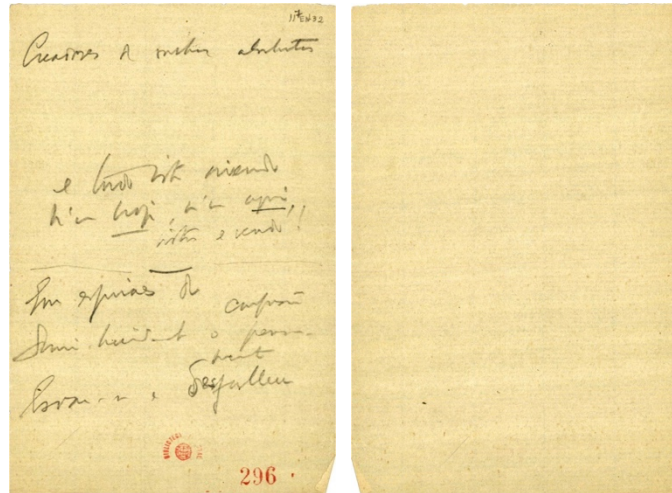
11⁷ EN-30. Dimensões: 112 × 172 mm. Fragmento de papel avergado (cf. PESSOA, 2018: 394-95) com duas margens irregulares. Manuscrito a tinta roxa no rosto, com a indicação "Canto II". Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 294) e uma mais recente (11⁷ EN-30, a lápis).



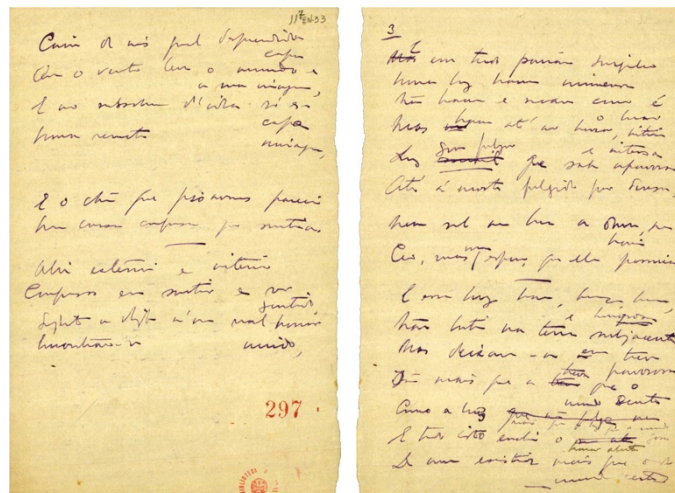
11⁷ EN-31. Dimensões: 115 × 170 mm. Fragmento de papel avergado (cf. PESSOA, 2018: 394-95) com três margens irregulares. Manuscrito a lápis no rosto. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 295) e uma mais recente (11⁷ EN-31, a lápis).



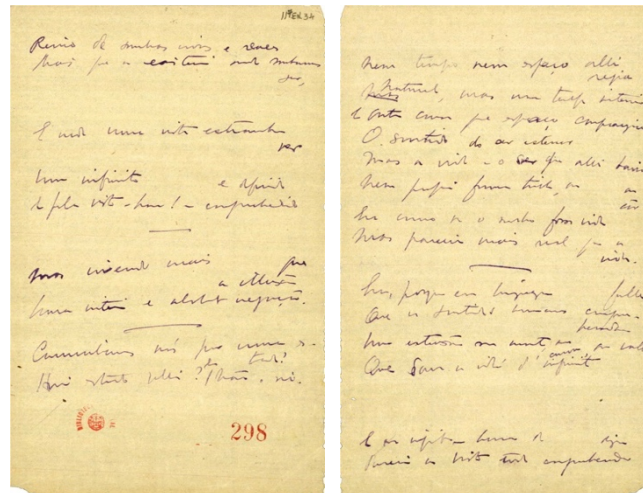
11⁷ EN-32. Dimensões: 115 × 170 mm. Fragmento de papel avergado (cf. PESSOA, 2018: 394-95), com três margens irregulares. Manuscrito a lápis no rosto. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 296) e uma mais recente (11⁷ EN-32, a lápis).



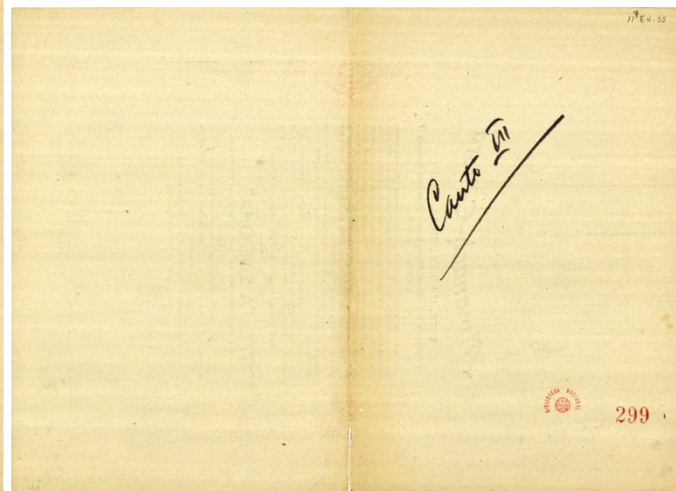
11⁷ EN-33. Dimensões: 113 × 170 mm. Fragmento de papel avergado (cf. PESSOA, 2018: 394-95), com duas margens irregulares. Manuscrito a tinta roxa. No canto superior esquerdo do verso, lê-se a indicação “3”, embora no rosto não haja qualquer numeração. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 297) e uma mais recente (11⁷ EN-33, a lápis).



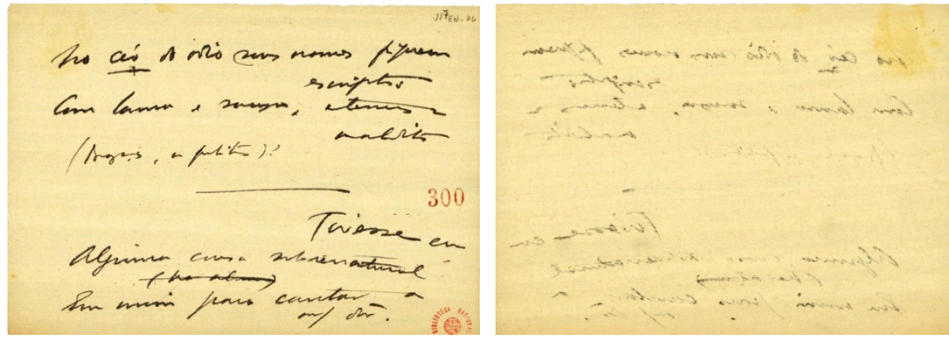
11⁷ EN-34. Dimensões: 112 × 171 mm. Fragmento de papel avergado (cf. PESSOA, 2018: 394-95) com duas margens irregulares. Manuscrito a tinta roxa. É semelhante a 11⁷ EN-33, mas não apresenta numeração autógrafa. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 298) e uma mais recente (11⁷ EN-34, a lápis).



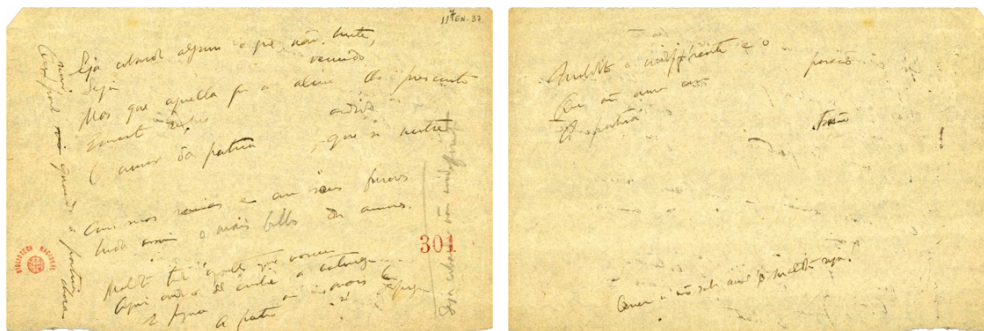
117 EN-35. Dimensões: 185 × 255 mm (fechado). Panfleto publicitário de “Almanach-Editora | MUSICAL, ARTISTICO E LITTERARIO, PARA 1910”. Na face não impressa, na horizontal, lê-se “Canto III” manuscrito a tinta preta. A folha, dobrada ao meio na vertical relativamente ao manuscrito, parece ter sido usada como capa para textos desse canto. Possui duas cotas no verso: uma mais antiga (selo vermelho, com número 299) e uma mais recente (117 EN-35, a lápis).



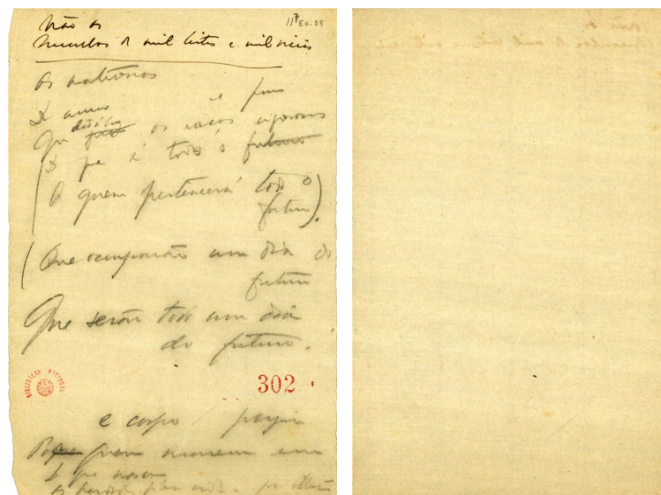
117 EN-36. Dimensões: 161 × 113 mm. Fragmento de papel amarelecido, com três margens irregulares. Manuscrito a tinta preta no rosto. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 300) e uma mais recente (117 EN-36, a lápis).



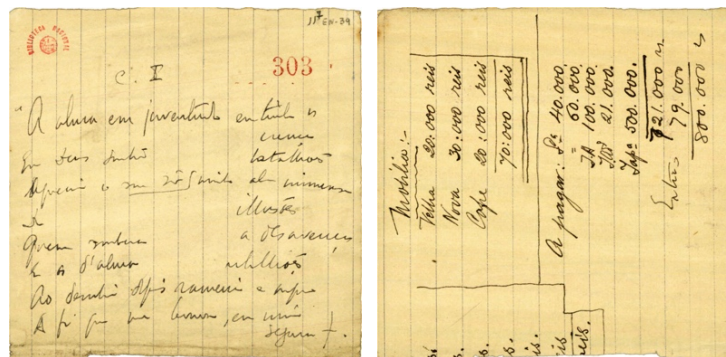
117^o EN-37. Dimensões: 167 × 112 mm. Fragmento de “guardanapo pardo” (cf. PESSOA, 2018: 391) com duas margens irregulares. Manuscrito a tinta preta e a lápis no rosto e a tinta preta no verso. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 301) e uma mais recente (117^o EN-37, a lápis).



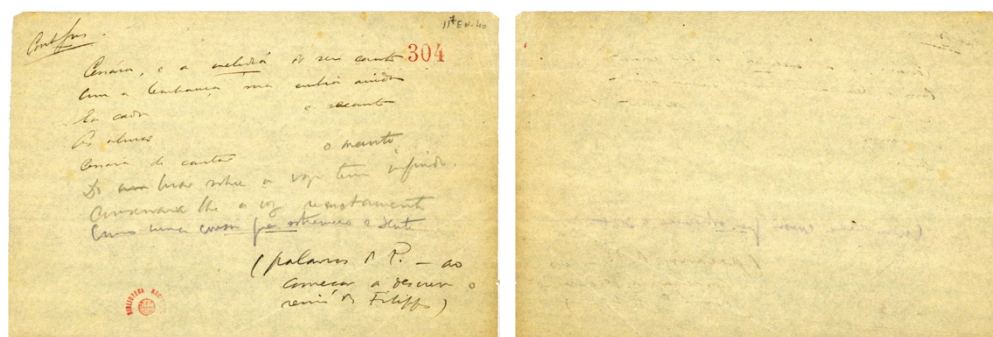
117^o EN-38. Dimensões: 112 × 170 mm. Fragmento de papel avergado (cf. PESSOA, 2018: 394-95) com três margens irregulares. Manuscrito a tinta preta e a lápis no rosto. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 302) e uma mais recente (117^o EN-38, a lápis).



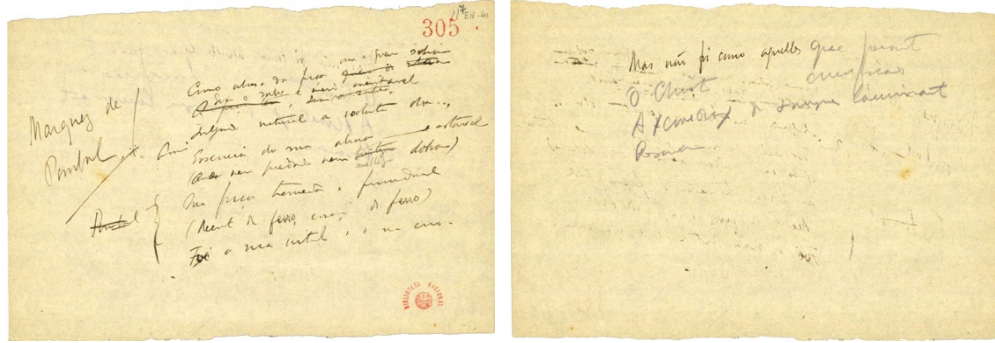
11⁷ EN-39. Dimensões: 113 × 112 mm. Fragmento quadrado de papel com pautas azuis e margens irregulares. Manuscrito com duas tintas pretas diferentes, uma no rosto e outra no verso. Embora o papel esteja entre folhas do Canto III, o rosto inclui a atribuição “C[anto] I”. No verso, vê-se parte de um conjunto de contas relativas à aquisição de mobília velha e nova, assim como de um cofre. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 303) e uma mais recente (11⁷ EN-39, a lápis).



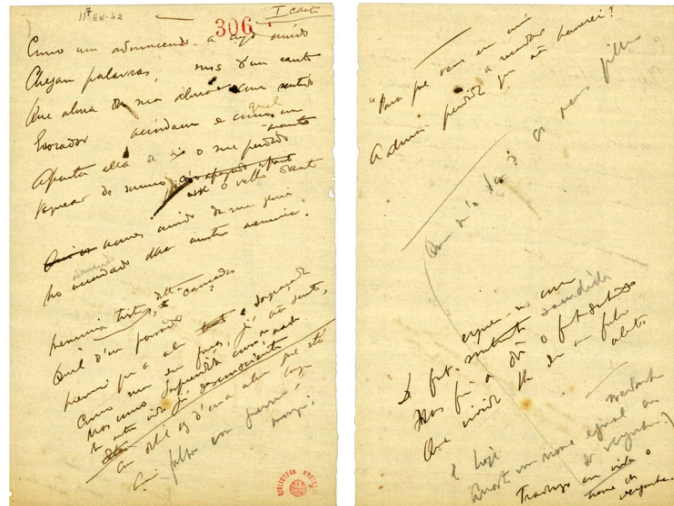
11⁷ EN-40. Dimensões: 167 × 112 mm. Fragmento de “guardanapo pardo” (cf. PESSOA, 2018: 391) com margens irregulares. Manuscrito a tinta preta e a lápis no rosto. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 304) e uma mais recente (11⁷ EN-40, a lápis).



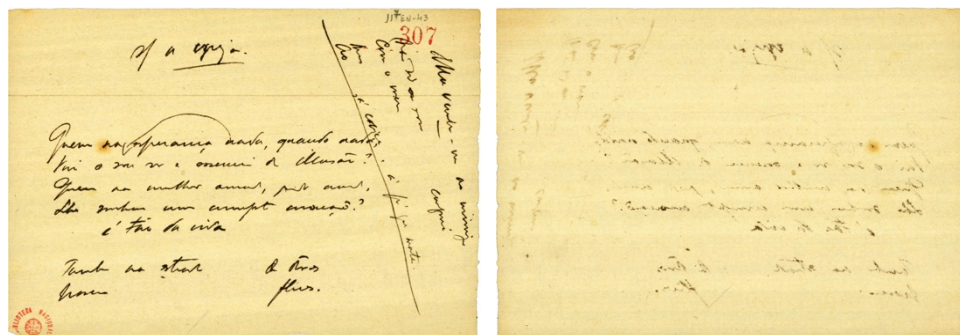
11⁷ EN-41. Dimensões: 166 × 112 mm. Fragmento de “guardanapo pardo” (cf. PESSOA, 2018: 391) com margens irregulares. Manuscrito a tinta preta no rosto e com tinta preta e lápis no verso. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 305) e uma mais recente (11⁷ EN-41, a lápis).



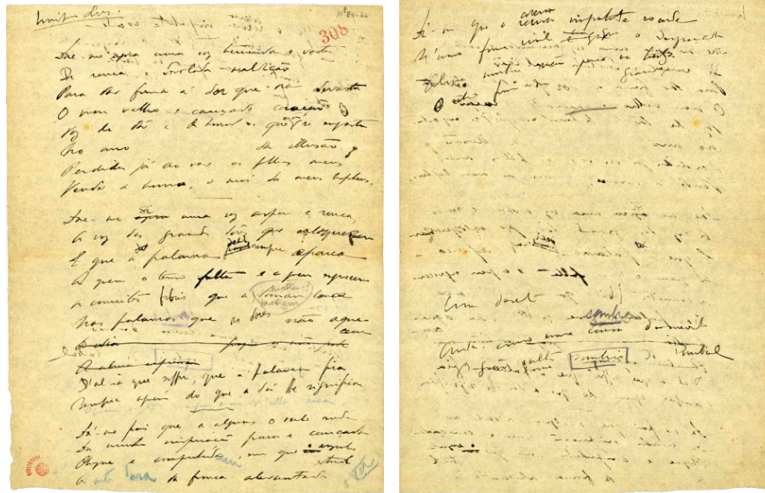
11⁷ EN-42. Dimensões: 110 × 172 mm. Fragmento de papel avergado (cf. PESSOA, 2018: 394-95) com uma lateral irregular. Manuscrito a tinta preta e lápis. Embora o papel esteja entre folhas do Canto III, o rosto inclui a atribuição “I canto”. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 306) e uma mais recente (11⁷ EN-42, a lápis).



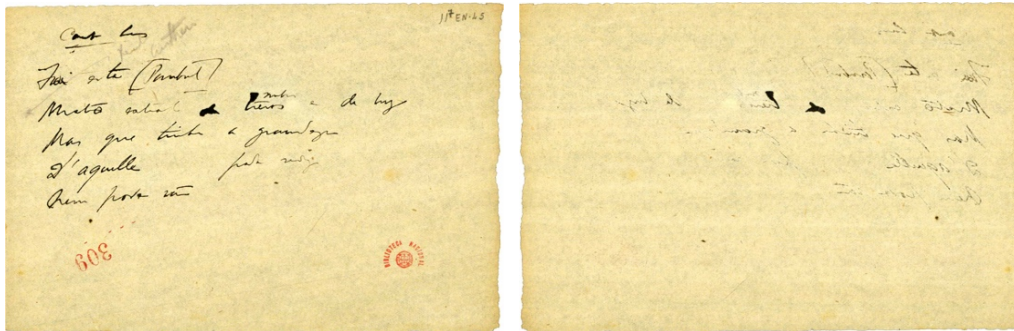
11⁷ EN-43. Dimensões: 162 × 112 mm. Fragmento de papel amarelecido, com duas margens irregulares. Manuscrito a tinta preta no rosto. Possui duas cotas: a mais antiga (selo vermelho, com número 307) e uma mais recente (11⁷ EN-43, a lápis).



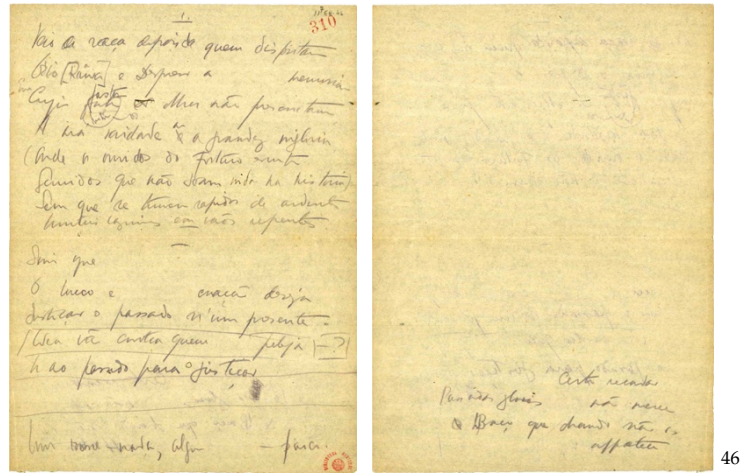
11⁷ EN-44. Dimensões: 162 × 210 mm. Fragmento de “guardanapo pardo” (cf. PESSOA, 2018: 391) com duas margens irregulares. Manuscrito a tinta preta, com intervenções de dois lápis (um de carvão arroxeadado e outro azulado). Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 308) e uma mais recente (11⁷ EN-44, a lápis).



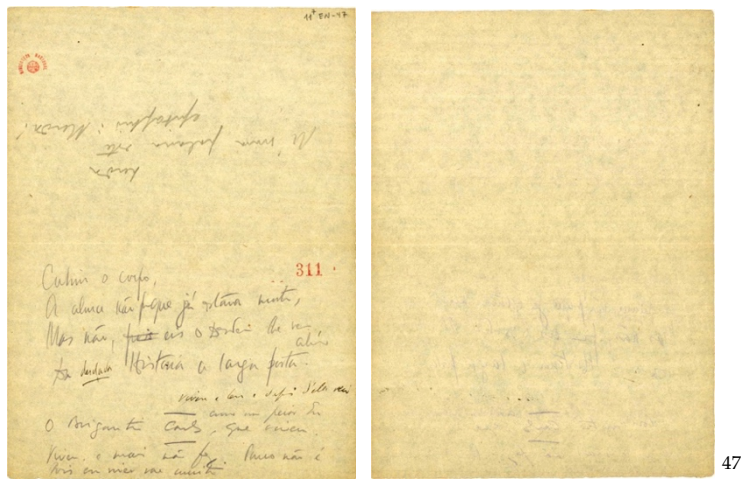
11⁷ EN-45. Dimensões: 167 × 113 mm. Fragmento de “guardanapo pardo” (cf. PESSOA, 2018: 391) com três margens irregulares. Manuscrito a tinta preta no rosto, com uma intervenção a lápis em que se lê (“*Remember Anthero”). Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 309) e uma mais recente (11⁷ EN-45, a lápis).



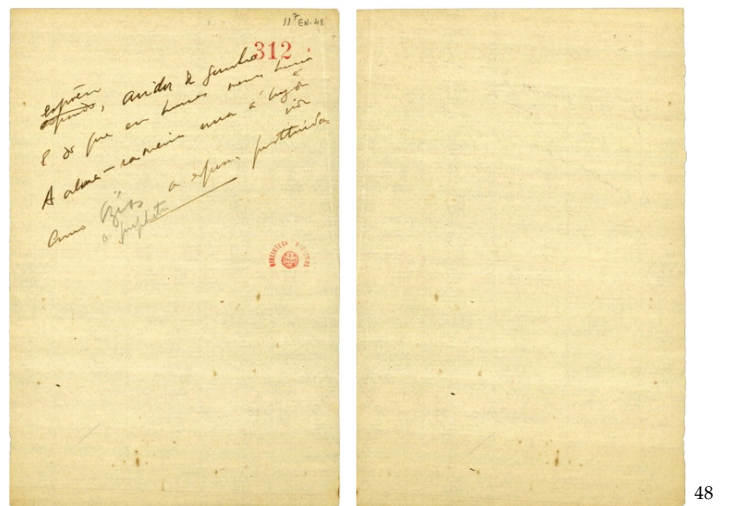
11⁷ EN-46. Dimensões: 167 × 226 mm. Fragmento de “guardanapo pardo” (cf. PESSOA, 2018: 391) com margens irregulares, vincado ao meio na horizontal. Manuscrito a lápis de carvão arroxeadado, incluindo a numeração “1.” na margem superior do rosto. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 310) e uma mais recente (11⁷ EN-46, a lápis).



46



47



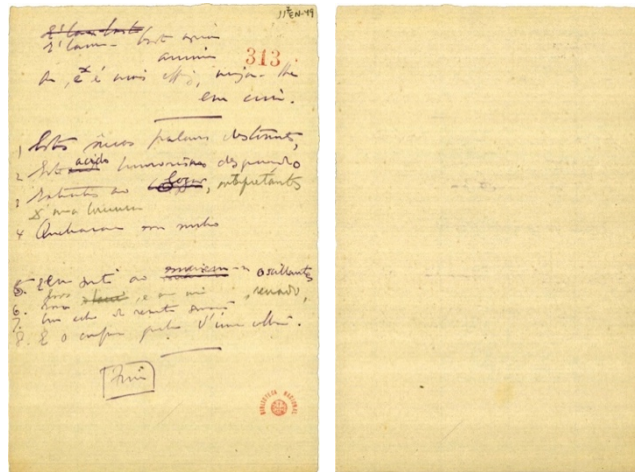
48

117 EN-47. Dimensões: 167 mm × 227 mm. Fragmento de “guardanapo pardo” (cf. PESSOA, 2018: 391) com margens irregulares, vincado ao meio na horizontal, similar ao suporte 117 EN-46. Manuscrito no rosto a tinta preta e a dois lápis (um carvão

arroxeadado e outro cinza). Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 311) e uma mais recente (11⁷ EN-47, a lápis).

11⁷ EN-48. Dimensões: 112 × 172 mm. Fragmento de papel avergado (cf. PESSOA, 2018: 394-95), com os cortes da folha visíveis nas laterais. Manuscrito a tinta preta acastanhada e a lápis, no rosto. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 312) e uma mais recente (11⁷ EN-48, a lápis).

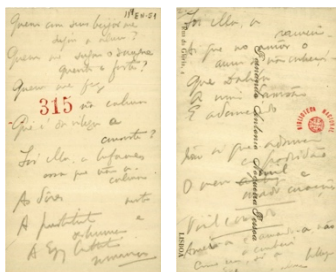
11⁷ EN-49. Dimensões: 114 × 172 mm. Fragmento de papel avergado (cf. PESSOA, 2018: 394-95) com três margens irregulares. Manuscrito no rosto a tinta roxa e a lápis. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 313) e uma mais recente (11⁷ EN-49, a lápis).



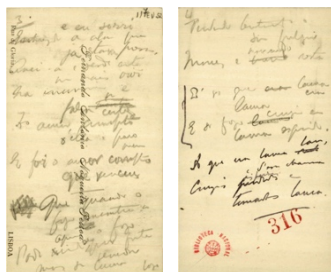
11⁷ EN-50. Dimensões: 129 × 155 mm. Fragmento de verso de envelope. Manuscrito a lápis, salvo um apontamento anterior a tinta preta em que se lê: “Typo: | Serie VII. – Cs. 7, 8, 9, 10.”; dentre os apontamentos a lápis sem relação com *Portugal* há contas e valores como: “Ou 60 ou 120 (110) kilos”. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 314) e uma mais recente (11⁷ EN-50, a lápis).



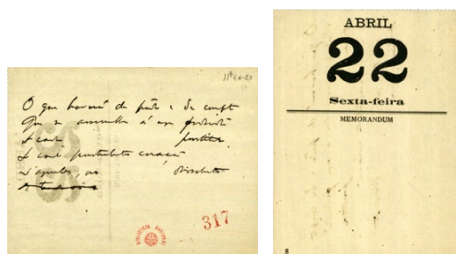
11⁷ EN-51. Dimensões: 101 × 60 mm. Cartão de visita, com indicação de nome completo “Fernando Antonio Nogueira Pessoa” (sem circunflexo) e a morada “Rua da Gloria, 4 | LISBOA”, para onde Pessoa se mudou em fins de 1909. Manuscrito a lápis. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 315) e uma mais recente (11⁷ EN-51, a lápis).



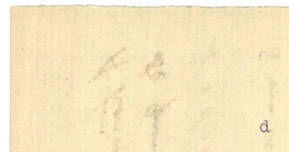
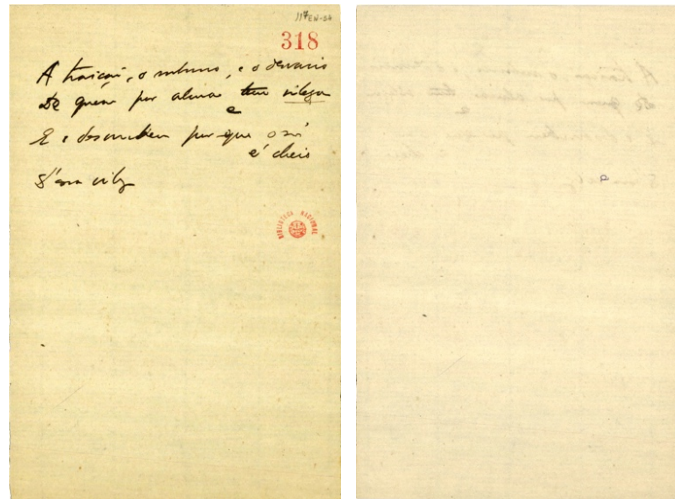
11⁷ EN-52. Dimensões: 101 × 60 mm. Cartão de visita (suporte idêntico a 11⁷ EN-51), com indicação de nome completo “Fernando Antonio Nogueira Pessoa” e a morada “Rua da Gloria, 4 | LISBOA”. Manuscrito a lápis, com acrescentos a tinta preta no verso. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 316) e uma mais recente (11⁷ EN-52, a lápis).



11⁷ EN-53. Dimensões: 86 × 115 mm, pela orientação da face impressa. Um pequeno papel, provavelmente o destacável de um calendário, tendo no verso a indicação “ABRIL | 22 | Sexta-feira | MEMORANDUM” (datável de 1910, tal como 11⁷ EN-4, por o dia da semana corresponder ao dia do mês naquele ano). Manuscrito a tinta preta na face não impressa. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 317) e uma mais recente (11⁷ EN-53, a lápis).

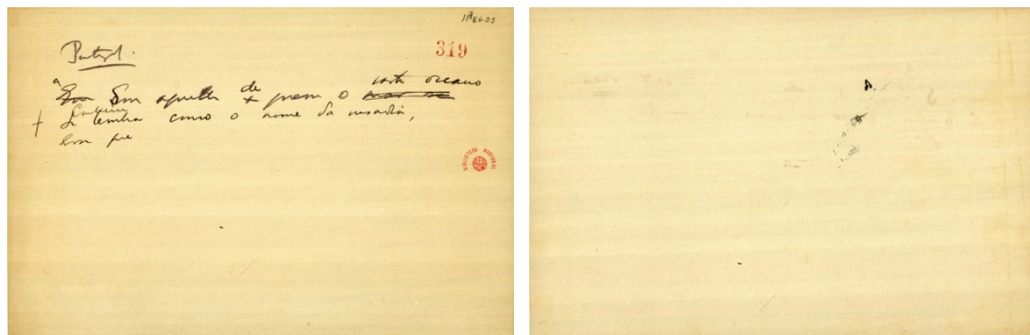


11⁷ EN-54. Dimensões: 112 × 170 mm. Fragmento de papel avergado (cf. PESSOA, 2018: 394-95) com três margens recortadas. Manuscrito no rosto a tinta preta. No verso há, dactilografada a tinta roxa, a letra “d”. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 318) e uma mais recente (11⁷ EN-54, a lápis).



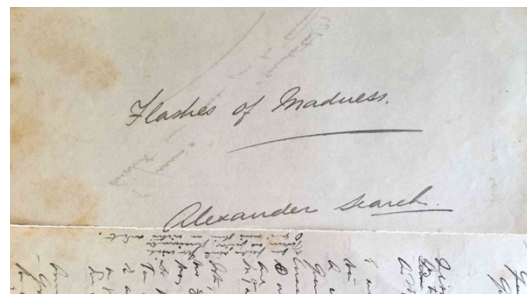
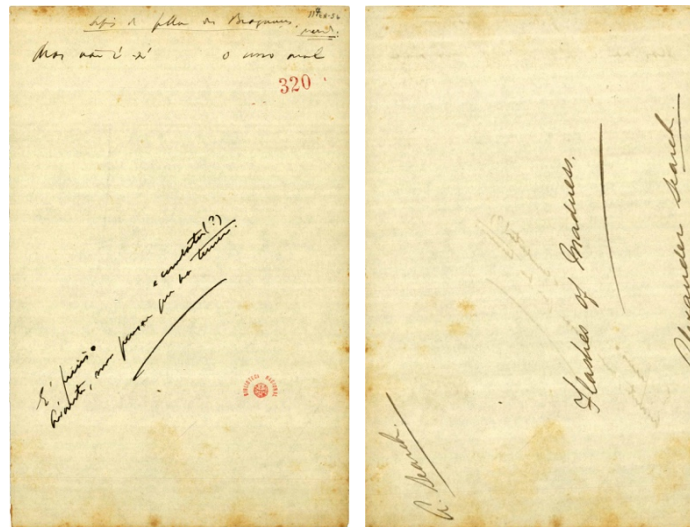
Pormenor de 11⁷ EN-54^v com a letra “d”

11⁷ EN-55. Dimensões: 207 × 136 mm. Fragmento de cartolina, com corte irregular na margem inferior. Manuscrito no rosto a duas tintas pretas diferentes. Há manchas pretas no verso. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 319) e uma mais recente (11⁷ EN-55, a lápis).



11⁷ EN-56. Dimensões: 136 × 210 mm; forma uma folha completa com 11⁷ EN-63. Meia folha de papel liso, manuscrita a tinta preta no rosto; no verso, em texto anterior manuscrito a tinta acastanhada, há as indicações “A. Search. | Flashes of Madness. | Alexander Search.”. Trata-se da metade de uma folha que terá servido de capa a um conjunto de poemas de Search (para uma discussão dos projectos

atribuíveis a Search, *vide* PESSOA, 1997: 10 & 59; e FERRARI & PITTELLA, 2018: 230-32). Duas das margens indiciam um corte. É materialmente idêntica aos documentos 11⁷ EN-57 a 61, havendo no verso de quase todos esses suportes a mesma menção a Search. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 320) e uma mais recente (11⁷ EN-56, a lápis).

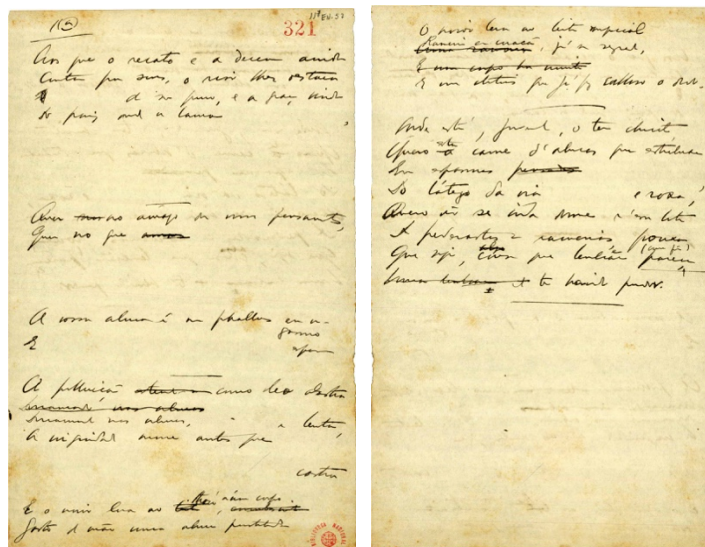


Folha formada por 11⁷ EN-56 e 11⁷ EN-63

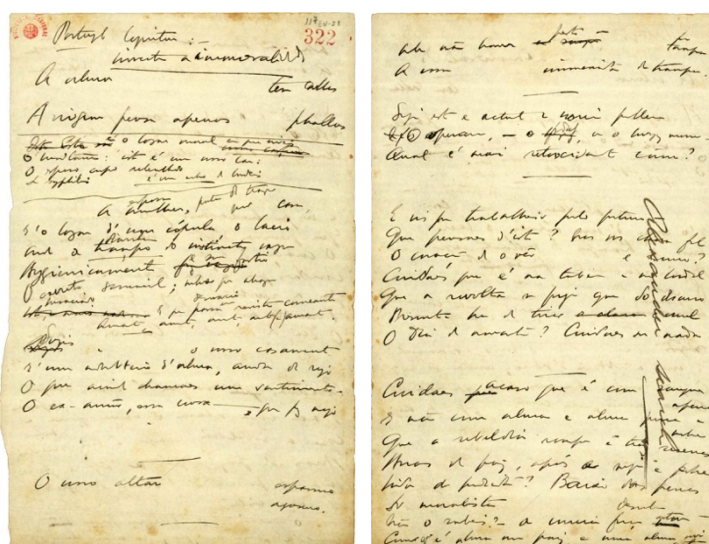
11⁷ EN-57. Dimensões: 136 × 212 mm; forma uma folha completa com 11⁷ EN-61. Meia folha de papel liso, com duas margens recortadas. Manuscrita a tinta preta, incluindo a nota "1^a" no canto superior esquerdo. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 321) e uma mais recente (11⁷ EN-57, a lápis).



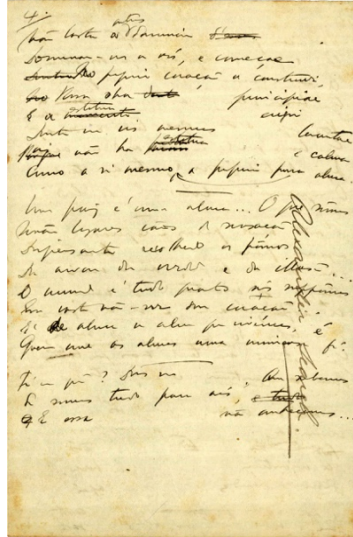
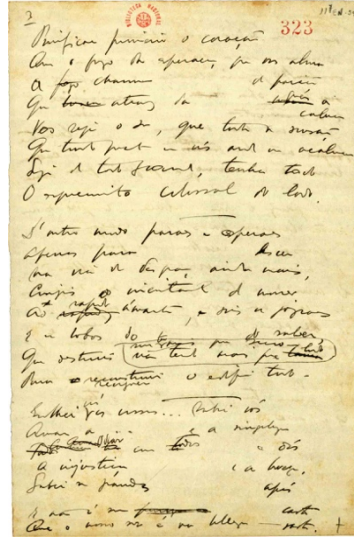
Folha formada por 11⁷ EN-61 e 11⁷ EN-57



117 EN-58. Dimensões: 137 × 211 mm. Meia folha de papel liso, com duas margens recortadas. Manuscrita a tinta preta. No verso, em texto anterior manuscrito a tinta acastanhada, lê-se “Alexander Search”. Os documentos 117 EN-58 a 61 parecem formar um conjunto, atendendo a uma numeração que vai de “3.” (em 117 EN-59^r) a “7.” (em 117 EN-61^r), com as duas faces de 117 EN-58 correspondendo às duas primeiras páginas da série. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 322) e uma mais recente (117 EN-58, a lápiz).

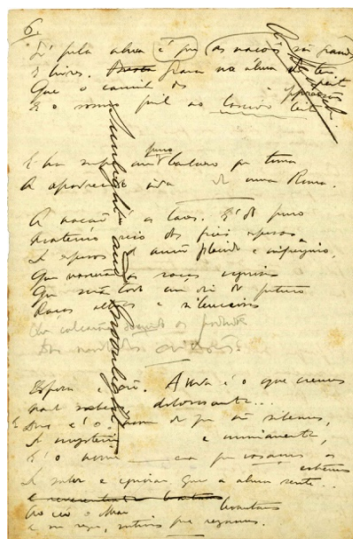
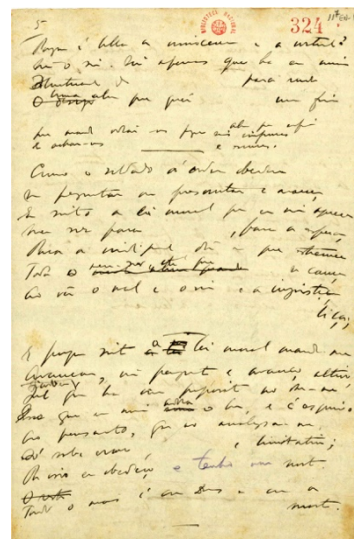


117 EN-59. Dimensões: 137 × 211 mm; forma uma folha completa com 117 EN-60. Meia folha de papel liso, com duas margens recortadas. Manuscrita a tinta preta. No verso, em texto anterior manuscrito a tinta acastanhada, lê-se “Alexander Search”. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 323) e uma mais recente (117 EN-59, a lápiz).

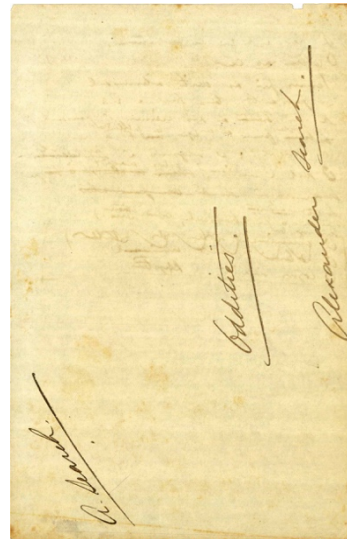
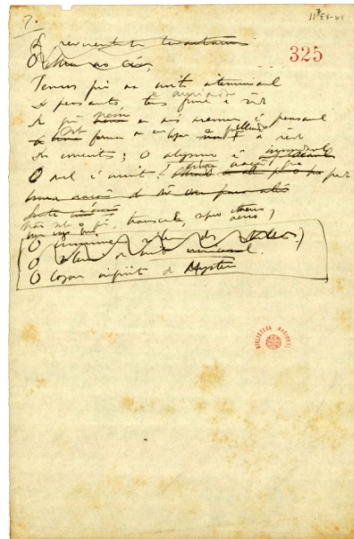


Folha formada por 117 EN-60 e 117 EN-59

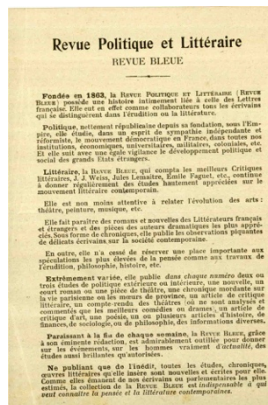
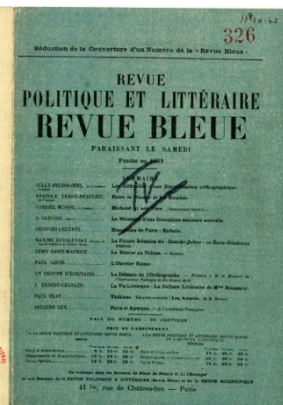
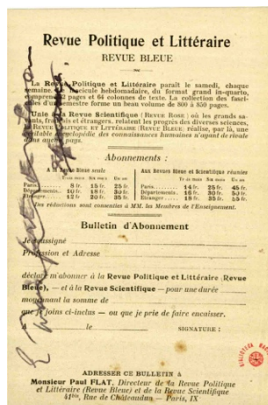
117 EN-60. Dimensões: 137 × 211 mm; forma uma folha completa com 117 EN-59. Meia folha de papel liso, com duas margens recortadas. Manuscrita a tinta preta, com intervenções posteriores a lápis roxo (rosto) e a lápis de carvão (verso). No verso, em texto anterior manuscrito a tinta acastanhada, lê-se “A. Search. | Sunlight and Moonlight”. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 324) e uma mais recente (117 EN-60, a lápis).



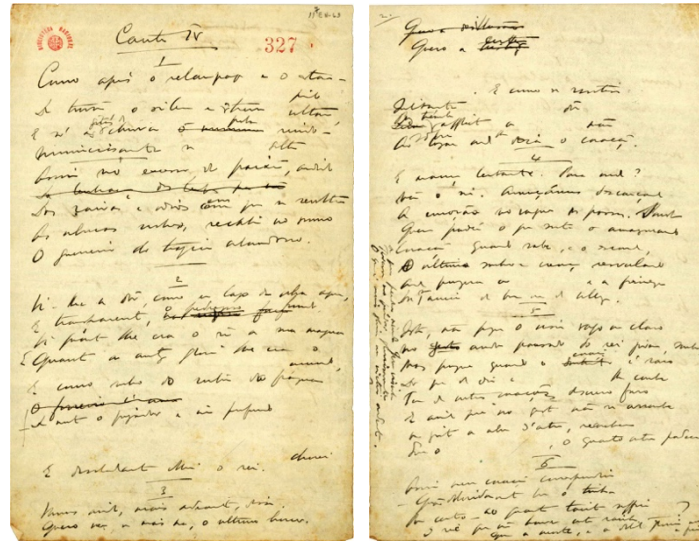
117 EN-61. Dimensões: 135 x 211 mm; forma uma folha completa com 117 EN-57. Meia folha de papel liso, com duas margens recortadas. Manuscrita no rosto a tinta preta, com intervenções posteriores a lápis de carvão. No verso, em texto anterior manuscrito a tinta acastanhada, lê-se "A. Search. | Oddities. | Alexander Search.". Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 325) e uma mais recente (117 EN-61, a lápis).



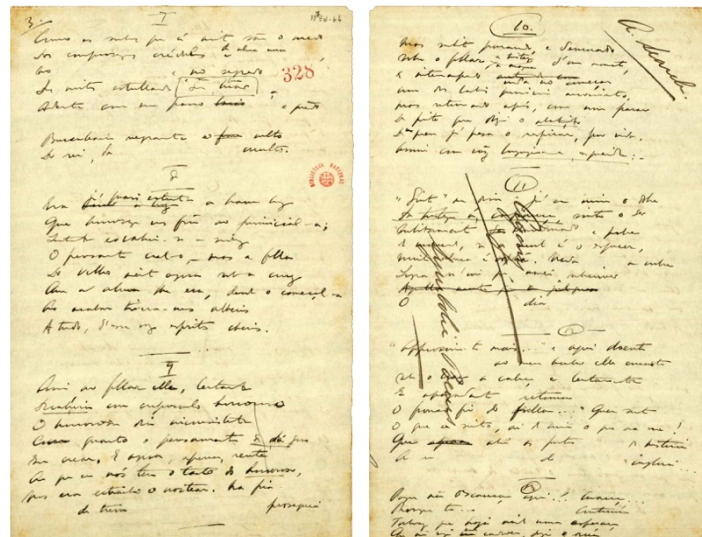
117 EN-62. Dimensões: 220 x 162 mm, com o bifólio aberto. Boletim de informação e subscrição de assinatura da "REVUE BLEUE | REVUE POLITIQUE ET LITTÉRAIRE". Sobre a primeira página do boletim, há a numeração manuscrita "IV"; o bifólio poderá ter servido para arquivar documentos relativos ao Canto IV do projecto pessoal. Na última página do boletim, há o testemunho "A" de um verso escrito e riscado a tinta preta, que reaparecerá no documento 117 EN-70^f. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 326) e uma mais recente (117 EN-62, a lápis).

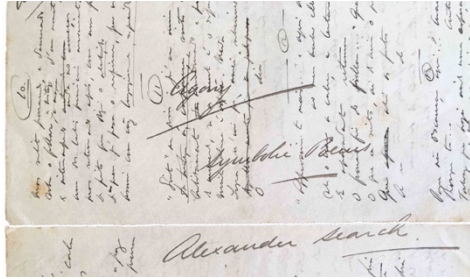


117 EN-63. Dimensões: 135 × 211 mm; forma uma folha completa com 117 EN-56. Meia folha de papel liso, com duas margens recortadas. Manuscrita a tinta preta, incluindo a indicação "Canto IV" no rosto. Suporte afim ao dos conjuntos 117 EN-56 a 61 e 117 EN-63 a 68. Em 117 EN-63^v e 117 EN-64^r, há, nos cantos superiores esquerdos, a numeração "2" e "3", respectivamente. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 327) e uma mais recente (117 EN-63, a lápis).



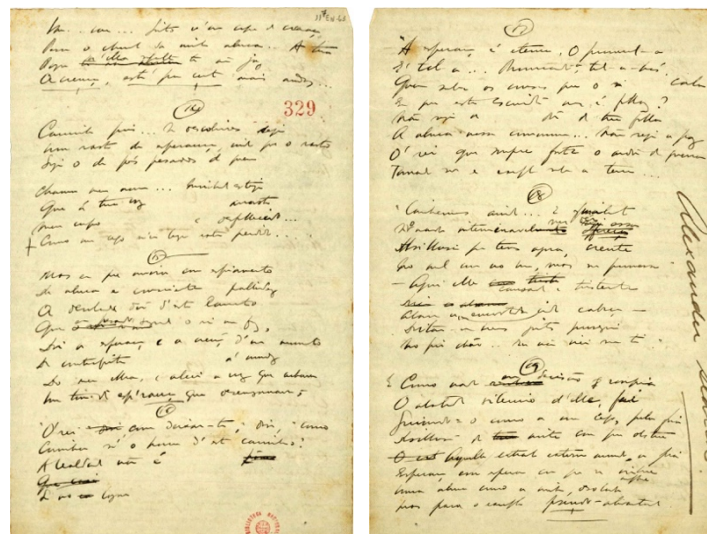
117 EN-64. Dimensões: 135 × 211 mm; forma uma folha completa com 117 EN-65. Meia folha de papel liso, com duas margens recortadas. Manuscrita a tinta preta. No verso, em texto anterior manuscrito a tinta acastanhada, lê-se "A. Search. | Agony. | Symbolic Poems". Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 328) e uma mais recente (117 EN-64, a lápis).



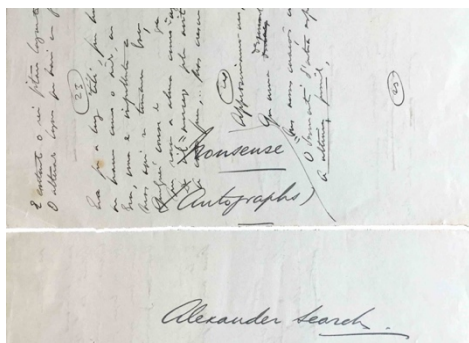


Folha formada por 117 EN-64 e 117 EN-65

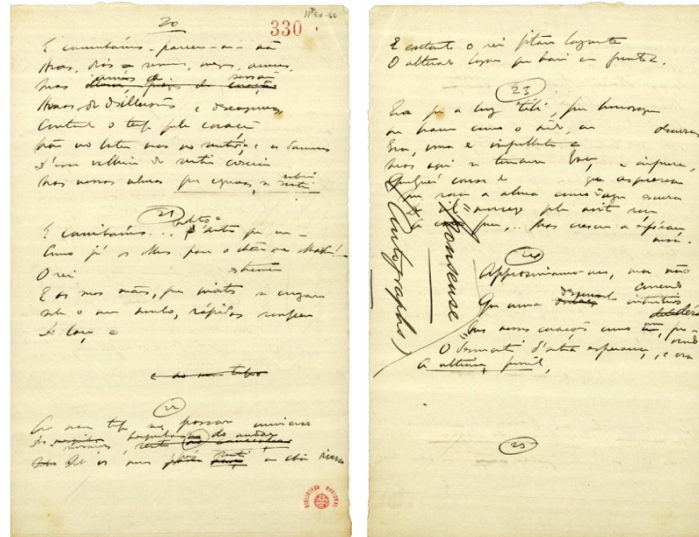
117 EN-65. Dimensões: 136 × 211 mm; forma uma folha completa com 117 EN-64. Meia folha de papel liso, com duas margens recortadas. Manuscrita a tinta preta. No verso, em texto anterior manuscrito a tinta acastanhada, lê-se “Alexander Search”. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 329) e uma mais recente (117 EN-65, a lápis).



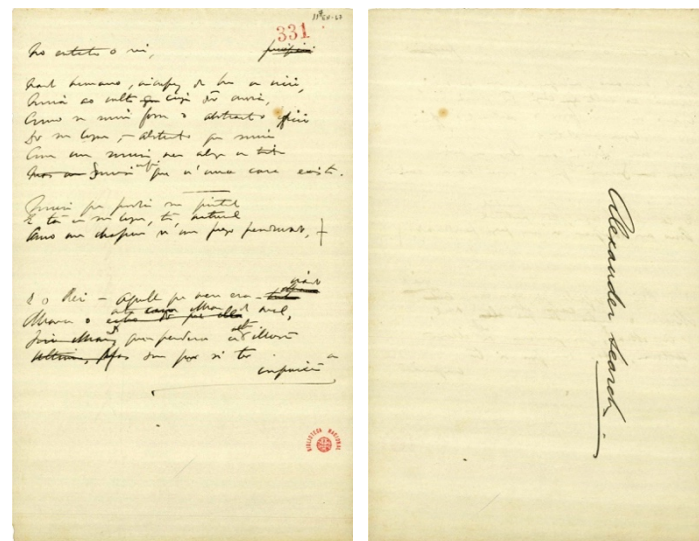
117 EN-66. Dimensões: 135 × 212 mm; forma uma folha completa com 117 EN-67. Meia folha de papel liso, com duas margens recortadas. Manuscrita a tinta preta. No verso, em texto anterior manuscrito a tinta acastanhada, lê-se “Nonsense. | (Autographs)”. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 330) e uma mais recente (117 EN-66, a lápis).



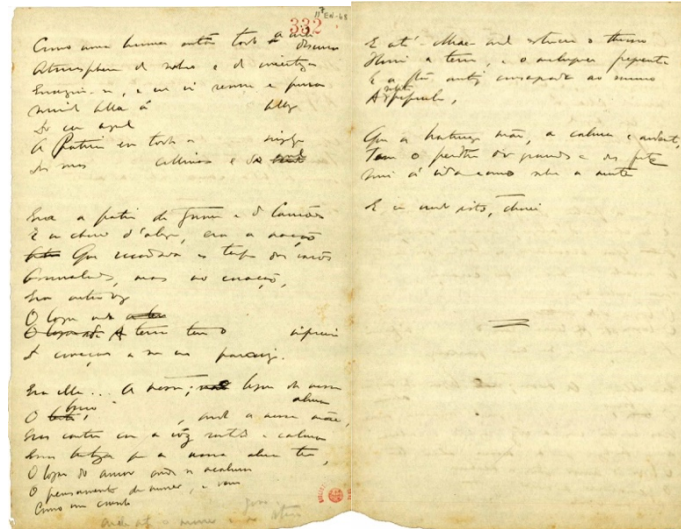
Folha formada por 117 EN-66 e 117 EN-67



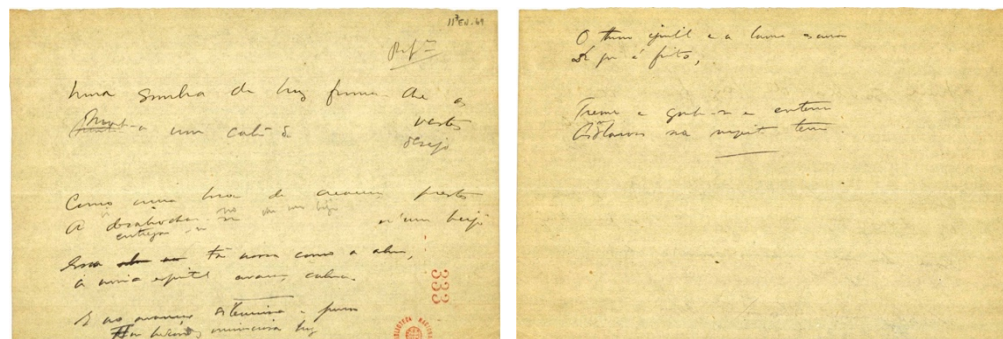
117 EN-67. Dimensões: 136 × 212 mm; forma uma folha completa com 117 EN-66. Meia folha de papel liso, com duas margens recortadas. Manuscrita no rosto a tinta preta. No verso, em texto anterior manuscrito a tinta acastanhada, lê-se “Alexander Search”. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 331) e uma mais recente (117 EN-67, a lápis).



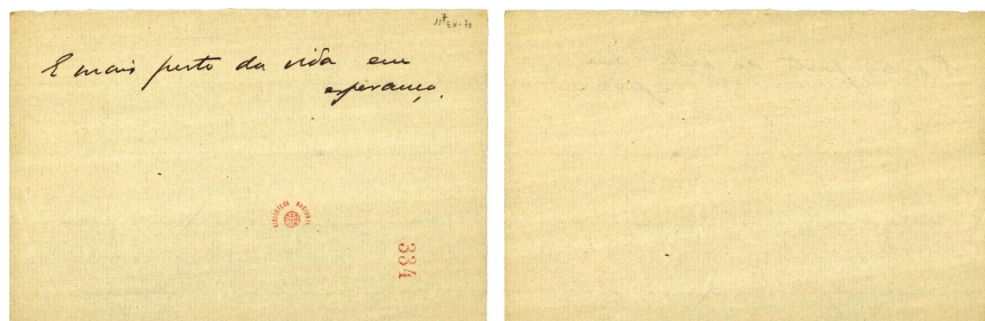
117 EN-68. Dimensões: 135 × 210 mm. Meia folha de papel liso, com duas margens recortadas. Manuscrita a tinta preta, com um acrescento posterior a lápis de carvão no rosto. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 332) e uma mais recente (117 EN-68, a lápis).



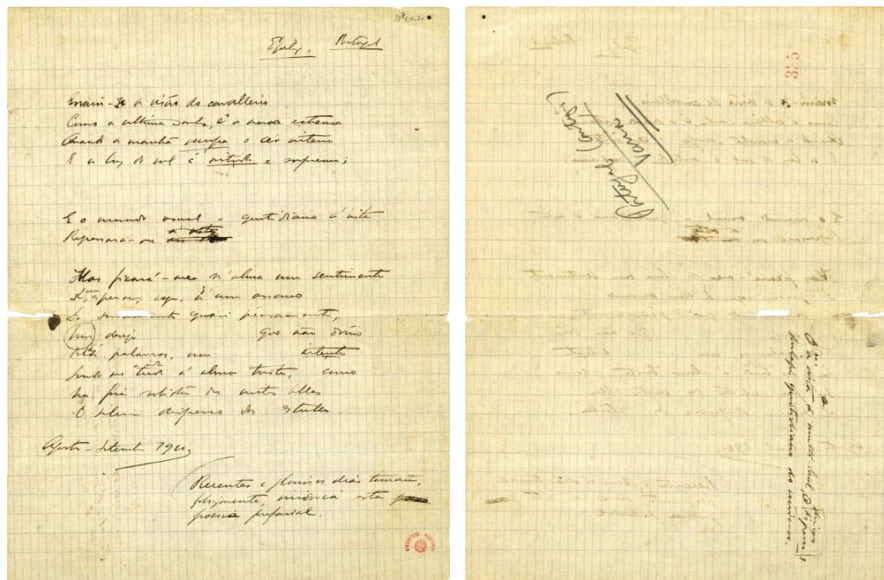
117 EN-69. Dimensões: 173 × 12 mm. Fragmento de “guardanapo pardo” (cf. PESSOA, 2018: 391) com três margens irregulares. Manuscrito a tinta preta, com intervenções posteriores a lápis no rosto. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 333) e uma mais recente (117 EN-69, a lápis).



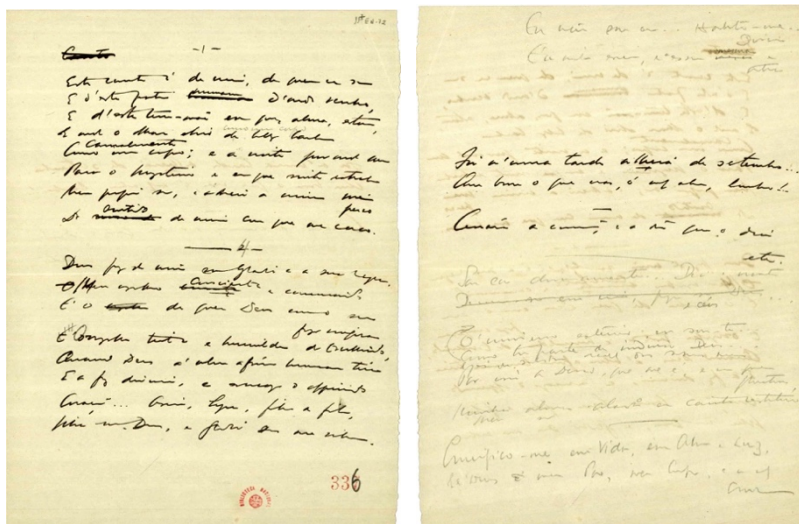
117 EN-70. Dimensões: 170 × 110 mm. Fragmento de papel avergado (cf. PESSOA, 2018: 394-95) com três margens recortadas. Manuscrito no rosto a tinta preta (vide testemunho “A” da mesma frase em 117 EN-62). Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 334) e uma mais recente (117 EN-70, a lápis).



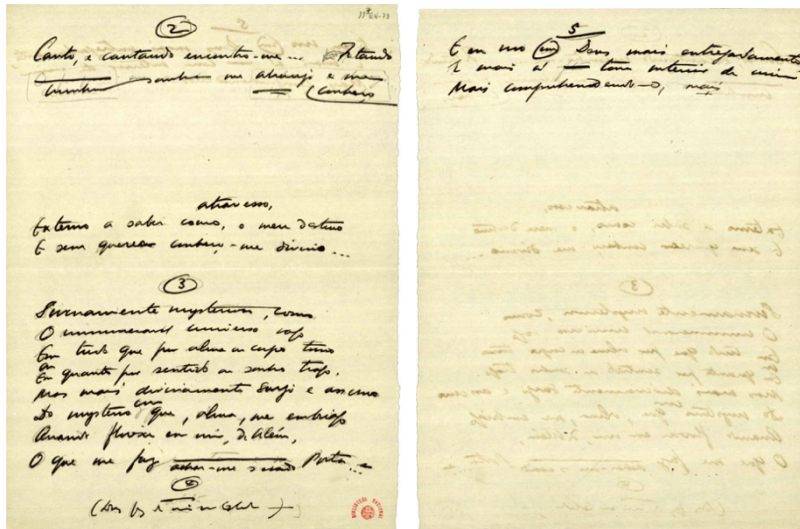
11⁷ EN-71. Dimensões: 204 × 271 mm. Folha de papel quadriculado, com linhas azuis. Manuscrita a tinta preta acastanhada, com a data “Agosto-Setembro 1910”. Dobrada em bifólio, terá sido utilizada como capa de um conjunto de papéis, para os quais existe a indicação “Portugal (antigo) | Varia” manuscrita a lápis. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 335, no verso) e uma mais recente (11⁷ EN-71, a lápis).



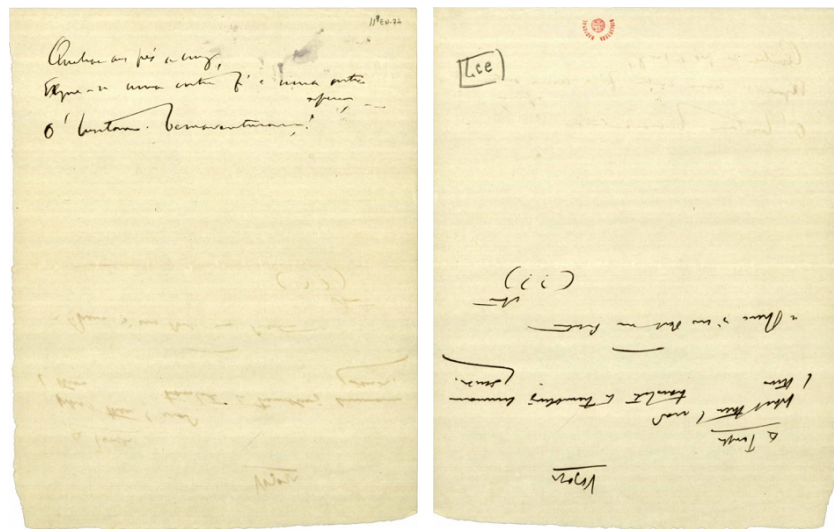
11⁷ EN-72. Dimensões: 170 × 227 mm. Fragmento de papel liso com duas margens irregulares, vincado na horizontal. Manuscrito a tinta preta com acrescentos a lápis, que incluem, no rosto, uma renumeração de “2” para “4” e, no verso, mais versos. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 337, emendado a lápis para 336) e uma mais recente (11⁷ EN-72, a lápis).



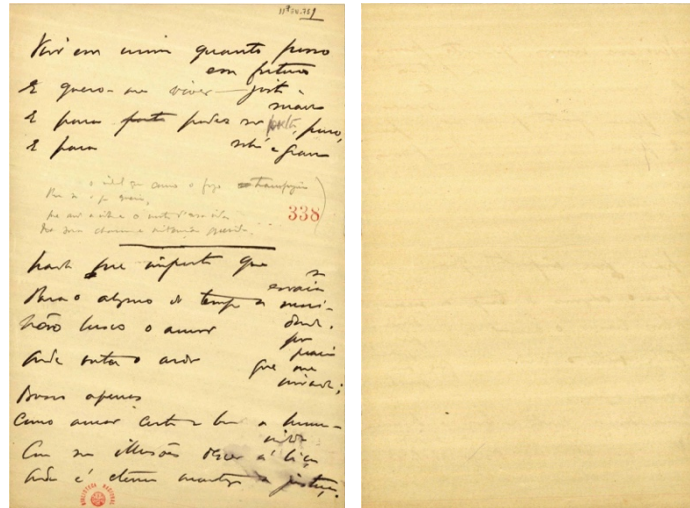
11⁷ EN-73. Dimensões: 170 × 227 mm. Fragmento de papel liso com duas margens irregulares, vincado na horizontal. Manuscrito inicialmente a lápis, sobrescrito e revisto a tinta preta. Diferentemente dos outros documentos do envelope, não há cota a carimbo (talvez por lapso), encontrando-se apenas a cota a lápis (11⁷ EN-73).



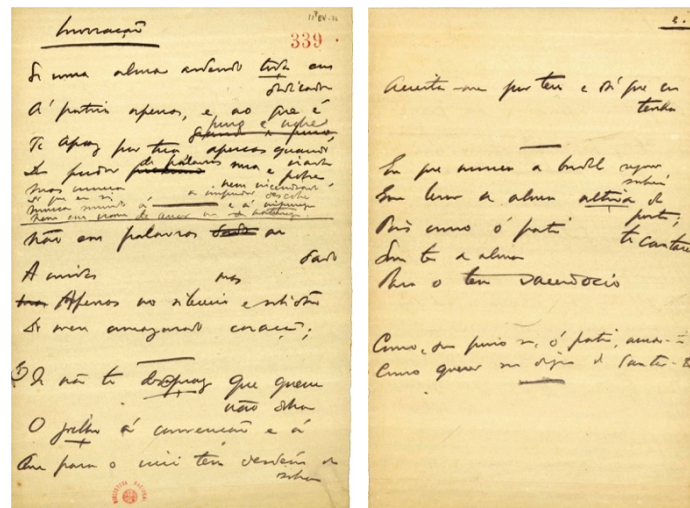
11⁷ EN-74. Dimensões: 171 × 220 mm. Fragmento de papel liso com duas margens irregulares, vincado na horizontal. Manuscrito a tinta preta no rosto e no verso, com o texto principiando nas margens opostas de cada face. Possui duas cotas, uma mais antiga (337, acrescentada no verso, a lápis, não recorrendo, portanto, ao carimbo habitual) e uma mais recente (11⁷ EN-74, a lápis).



11⁷ EN-75. Dimensões: 135 × 206 mm. Fragmento de cartolina com duas margens irregulares. Manuscrito a tinta preta no rosto, com intervenções posteriores a lápis de carvão. No canto superior direito do rosto, há a numeração “1”. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 338) e uma mais recente (11⁷ EN-75, a lápis).

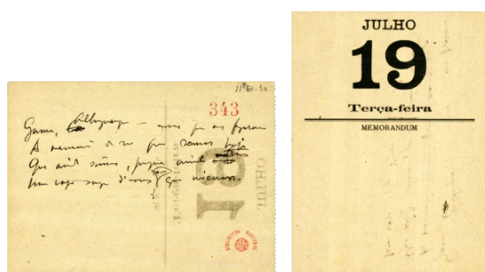


11⁷ EN-76. Dimensões: 136 × 206 mm. Fragmento de cartolina com duas margens irregulares, em suporte similar a 11⁷ EN-75. Manuscrito a tinta preta. No canto superior direito do verso, lê-se a numeração “2”. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 339) e uma mais recente (11⁷ EN-76, a lápis).

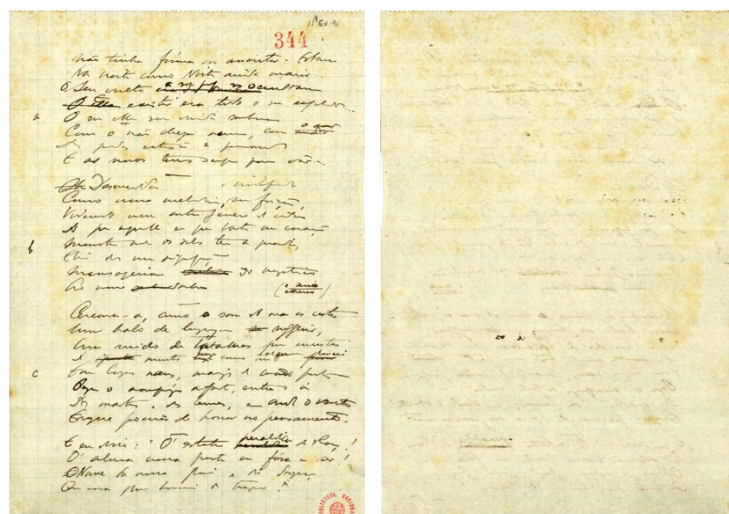


11⁷ EN-77. Dimensões: 206 × 87 mm. Tira de cartolina com margem inferior irregular. Manuscrita a tinta preta no rosto. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 340) e uma mais recente (11⁷ EN-77, a lápis).

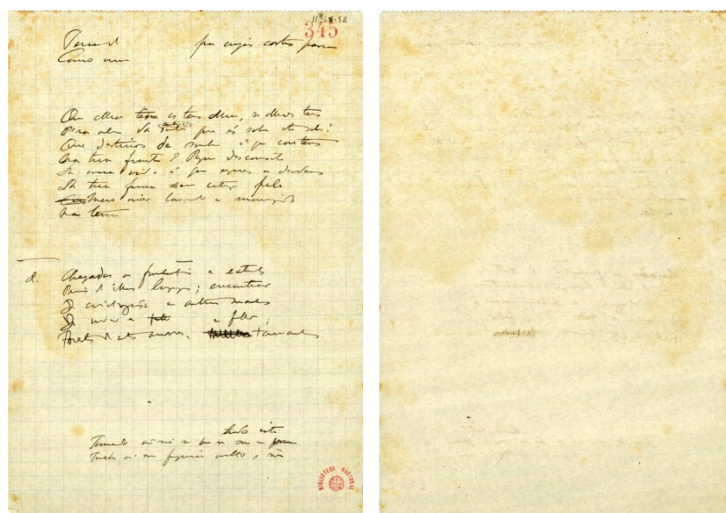
11⁷ EN-80. Dimensões: 86 × 116 mm, pela orientação da face impressa. Um pequeno papel, provavelmente o destacável de um calendário, tendo no verso a indicação “JULHO | 19 | Terça-feira | MEMORANDUM” (datável de 1910, tal como 11⁷ EN-4, 53 & 78, por o dia da semana corresponder ao dia do mês naquele ano). Manuscrito a tinta preta na face não impressa. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 343) e uma mais recente (11⁷ EN-80, a lápis).



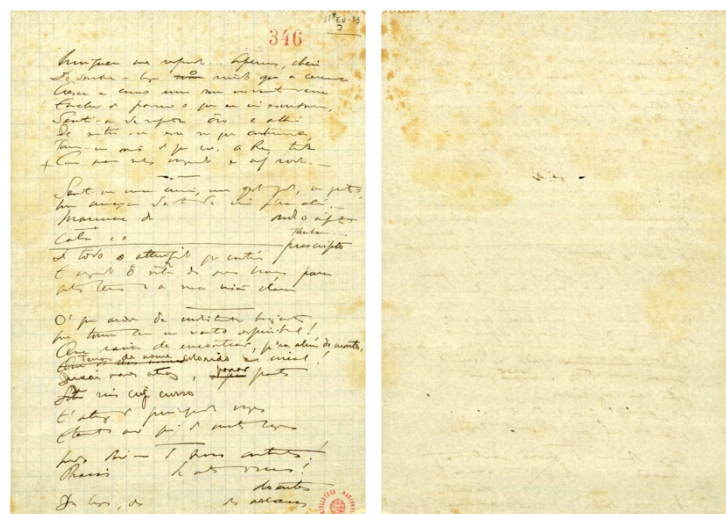
11⁷ EN-81. Dimensões: 137 × 192 mm. Folha de papel quadriculado no rosto e branco no verso, com picotado na margem superior e manchas de humidade. Material afim ao do conjunto 11⁷ EN-82 a 84, que também apresenta manchas de humidade. Manuscrito a tinta preta no rosto. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 344) e uma mais recente (11⁷ EN-81, a lápis).



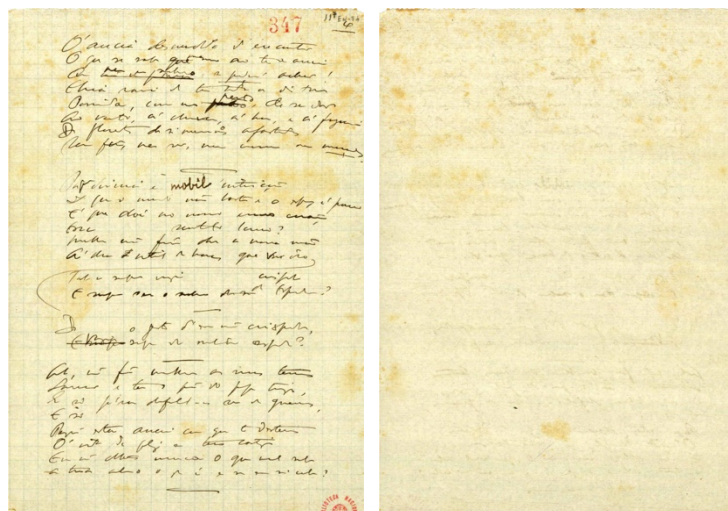
11⁷ EN-82. Dimensões: 136 × 192 mm. Folha de papel quadriculado no rosto e branco no verso, com picotado na margem superior e manchas de humidade (suporte afim ao conjunto 11⁷ EN-81 a 84). Manuscrito a tinta preta no rosto. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 345) e uma mais recente (11⁷ EN-82, a lápis).



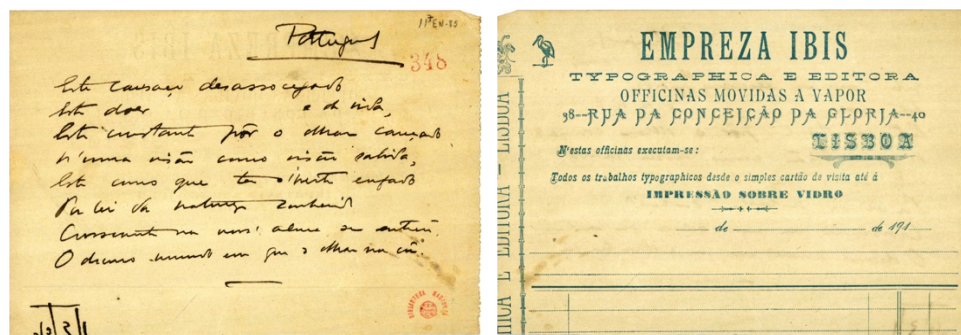
11⁷ EN-83. Dimensões: 136 × 192 mm. Folha de papel quadriculado no rosto e branco no verso, com picotado na margem superior e manchas de humidade (suporte afim ao conjunto 11⁷ EN-81 a 84). Manuscrito a tinta preta no rosto. Numerado “3” no canto superior direito. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 346) e uma mais recente (11⁷ EN-83, a lápis).



11⁷ EN-84. Dimensões: 136 × 192 mm. Folha de papel quadriculado no rosto e branco no verso, com picotado na margem superior e manchas de humidade (suporte afim ao conjunto 11⁷ EN-81 a 83). Manuscrito a tinta preta no rosto. Numerado “4” no canto superior direito. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 347) e uma mais recente (11⁷ EN-84, a lápis).

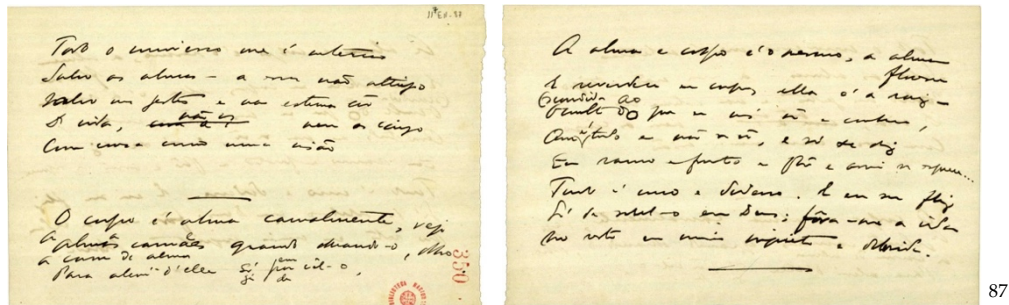


117 EN-85. Dimensões: 162 × 109 mm. Metade de um impresso da “EMPRESA IBIS”, com picotado numa das laterais. Manuscrito a tinta preta na face não impressa. Note-se, no papel timbrado, a data previamente impressa “191_” (faltando apenas a casa das unidades); a Empresa Ibis teria vida curta, entre fins de 1909 e meados de 1910 (FERREIRA, 2005: 41 & 60). No rosto, há, apenas parcialmente visível, o que parece ser uma indicação de data: “+3/*1”. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 348) e uma mais recente (117 EN-85, a lápis).

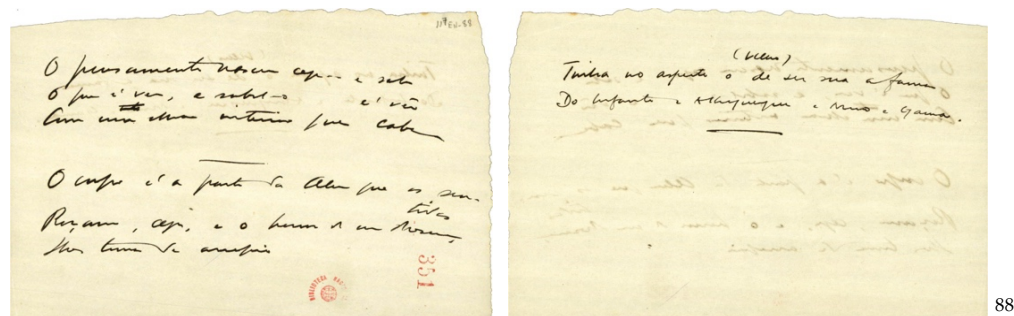


117 EN-86. Dimensões: 107 × 133 mm. Fragmento de envelope com carimbo “FUNCHAL | 3 JUN 13 | MADEIRA”. Manuscrito a lápis de carvão no rosto. No verso, há a indicação impressa “MANUFACTURED IN ENGLAND”. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 349) e uma mais recente (117 EN-86, a lápis).

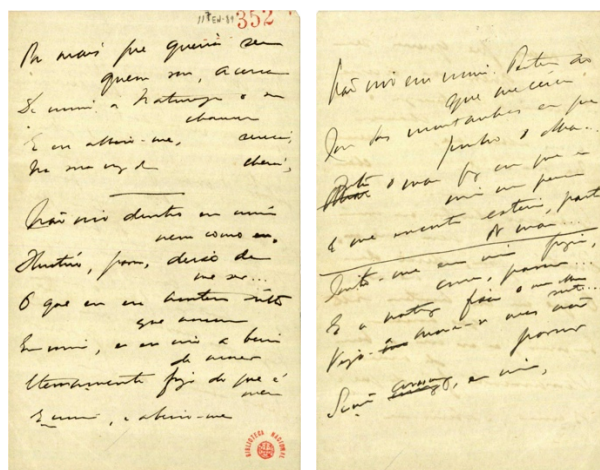
117 EN-87. Dimensões: 172 × 111 mm. Fragmento de papel com duas margens irregulares (materialmente afim a 117 EN-88 & 89). Manuscrito a tinta preta. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 350) e uma mais recente (117 EN-87, a lápis).



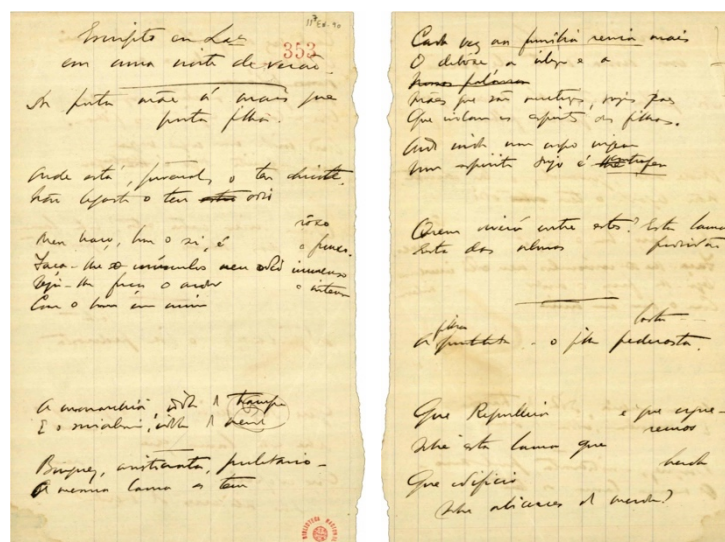
117^{EN-88}. Dimensões: 172 × 110 mm. Fragmento de papel com três margens irregulares (materialmente afim ao conjunto 117^{EN-87} a 89). Manuscrito a tinta preta. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 351) e uma mais recente (117^{EN-88}, a lápis).



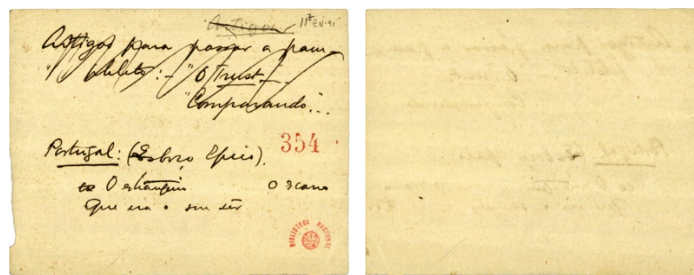
117^{EN-89}. Dimensões: 100 × 155 mm. Fragmento de papel com três margens irregulares (materialmente afim a 117^{EN-87} & 88, embora o corte seja distinto). Manuscrito a tinta preta. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 352) e uma mais recente (117^{EN-89}, a lápis).



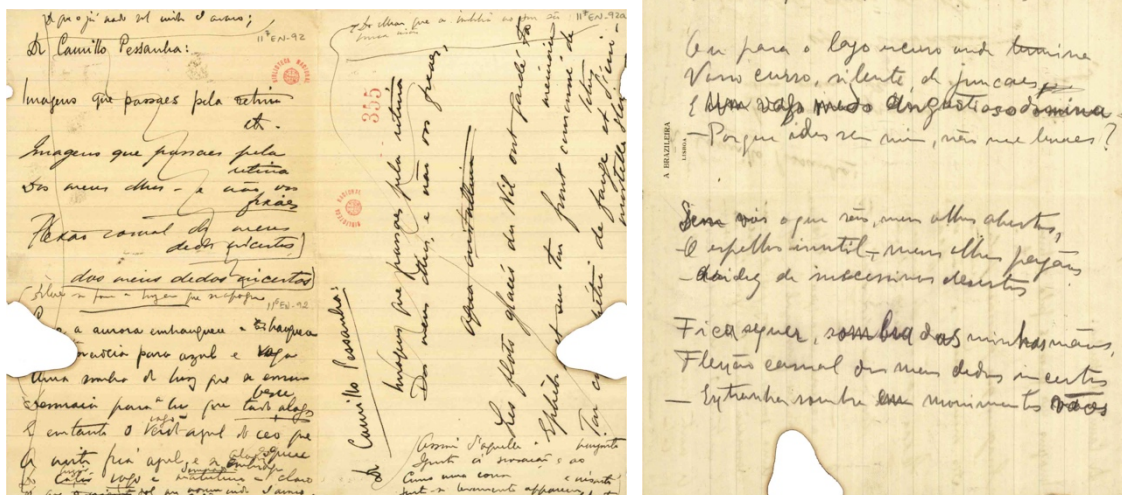
117 EN-90. Dimensões: 134 × 206 mm. Meia folha de papel pautado com linhas azuis. Vê-se uma mancha de humidade no canto inferior esquerdo do rosto (também visível no verso). Manuscrito a tinta preta. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 353) e uma mais recente (117 EN-90, a lápis).



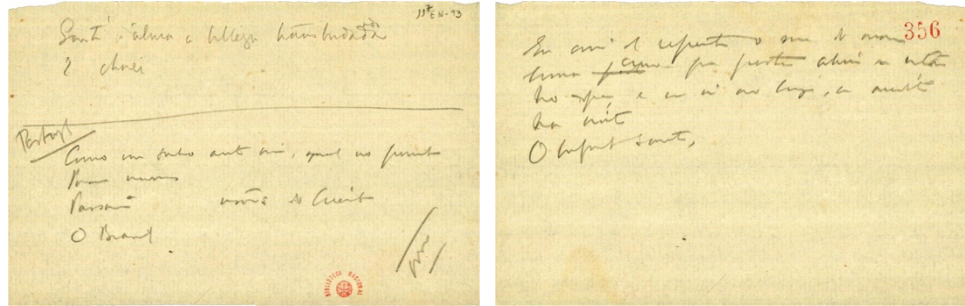
117 EN-91. Dimensões: 111 × 87 mm. Pequeno pedaço de papel avergoado (cf. PESSOA, 2018: 394-95), amarelecido, com duas margens irregulares. Manuscrito a tinta preta no rosto, havendo duas indicações riscadas: "Artigos" (escrita a lápis, riscada a tinta); e "Artigos para passar a pamphleto: - 'O Trust...' | 'Comparando...'" (escrita e riscada a tinta). O primeiro artigo, cujo título completo seria "O Trust das Livrarias", esteve destinado ao jornal *O Iconoclasta* e foi atribuído a Íbis (vide Pessoa, 2016: 309); ambos os artigos contam com manuscritos no espólio e, salvo erro, permanecem inéditos. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 354) e uma mais recente (117 EN-91, a lápis).



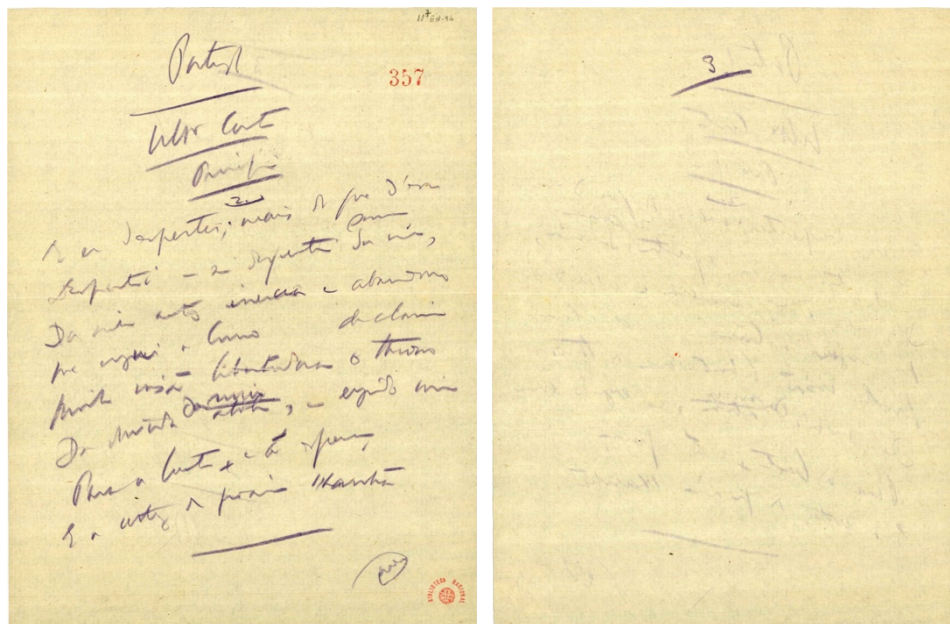
117 EN-92. Dimensões: 224 × 178 mm, com o bifólio aberto. Bifólio pautado com linhas azuis, com timbre do café “A BRAZILEIRA | LISBOA”, dobrado na vertical e vincado na horizontal. Manuscrito a tinta preta no rosto, com intervenções posteriores numa outra caneta, havendo ainda dois testemunhos parciais do soneto “Imagens que passaes pela retina”, de Camilo Pessanha. No verso, lê-se, manuscrito a lápis de carvão, um testemunho completo do mesmo soneto de Pessanha, numa letra que não é a de Fernando Pessoa. Estando dobrado em bifólio, o suporte foi prejudicado por uma queimadura que atravessa os dois fólios em dois sítios distintos. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 355) e uma mais recente (117 EN-92, a lápis).



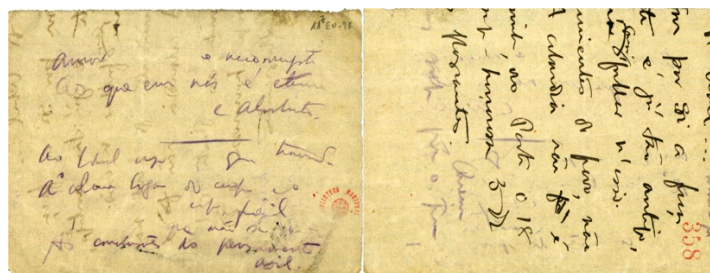
117 EN-93. Dimensões: 170 × 107 mm. Fragmento de papel avergado (cf. PESSOA, 2018: 394-95) com duas margens irregulares. Manuscrito a lápis de carvão. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 356, no verso) e uma mais recente (117 EN-93, a lápis).



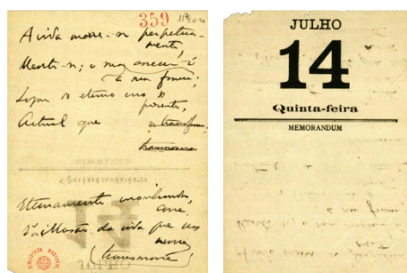
117 EN-94. Dimensões: 171 × 225 mm. Fragmento de papel avergado (cf. PESSOA, 2018: 394-95) com margens irregulares. Manuscrito a lápis roxo, contendo, no rosto, a atribuição “Portugal | Ult[im]o Canto | Principio”, seguida da numeração “2”. No canto inferior direito do rosto, lê-se a indicação “over” e, no verso, a numeração “3”. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 357) e uma mais recente (117 EN-94, a lápis).



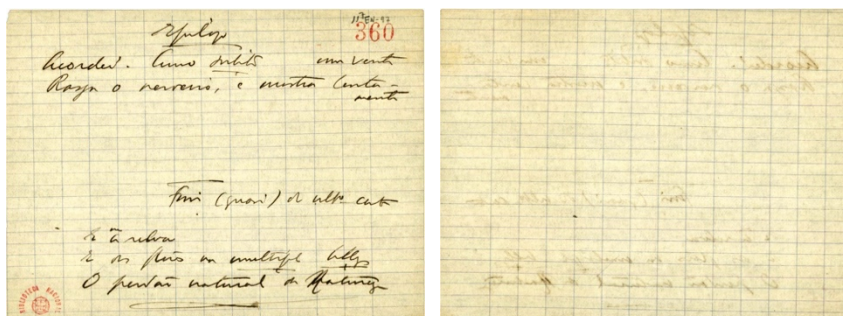
117 EN-95. Dimensões: 120 × 88 mm. Pequeno pedaço de “guardanapo pardo” (cf. PESSOA, 2018: 391) com as quatro margens irregulares. Manuscrito a lápis roxo. No verso, há parte de um outro texto, manuscrito a tinta preta, em português; considerando-se os trechos de frases visíveis, lê-se “de Abril... | † por si a força | † é já tão antigo, | [↑ quase,] fallar n'isso. | [conh]ecimentos do povo, não | A cobardia não <foi> é | †, no Porto o 18 | †-horrorosa 5 de | † flagrantes.”. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 358, no verso) e uma mais recente (117 EN-95, a lápis).



117 EN-96. Dimensões: 86 × 115 mm, pela orientação da face impressa. Um pequeno papel, provavelmente o destacável de um calendário, tendo no verso a indicação “JULHO | 14 | Quinta-feira | MEMORANDUM” (datável de 1910, tal como 117 EN-4, 53, 78, & 80, por o dia da semana corresponder ao dia do mês naquele ano). Um canto do picotado encontra-se rasgado. Manuscrito a tinta preta na face não impressa. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 359) e uma mais recente (117 EN-96, a lápis).

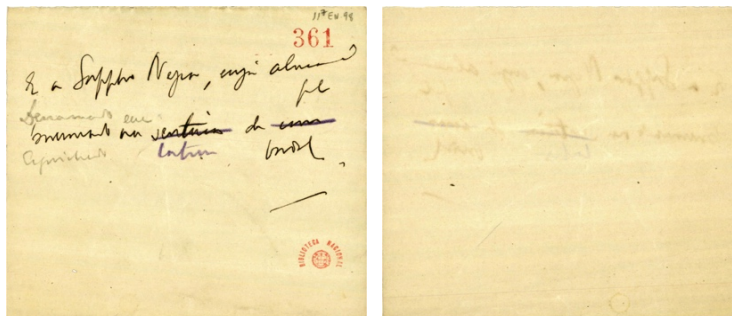


117 EN-97. Dimensões: 135 × 102 mm. Pequeno pedaço de folha de papel quadriculado, com linhas azuis, com duas margens irregulares. Manuscrito a tinta preta no rosto, com o verso em branco. Lêem-se duas indicações: “Epilogo” e “Fim (quasi) do ult.º capitulo”. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 360) e uma mais recente (117 EN-97, a lápis).

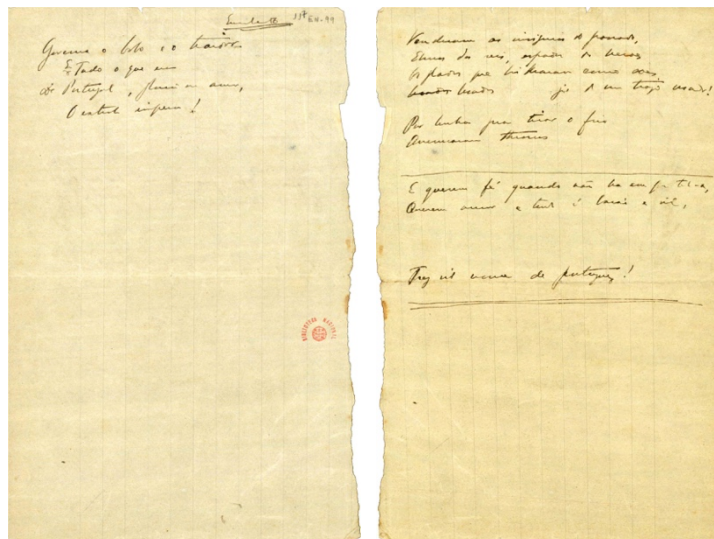


117 EN-98. Dimensões: 113 × 101 mm. Pequeno pedaço de papel liso, com margens irregulares. Manuscrito a tinta preta, com intervenções posteriores a lápis de carvão e a lápis roxo. Note-se que a imagem da “Sappho Negra” reaparece no “Soneto

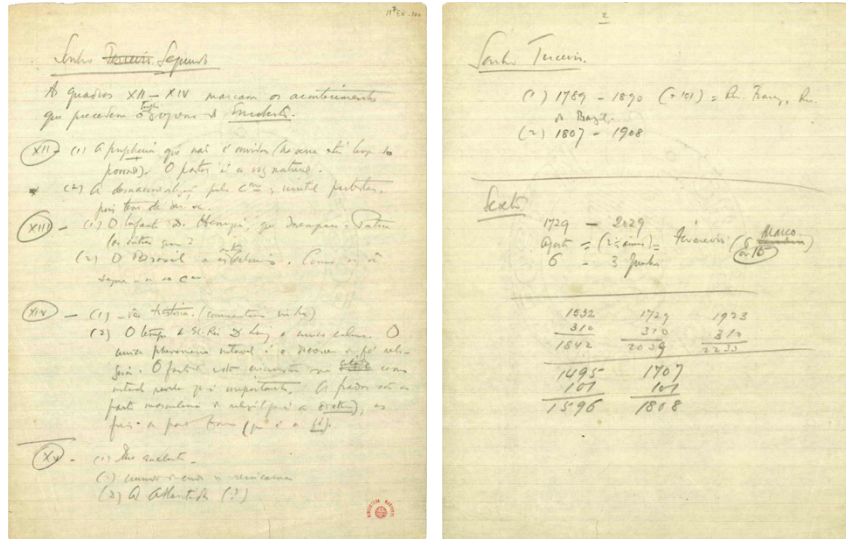
Positivo” (PITTELLA, 2012: 130 & 252-3), que Pessoa data de “17/8/[19]10” (BNP/E3, 37-22), permitindo-nos conjecturar a proximidade temporal dos dois textos. Possui duas cotas, uma mais antiga (selo vermelho, com número 361) e uma mais recente (117 EN-98, a lápis).



117 EN-99. Dimensões: 135 × 214 mm. Fragmento de papel pautado com linhas pretas quase imperceptíveis, vincado na horizontal. Manuscrito a tinta preta acastanhada. Há apenas a cota mais recente 117 EN-99, a lápis; na ausência da cota mais antiga (a carimbo), conjectura-se que esta peça tenha entrado no conjunto tardiamente, durante uma segunda fase de inventariação do espólio.



117 EN-100. Dimensões: 135 × 214 mm. Folha de papel pautado com linhas pretas quase imperceptíveis. Manuscrito a lápis de carvão. No verso, lê-se ao alto e centrada a numeração “2”. Consta a marca d’água com logótipo “GRAHAMS | BANK POST”. Tal como com 117 EN-99, há apenas a cota mais recente (117 EN-100), a lápis; na ausência da cota mais antiga (a carimbo), conjectura-se que esta peça tenha entrado no conjunto tardiamente, durante uma segunda fase de inventariação. Trata-se, não de versos, mas de um plano de distribuição de sonhos que talvez tenha mais relação com o projecto *Bandarra* do que com *Portugal*.



Sonho <Terceiro> Segundo

- As quadras XII-XIV marcam os acontecimentos que precedem o [↑ triplo] regresso do *Encoberto*.
- XII – (1) A /prophesia/ que não é ouvida (na scena está longe do *povoado). O pastor é a voz natural.
 (2) A desnacionalização pelo C^{mo}; inutil protestar, pois tem de dar-se.
- XIII – (1) O Infante D. Henrique, que *desempaca a Patria (as outras quem?)
 (2) O Brasil e as [↑ outras] colonias. Como se vê | Segue-se ao C.^{mo}
- XIV – (1) Vêr Historia (commentarios in †)
 (2) O tempo de El-Rei D. Luiz o unico calmo. O unico phenomeno notavel é o decrescer da fé religiosa. O facto de esta circumstancia ser <*notada> [↑ citada] como natural revela que é importante. Os frades são a parte masculina da religião (que é a doutrina); as freiras a parte fem[inina] (que é a fé).
- XV – (1) Ilha Encoberta –
 (2) Mundo de onde se reincarna
 (3) A Atlantida (?)

Sonho Terceiro.

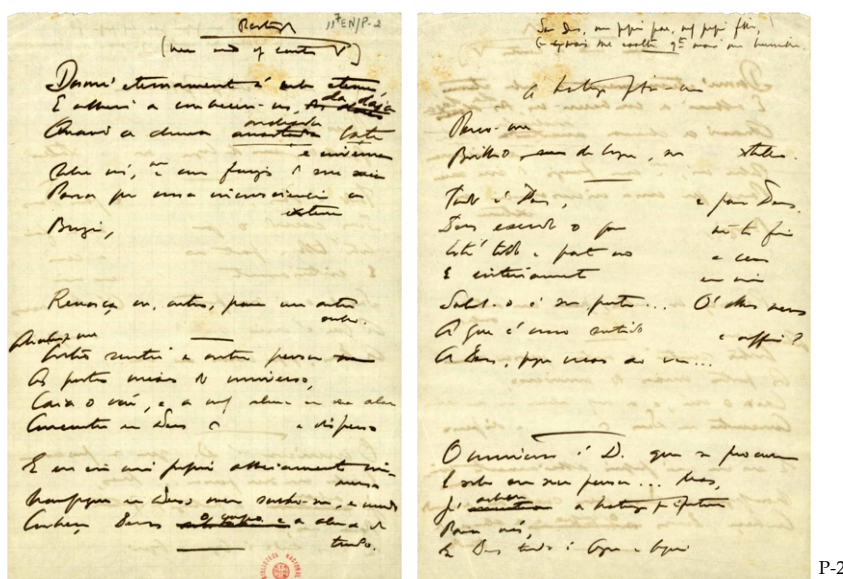
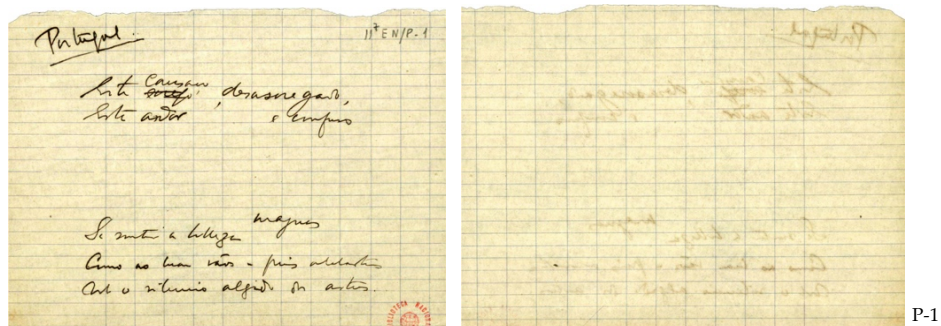
- (1) 1789-1890 (+ 101) = Rev. Franceza, Rev. do Brazil.
 (2) 1807-1908 ||

Sexto.

1729 – 2029
 Agosto = (2 ½ annos) = Feveireiro (6 [↓ ou 1<5>/6\] <Feveireiro> [↑ Março])
 6 – 3 de Junho

1532	1729	1923
<u>310</u>	<u>310</u>	<u>310</u>
1842	2039	2233
1495	1707	
<u>101</u>	<u>101</u>	
1596	1808	

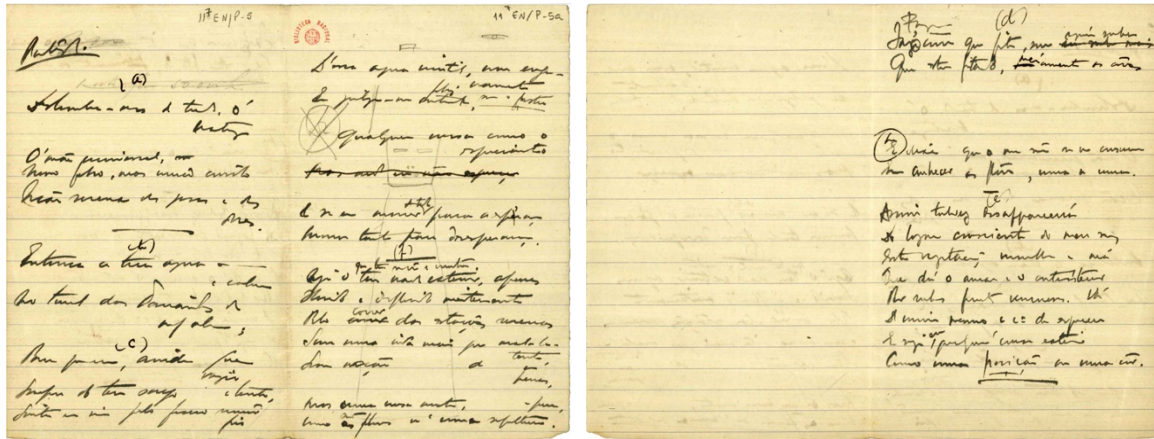
11⁷ EN / P-1. Dimensões: 136 × 101 mm. Pequeno pedaço de folha quadriculada com linhas azuis. Manuscrito a tinta preta no rosto. Há apenas a cota a lápis (11⁷ EN-P-1); na ausência da cota mais antiga (a carimbo), conjectura-se que a peça tenha entrado no conjunto numa segunda fase de inventariação.



11⁷ EN / P-2. Dimensões: 136 × 197 mm. Folha quadriculada no rosto com linhas muito ténues, com picotado e manchas evidentes na margem superior. Manuscrita a tinta preta. Há apenas a cota a lápis (11⁷ EN-P-2); na ausência da cota mais antiga (a carimbo), conjectura-se que a peça tenha entrado no conjunto numa segunda fase de inventariação (tal como os demais papéis de 11⁷ EN / P).

11⁷ EN / P-3. Dimensões: 136 × 198 mm. Folha quadriculada no rosto com linhas muito ténues, com picotado e manchas evidentes na margem superior (materialmente afim a 11⁷ EN-P-2). Manuscrita a tinta preta. Há apenas a cota a lápis (11⁷ EN-P-3); na ausência da cota mais antiga (a carimbo), conjectura-se que a peça tenha entrado no conjunto numa segunda fase de inventariação.

117 EN / P-5/5a. Dimensões: 214 × 163 mm, com o bifólio aberto. Bifólio pautado com linhas azuis, com duas margens irregulares. Manuscrito a tinta preta, havendo também, no rosto, algumas intervenções e um desenho a lápis de carvão. Há apenas a cota a lápis (117 EN-P-5/5a); na ausência da cota mais antiga (a carimbo), conjectura-se que a peça tenha entrado no conjunto numa segunda fase de inventariação.



IV. BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Onésimo Teotónio (2014). *Pessoa, Portugal e o futuro*. Prefácio de George Monteiro. Lisboa: Gradiva.
- ANSELMO, Artur (2015). *História do Livro e Filologia*. Lisboa: Guimarães / Babel.
- BARRETO, José. (2012). “O mago e o louco: Fernando Pessoa e Alberto da Cunha Dias”. *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 1, Primavera, pp. 70-138. <https://doi.org/10.7301/Z0FX77NG>
- BERARDINELLI, Cleonice (1995). “Mensagem”. In: *Flores Verbais*. Uma homenagem linguística e literária para Eneida do Rego Monteiro Bomfim no seu 70º aniversário, Jürgen Heye (ed.). Rio de Janeiro: Editora 34 (Nova Fronteira), pp. 405-414.
- BLANCO, José (2008). *Pessoana*. Lisboa: Assírio & Alvim. (2 vols).
- ____ (2007). “A verdade sobre a Mensagem”. In: *A Arca de Pessoa: novos ensaios*, Steffen Dix, Jerónimo Pizarro (eds.). Lisboa: Imprensa do Instituto de Ciências Sociais, pp. 147-158.
- CASA FERNANDO PESSOA (s/d). *Bibliografia Activa e Passiva existente na Biblioteca da Casa Fernando Pessoa*. <http://catalogobiblioteca.casafernandopessoa.pt>
- CIRURGIÃO, António (1990). *O “Olhar Esfíngico” da Mensagem de Pessoa e a Concordância*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Ministério da Educação.
- CUNHA, Teresa Sobral; SOUSA, João Rui de (1985) (eds.). *Fernando Pessoa: o último ano*. Exposição comemorativa do cinquentenário da morte de Fernando Pessoa. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- FERRARI, Patricio; PITTELLA, Carlos (2018). “The Poems of Frederick Wyatt”. In: *Inside the Mask: The English Poetry of Fernando Pessoa*, Patricio Ferrari (ed.). Providence: Gávea-Brown, pp. 226-263). Primeira publicação em *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 10, Outono, pp. 226-301. <https://doi.org/10.7301/Z00863H2>
- FERREIRA, António Mega (2005). *Fazer pela Vida: um retrato de Fernando Pessoa, o empreendedor*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- GALHOZ, Maria Aliete (2007). “O texto-base de Mensagem”. In: *As Mãos da Escrita: 25 anos do arquivo de cultura portuguesa contemporânea*. Luiz Fagundes Duarte, António Braz de Oliveira (org.); Fátima Lopes (coord. técnica); Cecília Matos (web design). Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal. <http://purl.pt/13858>
- LOPES, Teresa Rita et al. (1995). *Fernando Pessoa: a biblioteca impossível*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais; Pelouro da Cultura.
- PESSOA, Fernando (2018a). *Mensagem e Poemas Publicados em Vida*. Edição de Luiz Fagundes Duarte. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (colecção “Edição Crítica de Fernando Pessoa”, série maior, vol. I).
- ____ (2018b). *Fausto*. Edição de Carlos Pittella; com a colaboração de Filipa de Freitas. Lisboa: Tinta-da-china (colecção “Pessoa”).
- ____ (2017). *Teatro Estático*. Edição de Filipa de Freitas e Patricio Ferrari; com a colaboração de Claudia J. Fischer. Lisboa: Tinta-da-china (colecção “Pessoa”).
- ____ (2014). *Poèmes français*. Édition établie et annotée par Patricio Ferrari avec la collaboration de Patrick Quillier. Paris : Éditions de la Différence.
- ____ (2007). *Mensagem*. Organização e introdução de Caio Gagliardi. São Paulo: Hedra.
- ____ (2005 [1969]). *Obra Poética – volume único*. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 3.ª ed.
- ____ (1988). *Fausto – Tragédia Subjectiva (fragmentos)*. Estabelecimento do texto, ordenação, nota à edição e notas de Teresa Sobral Cunha; prefácio de Eduardo Lourenço. Lisboa: Presença.
- ____ (1997). *Poemas Ingleses II. Poemas de Alexander Search*. Edição de João Dionísio. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Colecção “Edição Crítica de Fernando Pessoa”, série maior, vol. V, tomo II).

- _____ (1996 [1993]). *Mensagem – Poemas esotéricos*. Edição crítica coordenada por José Augusto Seabra. Madrid: ALLCA XX / Edições UNESCO. Coleção “Archivos”, n.º 28, 2.ª ed.
- _____ (1968). *Textos Filosóficos*, vol. II. Estabelecidos e prefaciados por António de Pina Coelho. Lisboa: Ática.
- _____ (1945). *Mensagem*. Lisboa: Ática. Coleção “Obras completas de Fernando Pessoa”, n.º 5.
- _____ (1941). *Mensagem*. Lisboa: Agência Geral das Colónias.
- _____ (1934). *Mensagem*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira.
- PITTELLA, Carlos (2017a). “Juliano Apóstata: um poema em três arquivos”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 12, Outono, pp. 457-487. <https://doi.org/10.7301/Z0K935RH>
- _____ (2017b). “Transcrittore Traditore: transcrições indecidíveis nos manuscritos de Fernando Pessoa”. *Manuscritica* n.º 32. APCG & USP, pp. 88-106.
- _____ (2016). *Eu Sou Uma Antologia: 136 autores fictícios*. Edição de Jerónimo Pizarro & Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta-da-china (col. “Pessoa”), 2ª ed. [1ª ed.: 2013].
- _____ (2015). “‘Alma de Corno’ Revisited: mais fragmentos malditos de Fernando Pessoa”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 7, Primavera, pp. 182-193. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0RX99KZ>
- _____ (2014). “Noturnos de Pessoa – Noite, Morte & Temporalidade nos Sonetos de Fernando Pessoa”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 16, Outono, pp. 125-151. <https://doi.org/10.7301/Z0PZ579R>
- _____ (2012). *Pequenos Infinitos em Pessoa: uma aventura filológico-literária pelos sonetos de Fernando Pessoa*. Tese de doutoramento. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, PUC-Rio. <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.30086>
- PITTELLA, Carlos; PIZARRO, Jerónimo (2017). *Como Fernando Pessoa Pode Mudar a Sua Vida*. Lisboa: Tinta-da-china.
- PIZARRO, Jerónimo (2003). “Antero de Quental, entre contradições e esquecimentos”. *Estudos Anterianos*, n.º 11-12, pp. 55-71.
- PIZARRO, Jerónimo; BARRETO, José (2014). “O caderno 20 ou caderno das Visões”. *Pessoa Plural Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 12, Outono, pp. 103-167. <https://doi.org/10.7301/Z0H70D94>.
- PRISTA, Luís (1998). “Sombras e sonhos na fixação de quadras de Pessoa”. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n.º 11. Lisboa: Colibri, pp. 197-213.
- QUESADO, Clécio (2014). *Mensagem, de Pessoa – labirintos de um poema*. Rio Bonito: Almadena.
- SAMARA, Maria Alice Dias de Albergaria (2010). *As Repúblicas da República: História, Cultura Política e Republicanismo*. Tese de doutoramento. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10362/5572>
- SEABRA, José Augusto (1996). *O Coração do Texto / Le Coeur du Texte: novos ensaios pessoanos*. Lisboa: Cosmos.
- SEPÚLVEDA, Pedro; URIBE, Jorge (2016). *O Planeamento Editorial de Fernando Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- VASCONCELOS, Ricardo (2017) (ed.). “Special Issue: New Insights into Portuguese Modernism from the Fernando Távora Collection”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 12, Outono. <https://doi.org/10.7301/Z0QV3JRT>
- VERÍSSIMO, Artur (2000). *Dicionário da Mensagem*. Porto: Areal.

NICOLÁS BARBOSA é formado em Literatura (2012) pela Universidad de los Andes e actualmente completa o doutoramento em literatura portuguesa da Brown University. É responsável pela publicação em espanhol de quase 20 obras de autores lusófonos como Fernando Pessoa e José de Almada Negreiros, incluídas as edições bilingues *El banquero anarquista*, *El marinero*, *Mensaje* (Tragaluz, 2013, 2015 e 2018) e *Pessoa múltiple* (FCE, 2016). Participou na edição digital do *Fausto* de Pessoa, liderada pelo Centro de Estudos de Teatro (Universidade de Lisboa). Como consultor cultural, tem trabalhado para as embaixadas neerlandesa e sueca, organizando a participação destes países como Convidados de Honra na Feira Internacional do Livro de Bogotá.

NICOLÁS BARBOSA holds a Bachelor of Arts (2012) in Literature from Universidad de los Andes and is a PhD candidate in Portuguese Literature at Brown University. He is responsible for the Spanish translation of over a dozen works of Portuguese-speaking authors, such as Fernando Pessoa and José de Almada Negreiros, and has published the following bilingual editions: *El banquero anarquista*, *El marinero*, *Mensaje* (Tragaluz, 2013, 2015 and 2018) and *Pessoa múltiple* (FCE, 2016). Barbosa participated in the digital edition of Pessoa's *Fausto*, led by the Centro de Estudos de Teatro (University of Lisbon). As a cultural consultant, he has worked for the Dutch and Swedish Embassies in Colombia, organizing their participation as Guests of Honor in Bogotá's International Book Fair.

— — —

JERÓNIMO PIZARRO é Professor da Universidad de los Andes, Titular da Cátedra de Estudos Portugueses do Instituto Camões na Colômbia e Doutor pelas Universidades de Harvard (2008) e de Lisboa (2006), em Literaturas Hispânicas e Linguística Portuguesa. No âmbito da Edição Crítica das Obras de Fernando Pessoa, publicadas pela INCM, contribuiu com sete volumes, sendo o último a primeira edição crítica de *Livro do Desasocego*. Em 2010 a D. Quixote publicou *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa*, livro que preparou com Patricio Ferrari e Antonio Cardiello, depois de os três coordenarem a digitalização dessa biblioteca com o apoio da Casa Fernando Pessoa. Em 2011 a Legenda publicou o livro *Portuguese Modernisms in Literature and the Visual Arts*, co-organizado com Steffen Dix, com quem já tinha co-editado, em 2008, um número especial da revista *Portuguese Studies* e, em 2007, um livro de ensaios, *A Arca de Pessoa*. De 2011-2013 Pizarro foi o Coordenador de duas novas séries da Ática (1. Fernando Pessoa | Obras; 2. Fernando Pessoa | Ensaística), contribuindo com mais de dez volumes. Actualmente dirige a "Coleção Pessoa" da Tinta-da-china. Em 2013 foi o Comissário da visita de Portugal à Feira Internacional do Livro de Bogotá (FILBo) e ganhou o Prémio Eduardo Lourenço.

JERÓNIMO PIZARRO is Professor at the Universidad de los Andes and holds the Camões Institute Chair of Portuguese Studies in Colombia. He holds a PhD in Hispanic Literatures (2008, Harvard University) and a PhD in Portuguese Linguistics (2006, Universidade de Lisboa). He contributed seven volumes to the critical edition of Fernando Pessoa's *Works* published by the INCM, the last volume being the first critical edition of the *Livro do Desasocego* [*The Book of Disquiet*]. *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa* was published by D. Quixote in 2010; this book was prepared with Patricio Ferrari and Antonio Cardiello, the other two coordinators involved in digitizing Pessoa's private library with the support of Casa Fernando Pessoa. Together with Steffen Dix, he co-organized *Portuguese Modernisms in Literature and the Visual Arts*, which was published by Legenda in 2011; also with Dix, he co-edited a special issue of *Portuguese Studies*

(2008) and a book of essays, *A Arca de Pessoa* [Pessoa's Trunk] (2007). Pizarro was the editor-in-chief of two new *Ática's* series (1. Fernando Pessoa | Works; 2. Fernando Pessoa | Studies), and he contributed with more than ten volumes. Currently he is in charge of Tinta-da-China's "Coleção Pessoa". In 2013 he was the Program Director of Portugal's visit to the International Book Fair of Bogotá and he won the Eduardo Lourenço Prize.

— — —

CARLOS PITTELLA é poeta, pesquisador e educador, autor do poemário *Civilizações Volume Dois* (Palimage, 2005), coautor (com Jerónimo Pizarro) de *Como Fernando Pessoa Pode Mudar a Sua Vida* (Tinta-da-china, 2017), editor do *Fausto* de Pessoa (Tinta-da-china, 2018) e de *Fernando Pessoa, The Poet with Many Faces*, a biografia pessoana escrita por Hubert Jennings (Tinta-da-china, 2019). É mestre e doutor em Letras pela PUC-Rio, tendo defendido a sua tese doutoral sobre os sonetos portugueses, ingleses e franceses de Pessoa. De 2010 a 2014, trabalhou no instituto Global Citizenship Experience, em Chicago, onde foi professor titular por dois anos. Em 2012, recebeu uma bolsa BNP/FLAD para investigar o espólio pessoano. Em 2014-2015, passou nove meses viajando por terra, entre Portugal e Nepal. Em 2015, foi o editor convidado do número especial "Jennings" de *Pessoa Plural*, também lançado como o livro *People of the Archive* (Gávea-Brown, 2016). Pittella organizou um colóquio sobre o arquivo Jennings na Brown University (2016), onde trabalhou até 2019 como *postdoctoral research associate* para o Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros, enquanto coordenava o piloto Journals@BDR, um projeto de organização e divulgação de periódicos da Brown em acesso aberto. Pittella publica regularmente poemas e artigos em revistas dedicadas à literatura e, desde 2015, é investigador afiliado ao Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CET/FLUL).

CARLOS PITTELLA is a poet, researcher and educator, author of the poetry book *Civilizações Volume Dois* (Palimage, 2005), co-author (with Jerónimo Pizarro) of *Como Fernando Pessoa Pode Mudar a Sua Vida* (Tinta-da-china, 2017), editor of Pessoa's *Fausto* (Tinta-da-china, 2018) and of *Fernando Pessoa, The Poet with Many Faces*, Hubert Jennings's biography of the poet (Tinta-da-china, 2019). He holds a master's and a PhD in literary studies, both from PUC-Rio, having defended his doctoral thesis on the Portuguese, English, and French sonnets of Pessoa. From 2010 to 2014, he worked at Global Citizenship Experience, in Chicago, serving as curriculum chair for two years. In 2012, he received a BNP/FLAD grant to do research on Pessoa's archive. In 2014-2015, he traveled by land for nine months, attempting to go from Portugal to Nepal. In 2015, he was the guest-editor of *Pessoa Plural's* special "Jennings" issue, which was later printed as the book *People of the Archive* (Gávea-Brown, 2016). He organized a colloquium on Jennings at Brown University (2016), where he worked until 2019 as postdoctoral research associate for the Department of Portuguese and Brazilian Studies, while also coordinating the pilot Journals@BDR, an open-access project dedicated to organize and divulge Brown's scientific journals. Pittella regularly publishes poems and articles in specialized periodicals and, since 2015, is affiliated with the Centre for Theatre Studies (CET) of the University of Lisbon.

— — —

RUI SOUSA concluiu Licenciatura em Estudos Portugueses e Mestrado em Estudos Românicos – Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea – pela FLUL, tendo também concluído recentemente Doutoramento em Estudos de Literatura e de Cultura pela mesma universidade, com uma tese dedicada ao conceito de Libertino em Luiz Pacheco. Investigador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL). Publicou ensaios sobre Fernando Pessoa, Ronald de Carvalho e Eduardo Guimaraens na antologia *1915 – O Ano do Orpheu*, coordenada por Steffen Dix, e em números recentes da *Pessoa Plural*. Colabora no projeto do CLEPUL dedicado ao estudo da Cultura Negativa, nomeadamente no *Dicionário dos Antis* (2018). Coordenou um livro dedicado ao período entre 1912 e 2012 na Literatura Portuguesa, *A Dinâmica dos Olhares – Cem Anos de Literatura e Cultura em Portugal*, em parceria com Ernesto Rodrigues (2017). Coordenou a preparação dos Congressos Internacionais *Portugal no tempo de Fialho de Almeida* (2011) e *Surrealismo(s) em Portugal – nos 60 anos da morte de António Maria Lisboa* (2013). Fez parte da Comissão Organizadora do Congresso *Orpheu 100* (2015).

RUI SOUSA graduated in Portuguese Studies and obtained a Master's degree in Romanic Studies—Modern and Contemporary Portuguese Literature—from the Faculty of Letters of the University of Lisbon. He recently obtained his PhD, with a dissertation dedicated to the concept of the libertine in Luiz Pacheco. He is a researcher of the Centre for Lusophone and European Literatures and Cultures at the Faculty of Letters of the University of Lisbon (CLEPUL). He has published essays on Ronald de Carvalho and Eduardo Guimaraens, in *Pessoa Plural* and in the anthology *1915—The Year of Orpheu* (2015) coordinated by Steffen Dix. He collaborates in a CLEPUL project dedicated to the study of Negative Culture, namely in the *Dictionary of Antis* (2018). He organized, with Ernesto Rodrigues, an anthology devoted to the period 1912-2012 in Portuguese Literature: *A Dinâmica dos Olhares—Cem Anos de Literatura e Cultura em Portugal* (2017). He also organized the International Congresses *Portugal no Tempo de Fialho de Almeida* (2011) and *Surrealismo(s) em Portugal—Nos 60 anos da morte de António Maria Lisboa* (2013). Sousa also took part in organizing the *Orpheu 100* Congress (2015).